

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Maria Lygia Cardoso Köpke Santos

**ENTRE LOUÇAS, PIANOS, LIVROS E IMPRESSOS:
A CASA LIVRO AZUL – 1876-1958**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Metodologia do Ensino da
Faculdade de Educação da Universidade Estadual
de Campinas, sob orientação da Prof^a Dr^a Norma
Sandra de Almeida Ferreira.

**Campinas
2004**

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

Santos, Maria Lygia Cardoso Kopke.
Sa59e Entre louças, pianos, livros e impressos : A Casa Livro Azul – 1876-1958 /
Maria Lygia Cardoso Kopke Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador : Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Livros. 2. Escrita. 3. Leitura. 4. Impressos. I. Ferreira, Norma Sandra de
Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
III. Título.

04-024-BFE

À

Norma, por cujas mãos iniciei estes estudos,

À D. Amélia, pelo seu exemplo de vida

e a todos que não desanimam e persistem....

Agradecimentos

Produzir este trabalho acadêmico chamado “dissertação” significou para mim uma grande viagem. Viagem ao passado de Campinas, à sua história cultural, aos seus problemas e às suas glórias. Problemas como ausência de saneamento básico, lixo e esgoto a céu aberto, epidemias, lazaretos, transporte público precário e iluminação quase inexistente. Por outro lado, glórias como Antonio Benedicto de Castro Mendes, pelo qual me “apaixonei” desde o início. Grande comerciante, amante das artes, dos artistas e da cultura; homem empreendedor, que soube reconhecer, acima de tudo, o valor das pessoas que o cercaram e que muito contribuíram para o seu fortalecimento. Glórias como Carlos Gomes, Coelho Neto, Francisco Quirino, Carolina Florence, e outras personalidades que, embora públicas, eu pouco conhecia.

Percorri os caminhos da Campinas do século XIX e começo do XX, li muito, conversei muito, pesquisei muito. E por estes caminhos encontrei pessoas que muito me ajudaram, e que, assim como eu, se encantaram com a CASA LIVRO AZUL. Neste momento, faço questão de agradecer, em especial:

- à Norma, minha querida orientadora, que muito me ajudou, que teve tanta paciência de ler e reler inúmeras vezes estes capítulos e que sempre me apoiou, acreditando e se entusiasmando com este trabalho;

- às minhas boas senhoras: D. Marili, D. Lúcia, D. Margarida, D. Cidinha, D. Alice e D. Célia, grandes leitoras, grandes colaboradoras, que, com informações e lembranças, deram o impulso inicial para os primeiros percursos deste trabalho;
- ao Sr. Bráulio (in memorian) e Sérgio Leite, pelas suas histórias, pelos seus livros, pelas suas lembranças;
- à Maria Luiza Pinto de Moura, bibliotecária do Centro de Ciências Letras e Artes, que sempre encontrava algum artigo que podia me interessar e me esperava com uma pasta “prontinha”, cheia de material. Pelas nossas tardes agradáveis na biblioteca, e pelas longas conversas sobre a Campinas de sua mocidade;
- à Íris, que tão gentilmente se prontificou a me ajudar com as últimas pesquisas nos jornais microfilmados do Arquivo Edgard Leuenroth;
- ao sr. Antonio, do arquivo do Correio Popular, que sempre me recebeu com boa vontade e disposição para ajudar;
- ao Jornal Correio Popular que disponibilizou seus arquivos e microfilmes;
- ao Grupo de Pesquisa ALLE, da Faculdade de Educação, pelo apoio e colaboração, em especial à Elizabete, à Luciane e à professora LÍlian;

- às minhas colaboradoras da Biblioteca da Escola Comunitária, Mônica, Daniela e Camila, que, de boa vontade, “quebravam meu galho” durante minhas ausências;
- ao Alexandre, meu filho, que tantas vezes *escaneou* e fotografou livros e imagens, sem reclamar;
- à Carol, que, servindo de correio e, com muita paciência, retirou e devolveu inúmeros livros das Bibliotecas da Unicamp, levando e trazendo também capítulos do escaninho da Norma. Tenho que agradecer-lhe ainda a grande colaboração na elaboração do “abstract”;
- à Leda, minha querida colega, que, com muita dedicação e carinho se dispôs, com toda boa vontade, a fazer a revisão final do texto;
- e acima de tudo, ao Quim e filhos, Felipe e Ana Carolina, que tiveram tanta paciência em esperar pelos meus finais de semana “perdidos” em longas horas diante dos livros e do computador;

A todos, meu reconhecimento e meus sinceros agradecimentos.

*Andei pelo passado através de papéis. Papéis antigos,
saídos de sótãos, com aspecto velho...*

*Desses papéis, a memória reconstrói lembranças de
lugares, de pessoas e de práticas sociais como um velho
álbum de família cujos retratos permitem reconstruir o
ontem, o antes de ontem e o antes de antes de ontem.*

Lilian Maria de Lacerda

SUMÁRIO

Apresentação	1
Introdução	7
1. Garimpando velhos papéis	15
2. Dialogando com o presente	25
3. A Casa Livro Azul – sua história	31
3.1. A. B. de Castro Mendes	32
3.2. Cleso de Castro Mendes	47
4. Buscando sentidos	53
4.1. As propagandas	59
5. Pelas propagandas: a tipografia	63
6. Pelas propagandas: a papelaria	95
7. Pelas propagandas: a livraria	113
8. Considerações finais	151
9. Fontes e bibliografia	157
10. Anexos	
Anexo 1. Entrevistas	165
Anexo 2. Livros publicados	193

Resumo

A partir do estudo das propagandas publicadas pela CASA LIVRO AZUL nos principais jornais de Campinas-SP, da leitura dos Memoriais Comemorativos de Aniversário publicados por seus proprietários e de depoimentos de antigos freqüentadores e descendentes, procura-se analisar como esta loja anunciava seus produtos e mercadorias para uma sociedade que se iniciava no mundo *escriturístico* e ainda estava pouco familiarizada com uma tipografia, papelaria e livraria locais. Busca-se, também, observar como a escrita e seus suportes vão se diversificando e penetrando numa sociedade que se moderniza e profissionaliza e como os anúncios podem ser indicadores de uma construção e permanência de uma certa consciência tipográfica de uma comunidade de consumidores que parece ter desaparecido para nós, quando os materiais impressos tornam-se objetos familiares, espalhados no nosso cotidiano doméstico e profissional, prontamente e de maneira fácil, adquiridos em qualquer canto de nossa cidade.

Abstract

Analyzing advertisements published by CASA LIVRO AZUL at the main Campinas news and reading the Anniversary Commemorative Memorials published by both its owners and the depositions of old users, this material tries to study and analyze how that stores' products were advertised to a society in the beginning of a writing world, as well as not used to typography, stationary and book local stores. As writing and its resources tend to diversify and make part of a modernizing and professional society and as advertisements may indicate a kind of a starting consumers society typographical conscience, which seems to have disappeared in our days, when printed matters turn into familiar objects, spreaded around our domestic and professional daily lives, easily and readily acquired in any part of our city.

Apresentação

O objetivo fundamental deste trabalho foi, a partir do material existente sobre a CASA LIVRO AZUL e suas propagandas, tentar uma aproximação com a cultura escrita, seus objetos, produtos e suportes, em sua relação com uma sociedade que se burocratiza, moderniza e industrializa em Campinas, na virada do século XIX para o XX.

Desta forma, partindo da análise dos Memoriais Comemorativos de Aniversário da própria CASA, das propagandas publicadas nos jornais *Diário de Campinas*, *Cidade de Campinas*, *Gazeta de Campinas* e de depoimentos de antigos freqüentadores e descendentes dos proprietários, procuro compreender como os setores de tipografia, papelaria e livraria nasceram e se desenvolveram na cidade, atendendo às necessidades de consumo daquela população ainda acostumada aos produtos importados e recém-saída do mundo mais ligado à oralidade. Agora já não bastava mais a *palavra dada*, era preciso registrar, anotar, detalhar em atas e cartórios.

O desenvolvimento industrial e agrícola, resultante da grande produção e comercialização de café, aliado à necessidade de mão de obra estrangeira e assalariada provocou na cidade um grande surto de crescimento educacional e cultural, que passou a abrigar artistas, políticos e intelectuais de renome nacional. Disto decorreram novas necessidades culturais: papéis de todo tipo, diversos cartões e produtos impressos para atender ao comércio e à população escolar, livros de caráter oficial, como atas e leis, livros didáticos, cadernos para diversas atividades profissionais, tintas, canetas e toda sorte de

quinquilharias nacionais e importadas. Como se relacionaria esta sociedade com este novo mundo *escriturístico*? Qual o lugar que o papel, o livro e o impresso passam a ocupar nesta cidade? São questões como estas que procuro esclarecer neste trabalho.

Na *Introdução* especifico como cheguei à CASA LIVRO AZUL, que caminhos percorri para chegar até ela. O ponto de partida é a história de leitura de cinco mulheres que têm em comum a cidade de Campinas e a paixão pelos livros. Registro trechos de seus depoimentos em que citam antigas práticas e espaços de circulação de livros.

No segundo capítulo, *Garimpendo velhos papéis*, explico as fontes documentais de que me utilizei: Jornal *Gazeta de Campinas*, de 1869 a 1888; Jornal *Diário de Campinas*, de 1875 a 1900; Jornal *Cidade de Campinas*, de 1896 a 1910. Os Memoriais Comemorativos de Aniversário: Memorial comemorativo do cincocentenário de sua fundação, 1876-1926; Memorial comemorativo do 60º aniversário de sua fundação, 1876-1936; Memorial comemorativo do 70º aniversário de sua fundação, 1876-1946 e Memorial comemorativo do 75º aniversário de sua fundação, 1876-1951. Este material, escrito pelos proprietários, percorre quase todo o período de existência da loja, desde sua fundação (1876) até 1951, sete anos antes de seu fechamento. Nesta parte, refiro-me também às instituições que permitiram o desenvolvimento desta pesquisa: Arquivo Edgard Leuenroth, Centro de Memória da Unicamp e Centro de Ciências Letras e Artes. Quanto às fontes iconográficas, permitiram-me a ampliação do olhar sobre a LIVRO AZUL, detalhando-me seu maquinário, seus funcionários, sua fachada e interior e, principalmente, fornecendo-me subsídios para “conhecer” seus proprietários.

No terceiro capítulo, *Dialogando com o presente*, reporto-me a outros trabalhos que, assim como o meu, percorrem o universo dos livros, da leitura, dos impressos e da escrita, amparados na História Cultural e em autores como CHARTIER, DARNTON E CERTEAU.

O quarto capítulo, *A Casa Livro Azul – sua história*, traz um perfil de toda sua trajetória, extrapolando os limites impostos pelo recorte temporal limitado pela pesquisa. Nele procuro compreender, através de trechos da voz de seus proprietários (Antonio Benedicto de Castro Mendes e Cleso Castro Mendes), de comentários de descendentes de antigos proprietários e de historiadores conhecidos na cidade, como Leopoldo Amaral e Amaral Lapa, a forma como se situava e relacionava a LIVRO AZUL com a cidade e a sociedade. Esta busca me levou a algumas questões que procuro responder no decorrer deste capítulo: Que condições político-econômicas favoreceram seu surgimento e crescimento? Quem eram seus proprietários e em que medida o desenvolvimento da loja se deveu às suas competências comerciais e financeiras? Quem eram seus freqüentadores e fregueses? Por que permanece no imaginário de muitas pessoas até hoje?

O capítulo cinco, *Buscando sentidos*, está separado por subitens que se referem a diferentes setores da loja: tipografia, papelaria e livraria. Ali penetro no universo das propagandas, numa busca de aproximação com o mundo *escriturístico* e com aquela sociedade que se quer moderna e republicana.

A tipografia da LIVRO AZUL, fundada nos anos 70 do século XIX, em Campinas, recebeu investimentos e melhoramentos de Castro Mendes de forma a torná-la

necessária e imprescindível. A escrita, ao registrar idéias, relações comerciais e sociais em diferentes objetos – cartões postais, cartões de visita, cartões comerciais, calendários, folhetos, folhetins -, estabelece diferentes práticas que passam a ser incorporadas ao dia a dia desta sociedade. Deste modo, a LIVRO AZUL, como representante deste mundo *escriturístico* e moderno, inovou, cresceu e progrediu, acreditando que imprimir com clareza e precisão, de forma barata e em grandes quantidades seria uma alternativa possível e viável, graças às modernas máquinas impressoras que chegavam, importadas, a este novo mundo que apenas iniciava seus passos nas novas tecnologias da comunicação escrita.

No subitem referente à papelaria, procuro responder a algumas questões ligadas aos suportes e instrumentos da escrita, que foram surgindo durante o desenvolvimento deste trabalho. O que seria significativo, de interesse para as pessoas desta sociedade em relação à prática *escriturística*? Que objetos, que suportes da escrita eram nomeados e anunciados como de interesse para esta sociedade? Que lugar os suportes e instrumentos da escrita, os papéis, canetas, tinteiros, vão ocupando nesta sociedade moderna? Se, com a tipografia, a loja dá sustentação a um mundo impresso que se torna necessário, com a papelaria são os suportes e instrumentos da escrita cursiva que estão à disposição desta sociedade. Para uma prática *escriturística*, segundo CERTEAU (2000), há necessidade de um espaço físico próprio, preparado para tal: uma folha em branco, uma pedra, papiro, uma tela de computador; e, ainda, alguns instrumentos necessários: caneta, lápis, penas, tintas, mata-borrão. A LIVRO AZUL oferece estes suportes, blocos de notas, papéis, cadernos e envelopes e alguns instrumentos que pontuaram um tempo, mas que hoje já foram superados e se encontram empoeirados em guardados de antigas famílias, ou

esquecidos em museus: tinteiros de mesa, tinteiros de viagem, penas, mata-borrão, carteiras escolares e pesos para papéis.

No último item, a livraria, constato que há muito poucos anúncios que se referem especificamente a livros. Percorro, então, algumas propagandas que fazem menção a livros na tentativa de “descobrir” que títulos eram publicados pela CASA LIVRO AZUL e por que, quando se falava em leitura e livros, esta loja era sempre citada. Por que o nome LIVRO AZUL, se seu principal produto não eram os livros? Os livros apareciam sempre ao lado de outros impressos, dos serviços de encadernação e do material de papelaria e escritório.

Na realização deste trabalho fui inúmeras vezes surpreendida por informações de pessoas que conheceram a família Castro Mendes, como a bibliotecária do Centro de Ciências Letras e Artes, Maria Luiza Pinto de Moura, ou mesmo descendentes diretos, como o professor Sérgio Leite (FE/UNICAMP). Inúmeras vezes também encontrei em jornais e revistas de hoje referências ou imagens desta loja, da qual nunca ouvira falar antes de iniciar este projeto de pesquisa.

É também importante dizer que esta investigação insere-se no campo da história do livro e da leitura, no qual pesquisadores como DARNTON, CHARTIER, CERTEAU, HALLEWELL, EISENSTEIN, MARTINS, W., dentre outros, têm realizado estudos e pesquisas que muito têm contribuído para o conhecimento do significado da cultura escrita para a formação da sociedade ocidental atual.

Introdução

O livro, sobretudo quando é antigo, ilustrado e precioso, figura freqüentemente entre os objetos que os colecionadores consideram como raridades. Ele participa do inventário do mundo e indica, também, a efemeridade das coisas.

Roger Chartier

Minha relação com os textos e com os livros não é a mesma dos meus antepassados, minha história não é aquela já escrita, não é a mesma lida por leitores de outros tempos, como não será a mesma das gerações futuras. Minha trajetória de leitura, o que já li e ainda vou ler para este meu trabalho, numa produção de sentido que reúne, separa e articula, provavelmente produzirá uma certa prática e uma certa escrita, lida de uma certa maneira, num certo tempo. Uma escrita, ou ainda, uma prática de leitura que teve durante um certo tempo da pesquisa o objetivo de reconstruir a história da leitura em Campinas através de fontes documentais e de memórias de leitura de leitores de outros tempos. Objetivo que percebi, muito rapidamente, ser extenso e ambicioso.

Se pudéssemos compreender como o homem tem lido, poderíamos nos aproximar de um entendimento de como ele compreende a vida; e dessa maneira, da maneira histórica, poderíamos até satisfazer parte de nossa ânsia de significado¹

¹ Robert Darton. História da leitura. IN: Peter Burke (Org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992. (Biblioteca básica). p. 234.

Assim como Robert Darnton, comecei buscando, na história, a história da leitura. A leitura nunca foi, não é e não será a mesma. Diferentes épocas, diversos leitores, diferentes práticas, várias produções de significados, novos gestos de leitura. Como recuperar essa história? O que já foi escrito e lido assume diferentes interpretações a cada nova leitura, a cada novo leitor e, principalmente, a cada novo tempo.

“A leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir.” (DARNTON, 1992, p.212)

Ainda segundo DARNTON (1992), a história da leitura tem respondido satisfatoriamente a questões como quem, o quê, onde e quando lê, mas os porquês e os como ainda não foram desvendados. Isto porque são infinitas as possibilidades de leitura, porque ela não é apenas mais uma habilidade, mas uma maneira particular de criar significados, que pode variar de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. *Como nossos ancestrais viviam em mundos mentais diferentes, devem ter lido de forma diferente, e a história da leitura poderia ser tão complexa quanto a história do pensamento.* (DARNTON, 1992, p. 233).

Assim, é importante destacar como, partindo de um tema tão amplo, foram me ocorrendo indagações acerca da história da leitura em Campinas, no início do século.

Para esclarecer essas dúvidas, fiz, primeiramente, opções de pesquisa que me levaram a uma investigação sobre as práticas e representações de leitura de mulheres, com

mais de 70 anos, nesta cidade.

Desta forma, dei início às minhas buscas, entrevistando inicialmente cinco diferentes mulheres: D. Marili, D. Alice, D. Célia, D. Cidinha e D. Lúcia, que produziram cinco diferentes narrativas. Viveram, de certa forma, na mesma época, pertenceram à mesma sociedade, freqüentaram os mesmos espaços e as mesmas escolas. Filhas de famílias tradicionais, eram leitoras de romances, livros de culinária, de orações. Suas grandes paixões foram M. Delly, Guilherme de Almeida, José de Alencar, Machado de Assis. Muitas histórias semelhantes, muitas coincidências, somente percebidas após os depoimentos.

As entrevistas foram realizadas na casa das depoentes, depois de esclarecidos os objetivos da pesquisa e os motivos pelos quais haviam sido escolhidas. A seleção se baseou no fato de serem reconhecidamente leitoras. Uma rede foi sendo construída aos poucos: era um nome surgido na imprensa, uma que apontava outra, uma indicação aqui, outra informação ali. Aos poucos, a rede foi criando vida.

De posse de um roteiro previamente elaborado, em que constava uma lista de assuntos sobre os quais as depoentes deveriam falar, pedia a elas que iniciassem a entrevista contando sua formação como leitoras. As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, logo após a realização².

² Ver transcrição integral das entrevistas em Anexos.

Fui constatando, pelos depoimentos, que sua formação como leitoras foi sendo “construída” pela família, conforme registram a literatura e muitas outras pesquisas já realizadas³: o gosto pela leitura e o amor aos livros foi sendo transmitido pelos pais, mães, avós e empregadas, que têm o hábito de contar histórias a seus filhos e netos. Esses momentos de leitura em roda, em casa, antes de dormir ou durante as tardes ficam como lembranças queridas, que muitos adultos costumam recordar com carinho, como vimos na narrativa de D. Marili e veremos também nas memórias de outras entrevistadas.

Lembro de quando eu morava na fazenda, minha mãe à noite deitava na rede, forrava um acolchoado no chão, punha todos os filhos deitados em roda e contava histórias. Eu lembro de uma porção de histórias contadas por minha mãe. Minha mãe contava todas estas histórias e depois eu contava estas histórias para os meus alunos. Para os meus filhos, nunca contei muitas histórias porque eu estava sempre lecionando, ficava muito tempo fora. Desde que eu me casei, casei já lecionando. Não me lembro de contar histórias para os meus filhos⁴.

Quando indagada sobre a forma como os livros que sua mãe lia eram adquiridos, D. Marili não se lembrava muito bem, mas mesmo assim comentou:

Eu não me lembro onde eu comprava os livros e os cadernos. A Casa Genoud ficava na rua Barão, esquina com César Bierrenbach, era uma livraria e papelaria. Muito boa. A melhor de Campinas, compramos muitos livros ali. Depois que eu já era professora, eu comprava ali na Casa Mousinho, era na rua Dr. Quirino com Gal. Osório. A Casa do Livro Azul era uma livraria também.(...) A Biblioteca da Escola Normal não era grande. Tinha bibliotecária, mas eu não lembro como chamava. A gente não ia muito lá. Naquele tempo os livros eram mais baratos, cada um tinha o seu, a gente não emprestava muito.⁵

³ Sobre este tema, consultar Norma Sandra de Almeida Ferreira. Literatura infanto-juvenil: arte ou pedagogia moral. São Paulo: Cortez, 1983 e Fanny Abramovich. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 3.ed. São Paulo: Scipione, 1993. (Série Pensamento e ação no magistério).

⁴ Entrevista realizada com D. Marili, em 16 de junho de 2001.

⁵ Idem.

D. Marili é de família tradicional campineira e seu pai, assim como seus parentes mais próximos, eram todos fazendeiros, numa época em que ser fazendeiro significava pertencer às elites rurais. Supõe-se que nunca teve dificuldades para adquirir seus livros escolares, ao contrário do que ocorria com seus alunos. Este é, possivelmente, um dos motivos pelos quais ela, assim como suas companheiras de classe, não freqüentavam a biblioteca escolar, preferindo adquirir os livros nas papelarias e livrarias. Fui assim descobrindo alguns espaços por onde circulavam os livros.

Certamente, a biblioteca não era onde mais se buscavam livros, pois também D. Alice, filha de imigrantes alemães, freqüentava pouco a biblioteca escolar, preferindo comprar seus próprios livros ou trocá-los com as amigas: *Eu fazia um intercâmbio de leitura com as minhas amigas, uma trocava o livro com a outra. Elas compravam alguns também.*⁶ Embora não pertencesse a uma família abastada, podia adquirir seus livros e mais tarde comprá-los para seus próprios filhos:

*Depois quando eu casei nós continuamos com o hábito de ter bons livros em casa porque meu marido também gostava de ler. Os meninos liam muito. Meus filhos liam bastante. Meu marido comprava sempre coleções muito boas. Até depois que eles se casaram. Meu marido comprou o Tesouro da Juventude, Readers Digest, Revista Geográfica. Nós transmitimos este gosto para nossos filhos também, porque eles lêem muito, todos eles. Os pais devem incentivar a leitura.*⁷

Em sua entrevista, assim se refere D. Lucia a estes modos de circulação de livros e impressos:

⁶ Entrevista realizada com D. Alice, em 04 de abril de 2001. Ver transcrição integral em Anexos.

⁷ Idem.

Não se compravam livros em livrarias como hoje. Os livros eram comprados por coleções. Eu me lembro de um homem que ia em casa vender livros. Ele chegava com os catálogos, abria no meio da sala e ficava comentando. Eram os vendedores ambulantes de livros e enciclopédia. As enciclopédias, principalmente, só eram vendidas assim. Não tinha nas livrarias. Monteiro Lobato era vendido assim. A coleção inteira. Trazia um exemplar pra você ver como era a encadernação. Eu me lembro que meu pai olhava e a minha mãe falava, esse é bom comprar, esse não. Humberto de Campos foi comprado assim.⁸

A fala de D. Lúcia revela que os espaços citados anteriormente por D. Marili, como a Casa Livro Azul, Genoud, não eram os únicos que lhes permitiam o acesso ao livro. Havia também os vendedores ambulantes, os catálogos, os livros-amostra. Mas, em outro trecho de sua fala, ela comenta: *Meu pai era o maior colecionador de livros que eu já vi na minha vida. Ele adorava sebos. Ele freqüentava sebos⁹.*

Bibliotecas, livrarias, sebos, percorrem o universo destas memórias, entrelaçadas a imagens de mães, avós, pais e empregadas, em sessões de leitura e estudo:

Tinha umas livrarias no centro que a minha mãe frequentava: a Livraria Livro Azul, e tinha uma na rua Dr. Quirino com Gal Osório, que pouco tempo mudou de ramo, a Nossa Casa, tinha também a Livraria Amêndola; em frente ao fórum também fechou uma de que não me lembro o nome. Tinha também a Casa Genoud. Era sempre por indicação, alguém falava, tal livro é bom, ela ia lá e comprava.¹⁰

Todas elas apontavam para uma imagem de leitura que se iniciava pelas mãos do outro (mãe, pai, amigo, professor). Uma leitura que hoje é, para elas, prazer, paixão, gosto. Mas que se fez através de um ambiente propício: tempo para ler, pais que

⁸ Entrevista realizada com D.Alice, em 04 de abril de 2001. Ver transcrição integral em Anexos.

⁹ Idem.

¹⁰ Entrevista realizada com D.Cidinha.

liam, que compravam livros, bibliotecas escolares à disposição. Uma leitura que se dava permanentemente em casa: “*melhor herança deixada pela família*”.

Criava-se assim, uma possível relação entre a história do livro, dos impressos e sua circulação e as histórias de leitura destas mulheres. Foi esta importância dada à leitura que as fez, entre outras coisas, se lembrarem dos espaços em que adquiriam e viam os livros: as livrarias. Eram todas elas, mulheres que podiam ter posse de seus livros e sabiam onde localizá-los.

As cinco vozes femininas se assemelhavam. Através de suas práticas sociais como leitoras, fui levantando pontos comuns das suas histórias de leitura. Alguns destes pontos me levaram, ainda que timidamente, a certos espaços e locais de circulação de livros. Quando solicitadas a contar sua história de leitura, elas me falavam também de sociedades literárias, de artistas, intelectuais, tipografias, livrarias, bibliotecas. Assim foram surgindo nomes e locais inexplorados, que revelaram uma riqueza de práticas cotidianas. Poderiam estas práticas contribuir para a história do livro e da leitura em Campinas? Estes locais, ainda pouco investigados e pesquisados, guardariam a história da circulação dos textos, dos impressos e dos livros? Guardariam as práticas de leitores necessárias à compreensão da nossa história de leitura?

Percebia pelas entrevistas que estas leitoras davam importância e produziam significado para estes espaços. Que lugares eram estes? Que formas de leitura funcionariam ali? Como estas leitoras construíram estes espaços através de suas memórias?

Por onde começar a busca? Estes espaços não existem mais, e mesmo que existissem, não seriam mais os mesmos revelados pelas entrevistas.

O que já sabia até então? Que entre gestos, falas e sinais, várias das entrevistadas revelavam, em suas memórias, lembranças de livrarias e papelarias que existiram e floresceram em Campinas no início do século passado: Casa Genoud, Mascote, Amêndola, Casa Livro Azul. Ali iam comprar seus livros e materiais escolares, ali adquiriam também objetos importados, principalmente da França, tão em moda naquela época. Louças, produtos para casa, perfumes, pentes e outros objetos de tocador, em meio a partituras e material de escritório. Ali se encontravam também escritores, leitores, artistas e políticos.

Que espaços eram estes? Que significados teriam?

1. Garimpando velhos papéis...

*Em história, tudo começa com o gesto de **separar**, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em **produzir** tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto.*

Michel de Certeau

Assim, garimpando informações aqui e ali; ouvindo mais de uma vez as depoentes; perguntando, investigando; consultando velhos jornais, arquivos, bibliotecas e centros de memória, cheguei à CASA LIVRO AZUL. Por que à CASA LIVRO AZUL e não à Mascote, ou mesmo à Casa Genoud? Primeiro, porque, ouvindo aquelas mulheres, percebi em muitas delas um destaque maior à LIVRO AZUL. Falavam daquele lugar como de um local especial, de onde guardavam boas recordações. Admiravam seus proprietários, assim como se admiravam com os artigos de papelaria e impressos que ali eram vendidos. Segundo, porque recuperei, no Centro de Memória da Unicamp, uma documentação que me possibilitaria uma investigação mais cuidadosa deste espaço. Terceiro, porque foi uma loja que teve um longo percurso, fundada no final do século XIX, atravessou epidemias, acompanhou o crescimento e a modernização da cidade, passou por São Paulo e terminou na metade do século XX. Além disso, seu proprietário foi figura pública e de grande notoriedade em Campinas.

Para construir e compreender uma possível leitura do que tenha sido este

estabelecimento e sua importância para a cidade de Campinas alterei, então, o percurso de meu projeto inicial. Do estudo da leitura e das leitoras de Campinas no início do século XX, passei ao estudo da CASA LIVRO AZUL.

E surgiram as intermináveis questões: quem era, pelos dados possíveis de serem recuperados hoje, Antonio Benedito de Castro Mendes, seu proprietário e fundador? O que o levava a compor lado a lado livros, objetos de papelaria, pianos e produtos importados num mesmo espaço? Por que ali começaram a se reunir políticos e intelectuais? O que significou e representou para Campinas esta CASA? Quanto tempo durou? Teria hoje um significado histórico?

Para recuperar essa CASA LIVRO AZUL, para tentar responder a estas questões, reuni minhas dúvidas, minha preocupação com a leitura e os leitores e mergulhei nos arquivos, no Centro de Memória da UNICAMP, na Biblioteca do Centro de Ciências Letras e Artes e no Arquivo Edgar Leuenroth.

Consultei, então, diversas fontes impressas (jornais, livros, revistas, hemeroteca, memoriais) e imagens. Por quê? Havia o desejo de ampliar, comparar, contrapor informações, complementar dados. Diversos tipos de fontes poderiam me dar uma imagem mais caleidoscópica, mais nítida, daquele universo apenas vislumbrado, mas ainda desconhecido.

Em todos os lugares visitados (Centro de Memória, Centro de Ciências Letras e Artes, Arquivo Edgar Leuenroth, casas das entrevistadas), ao encontrar

documentos, preocupava-me em gravar, copiar, xerocar. Nas transcrições de documentos, artigos e textos, preservei, sempre que possível, a ortografia original.



Debrucei-me, inicialmente, sobre o acervo do Centro de Memória da UNICAMP, que guarda documentos impressos e iconográficos da história de Campinas, além de possuir hemeroteca e livros referentes a diversos aspectos desta cidade. Ali encontrei quatro *Memoriais Comemorativos da CASA LIVRO AZUL*, publicados pela própria CASA. Numa visão particular, seus proprietários relatam toda a história da livraria, desde a sua fundação: seus primeiros sócios e fundadores,

seu desenvolvimento e crescimento, mudanças de prédio, aquisição de mercadorias na Europa, crise provocada pela febre amarela, notícias de seus funcionários, incorporação de novas funções, venda de pianos e participação política e cultural na vida da cidade.

A história da CASA LIVRO AZUL, narrada pela voz de seus proprietários, em quatro livros - com textos, fotos, artigos de jornais - publicados pela LIVRO AZUL e oferecidos gratuitamente à comunidade, apresentava uma narrativa escrita pelos proprietários, que transmitia uma imagem que pretendiam “vender” à sociedade campineira. Forneceram, sem dúvida, muitas pistas e subsídios para o trabalho de garimpagem de informações. É um material considerado *obra rara* pelo Centro de

Memória e, portanto, requer manuseio cuidadoso.

O Centro de Memória da Unicamp possui um acervo fotográfico catalogado e informatizado, que facilita a seleção. Neste trabalho foram utilizadas fotos antigas¹ -

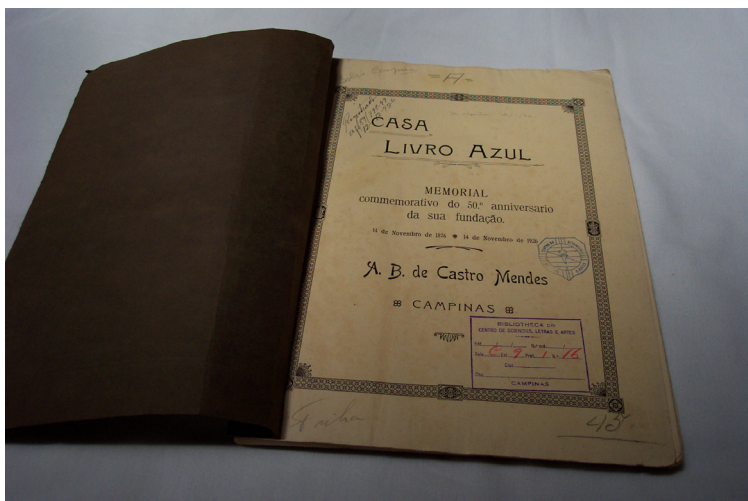


produzidas por profissionais ou não – com o objetivo principal de identificar, através delas, o momento histórico e o contexto social da época. As fotos permitiram a identificação de homens e mulheres, revelaram momentos de trabalho, interações sociais e objetos emblemáticos.

Descobri também o Centro de Ciências Letras e Artes e sua bibliotecária, D. Maria Luiza. Memória viva, fonte incansável de informações, profunda conhecedora de personagens da história de Campinas, onde sempre viveu, tendo freqüentado bailes e salões, livrarias e lojas comerciais, bibliotecas e arquivos. Seu acervo pessoal foi de grande

¹ Fonte desta imagem: Antonio Benedicto de Castro Mendes. Casa Livro Azul. Memorial comemorativo do cinquentenário de sua fundação, 1926.

valia durante os trabalhos de coleta de dados e de informações sobre fontes documentais e iconográficas.²



A Biblioteca do CCLA³ possui uma quantidade enorme de fontes documentais, nem todas, infelizmente, catalogadas e nada informatizado. Ali realmente exercitei um grande trabalho de garimpagem. Entre

inúmeras fotos⁴, ainda não organizadas e catalogadas, recuperei cartões postais impressos pela CASA LIVRO AZUL e alguns livros também editados pela própria CASA⁵. Encontrei muitas fotografias nos Memoriais publicados pela LIVRO AZUL; algumas das quais gentilmente fornecidas por D. Maria Luiza, do Centro de Ciências, e outras, copiadas de jornais e revistas da época.

Uma grande coleção de jornais publicados no início do século, tais como *Gazeta de Campinas* e *Diário de Campinas*, por serem muito antigos e exigirem grande cuidado de manuseio e consulta, foram deixados para serem pesquisados apenas no

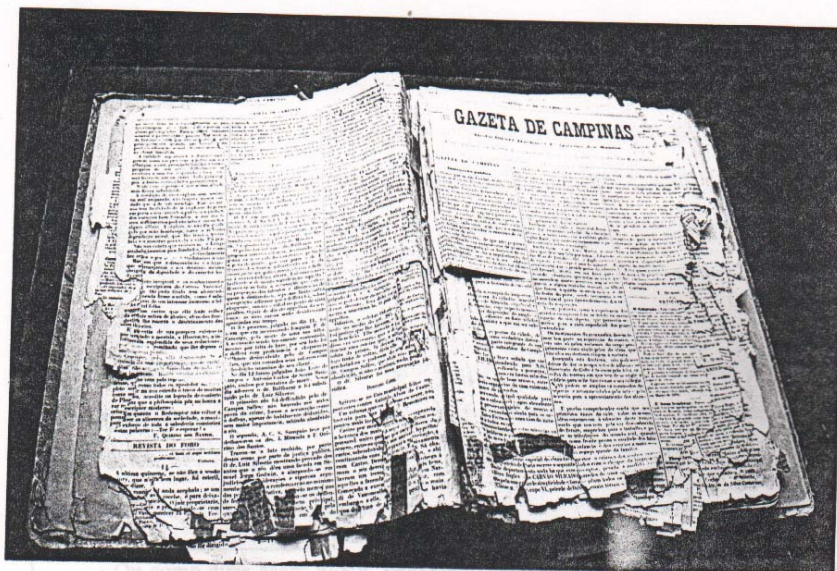
² Infelizmente, D. Maria Luiza não pôde ser uma de minhas entrevistadas, mas a ela agradeço todo o auxílio prestado durante as entrevistas.

³ Sigla para Centro de Ciências Letras e Artes.

⁴ Gentilmente disponibilizadas por D. Maria Luiza, de seu acervo pessoal.

⁵ Eis alguns títulos publicados pela LIVRO AZUL e cedidos por D. Maria Luiza: **Estrelas errantes**, por Francisco Quirino dos Santos (1905), livro de poesias, e **Páginas contemporâneas**, por Miguel Alves Feitosa (1901), que trata de assuntos pedagógicos, entre outros.

Arquivo Edgar Leuenroth, através de microfilmes.



Fonte: Maria Luiza de F. Duarte do Pateo. Bandas de Música e cotidiano urbano, 1997, p.20.

Foram muitas idas e visitas a D. Maria Luiza. A cada vez que eu aparecia ela surgia com um documento “recuperado”, ou com uma informação nova. Vasculhar aquele acervo foi, antes de tudo, um enorme prazer. Um mundo totalmente novo se abriu para mim: em meio àqueles milhares de livros e documentos não catalogados eu precisava “peneirar” qualquer coisa que se referisse à LIVRO AZUL e à família Castro Mendes. Coleções de revistas publicadas no início do século, editoras campinenses, tudo me interessava.

No Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP, pesquisei, através de microfilmes, os jornais *Diário de Campinas* (de 1876 a 1900), *Gazeta de Campinas* (de 1876 a 1900) e *Cidade de Campinas* (1901 a 1910). Foi um trabalho exaustivo, tarefa cuidadosa, que durou vários meses. De cada notícia e de cada propaganda foi feita uma

cópia em xerox, para ser analisada posteriormente. Como os dados coletados continham informações de pessoas diferentes, isto me daria uma visão bastante rica, diversificada deste espaço.

Através destes primeiros documentos encontrados (*Memoriais*, fotos e entrevistas) fui delineando meu objeto de pesquisa: a CASA LIVRO AZUL. De início, era apenas uma casa tipográfica, e mais tarde também papelaria, livraria, encadernadora. Vendia ainda artigos importados para casa, pianos, partituras. Foi centro cultural, ponto de encontro de intelectuais, artistas, políticos e senhoras da sociedade campineira. Seu proprietário, Antonio Benedito de Castro Mendes, de família tradicional na cidade e amante da música clássica, das artes e da literatura, iniciou um pequeno comércio em 1876, sem imaginar que, mais tarde, este local seria tão significativo para a vida da cidade, conforme assegurou D. Maria Luiza, em conversa no Centro de Ciências. Foi espaço de produção e circulação de livros, de leitura e de idéias.

Para esta pesquisa utilizei-me, portanto, de fontes impressas, memoriais, jornais e revistas, almanaques; documentação iconográfica e de entrevistas com descendentes de antigos proprietários; enfim, de todo material disponível ao pesquisador em alguns arquivos e bibliotecas de Campinas, tentando, desta forma, recuperar a trajetória e os vários possíveis significados daquela casa comercial.

CASA LIVRO AZUL

Grande Estabelecimento Graphico

FUNDADO EM 1876



Fachada da Casa Livro Azul
Álbum Propaganda de Campinas - 1930
Cedido por Maria Luiza Pinto de Moura

Utilizei-me das fotos como fonte documental, acreditando que elas podem dialogar com o texto, não se constituindo apenas em material ilustrativo. Ao mesmo tempo

que revelam espaços, homens e mulheres, ambientes e interações sociais, escondem um universo de informações e elementos desconhecidos, mas prontos para serem lidos.

Muitas das fotos ilustram, são reveladoras de cenários, de épocas, e hoje já ocupam lugar de destaque, principalmente nas pesquisas voltadas para a área das Ciências Sociais, onde, ao lado de gráficos e tabelas, elas indicam também, a seriedade do trabalho.

As fotos também me fascinavam pelo poder de encenar um passado que eu buscava e tentava recuperar. Segundo Olga Von Simson, *“a tendência, hoje em dia, é utilizar o recurso da fotografia em todas as fases da pesquisa: no registro dos dados, complementando a descrição da situação estudada, como auxiliar na análise de dados da realidade e principalmente na devolução dos dados da pesquisa ao grupo social investigado e a um público mais amplo”*.⁶

Com todo este material à disposição, em dado momento pensei: será que se voltasse às minhas primeiras entrevistas, buscando agora centrar-me na CASA LIVRO AZUL, as depoentes teriam algo a contradizer, a complementar, a acrescentar, ao que já havia sido dito anteriormente e ao que eu já sabia, pelo que encontrara nos jornais, nas fotos?

Nas primeiras entrevistas, a LIVRO AZUL foi uma descoberta para mim, num emaranhado de muitas informações a respeito de leitura e livros. Agora se delineava uma outra perspectiva: recuperar aquele espaço de circulação e produção de livros e

⁶ Olga Rodrigues de Moraes Von Simson. Depoimento oral e fotografia na reconstrução da memória histórico-sociológica: reflexões de pesquisa. Campinas: B.C.M.U, v. 3, n. 5, p.17.

impressos. Local privilegiado de encontro entre fazendeiros, industriais, advogados, médicos, jornalistas e políticos, que ali compareciam para reuniões políticas e literárias.

Ao tentar compor uma história deste lugar através de diversas fontes, busquei deixar que elas dialogassem entre si, sem privilégio de nenhuma delas. Todos os documentos poderiam ser analisados em sua amplitude, pela sua natureza: escritos, orais, iconográficos.

É de FEBVRE a citação aqui transcrita:

*A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feito pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.*⁷

⁷ FEBVRE, apud Clarice Nunes e Marta M. C.de Carvalho. Historiografia da educação e fontes. IN: Cadernos ANPED, n. 5, set/1993, p. 33.

2. Dialogando com o presente...

Livro, objeto de prazer, instrumento de trabalho, fonte de saber; normatizado no seu aspecto material e de conteúdo. Leitura, momento de deleite, tempo de reflexão, domínio da decifração: disciplinada mental e fisicamente. A emersão desse 'corpus' discursivo apontava para uma nova sensibilidade em relação ao impresso. O gozo da leitura, tantas vezes associado ao lazer, especialmente no caso do romance, passava a ser encontrado também no trabalho, na escola. O livro singular era substituído pelo plural. A oralidade dava lugar ao silêncio. A uniformidade da leitura se dissolvia na multiplicidade dos ritmos individuais.

Diana Gonçalves Vidal

Nas últimas décadas, tem havido uma certa preocupação acadêmica com os espaços de produção e circulação de livros; espaços estes ainda pouco ou quase nunca estudados, mas que guardam uma história do livro e dos impressos, de sua circulação e de suas práticas de leitura necessárias ao entendimento da nossa história individual e coletiva.

A questão da leitura e da escrita torna-se mais visível quando nos deparamos com o crescente número de trabalhos e artigos desenvolvidos nas academias e nos meios de comunicação sobre o uso diferenciado, as práticas e representações que os diversos grupos sociais constroem à sua volta. Coloca-se então a possibilidade de pensá-la como um artefato cultural que tem uma significação particular capaz de definir a relação dos indivíduos com ela.

Delineado o objetivo de investigar a CASA LIVRO AZUL na perspectiva de tentar recuperar esse espaço com suas práticas diversas, busquei conhecer outras pesquisas já realizadas que dialogassem comigo.

O meu trabalho se insere numa linha de pesquisa que vem sendo tratada por pesquisadoras como Márcia Cristina Delgado, com *Cartografia sentimental de sebos e livros* (1999) ; Arilda Miranda Ribeiro, *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889* (1996); Lilian Alvisi, *Memórias de vivências escolares em Poços de Caldas, MG: Escola Profissional Dom Bosco* (2001); Ana Luiza Martins, *Gabinetes de Leitura da província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido* (1990) e Aníbal Bragança, *Livraria Ideal: do cordel à bibliofilia* (1999), entre outros. Estas investigações tratam de temas do campo da história do livro trabalhados por estudiosos como Roger Chartier, Michel de Certeau, Robert Darton, Laurence Hallewell, Rubens Borba de Moraes, além de muitos outros, autores de estudos que possibilitam novas abordagens da história do livro, da leitura e da escrita.

Estas pesquisas têm em comum o estudo e a investigação de espaços e práticas indispensáveis à compreensão de nossa história de leitores e ao sentido que a escrita ocupa em uma sociedade. São velhas livrarias, antigos gabinetes de leitura, sebos, escolas que não mais existem... espalhados pelas cidades, à espera de quem desvende seus sentidos sócio-histórico-culturais. Eis os resultados de alguns desvendamentos:

DELGADO (1999, p. 18) navegou pelos alfarrábios, até então inexplorados, da cidade de Belo Horizonte, *possibilitando o conhecimento não apenas de diferentes tipos*

de livros, idades, edições e formatos, mas a singularidade dos personagens que habitavam este território constituído de livreiros, ratos de sebos, colecionadores, bibliófilos, trapeiros, viúvas, papel embolorado, traças e ácaro.

Ao conversar com alfarrabistas e freqüentadores mais antigos de sebos e livrarias, tomou-se conhecimento de um universo de práticas que merece ser resgatado, livrarias que não existem mais e que exerceram um papel importante na circulação de livros e idéias em diversas épocas da vida de Belo Horizonte, desde aquelas que sobrevivem apenas na memória de quem as freqüentou.¹

RIBEIRO (1996) analisou os aspectos da educação feminina em Campinas, voltada para as mulheres de uma certa classe e origem social, privilegiando, nesse estudo, a educação oferecida pelo Colégio Florence (1863-1889). Através de fontes primárias de jornais, de cartas familiares e de arquivos, a autora recuperou os antecedentes históricos do Colégio Florence, através da reconstrução da vida de sua fundadora. Resgatou também o contexto histórico da cidade de Campinas, bem como das famílias da época. A partir daí, tratou da concepção da educação feminina durante o Segundo Império, procurando recuperar a pedagogia adotada na instituição, através de Carolina Florence e de outros docentes.

ALVISI (2001), através de relatos orais, de material iconográfico e documentos oficiais, investigou as concepções político-pedagógicas da Escola Profissional Dom Bosco, fundada em Poços de Caldas, MG. A reconstrução histórica desta instituição

¹ Ibidem, p. 130.

pretendeu a compreensão do processo pelo qual foi criada e como se consolidou enquanto espaço político para a escolarização de alunos pertencentes às classes menos favorecidas.

O trabalho de Ana Luiza Martins, *Gabinetes de leitura na província de São Paulo*, trata do estudo dos Gabinetes de Leitura de São Paulo na segunda metade do século XIX,

levantando os vários significados que envolvem esse espaço cultural, entendido como lugar topográfico da memória coletiva. Trata-se de instituição que floresceu em núcleos urbanos de economia pujante, expressando a substituição dos valores da ordem escravocrata pelos da sociedade industrial emergente, sintoma da reordenação da sociedade e do espaço urbano. A abordagem desenvolvida contempla a análise da instituição desde suas origens européias, sua implantação na capital do Império, até instalar-se na província de São Paulo, onde selecionamos alguns exemplares que pela sua permanência possuem carga maior de significação. São analisados especialmente os Gabinetes de Sorocaba e Rio Claro².

Já BRAGANÇA (1999) percorre toda a história da Livraria Ideal, desde suas origens, em 1935, em Niterói. De início simples engraxataria, local de trabalho de Silvestre Mônaco, imigrante italiano, transforma-se em famosa livraria e sebo quando ele passa a expor ao lado de sua cadeira de engraxate livros de cordel e gibis que lê avidamente e revende pelo dobro do preço. O negócio cresceu e deu certo: *O interesse dos fregueses cresceu e estabeleci-me então numa nova loja, que receberia o nome de Ideal e que permanece até hoje* (BRAGANÇA, 1999, p. 197).

² Ana Luiza Martins. Op. cit., (resumo)

Utilizando-se de fontes documentais e depoimentos de antigos freqüentadores, o autor reconstrói a história cultural da cidade de Niterói, nos anos 30 e 40 do século passado, enfatizando principalmente o mercado livreiro e editorial. Percorre também o universo dos novos leitores, os populares e os estudantes mais pobres, freqüentadores de sebos, recém incorporados ao mundo letrado. BRAGANÇA destaca ainda a formação e as atividades do *Grupo de Amigos do Livro* e do jornal *Letras Fluminenses*, apresentando os principais personagens da vida cultural da cidade, além dos novos e pequenos escritores.

Em que estes trabalhos se diferenciam e se aproximam? Que mundos investigam? São estudos que tratam de objetos e espaços, de livros, impressos, textos, antigas escolas, museus. Um universo cotidiano, comum, presente apenas nas lembranças. Em seu livro *O Poder simbólico*, Pierre Bourdieu³ trata da importância de uma história cultural baseada na preocupação por objetos comuns que guardam importância em sua trajetória e constituição, já que são os reflexos de um tempo e de uma sociedade.

Todas estas pesquisas trabalharam sob um ponto de vista histórico, visto que a historicidade é uma das questões essenciais no tratamento de temas culturais. Neste sentido, estudar os aspectos culturais de uma sociedade implica recuperar seu passado e reconstruí-lo, para melhor compreensão do hoje e do amanhã.

³ Pierre Bourdieu. *O poder simbólico*. Difel, 1989, p. 37, apud Márcia Cristina Delgado, opus cit., p. 25.

3. Casa Livro Azul: sua história

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Jacques Le Goff

Este capítulo tem como objetivo mostrar aos leitores a CASA LIVRO AZUL em todo seu tempo (1876-1958), dando uma visão geral e contando um pouco de sua história: surgimento, crescimento e fechamento. Farei este trabalho pela voz dos seus proprietários através dos Memoriais, pelos Almanques de Campinas e pelos depoimentos de alguns de seus descendentes e freqüentadores.



Fonte: BARRETTO, Margarita. *Vivendo a História de Campinas*, p.33.

3.1. Antonio Benedicto de Castro Mendes

No anno de 1876, nossa bella Campinas apresentava-se já com notável progresso, tendo seu commercio, lavoura e industria em estado de florescente prosperidade, sendo considerada por isso como um dos municipios mais adiantados e ricos do Estado de São Paulo (MENDES, A.B., 1926):

Assim Castro Mendes inicia seu Memorial Comemorativo do cinquentenário de sua CASA LIVRO AZUL. Assim ele nos apresenta Campinas, no final do século XIX: bela, rica e próspera. Ambiente favorável à criação de novos estabelecimentos comerciais e industriais; com lavouras de café produzindo em grande escala, transporte ferroviário em pleno desenvolvimento e crescimento, comércio intenso, urbanização acelerada, grande progresso no meio artístico e político e crescimento das campanhas abolicionista e republicana. Desta forma, parecia a Castro Mendes ser Campinas a cidade ideal para a fundação de uma casa tipográfica. Principalmente considerando-se que os únicos estabelecimentos que forneciam este tipo de serviço eram as oficinas dos jornais *Gazeta de Campinas*, *Constitucional* e *Diário de Campinas*.

A maioria dos livros e impressos que aqui apareciam eram importados, ou produzidos rudimentarmente em tipografias do Rio de Janeiro e São Paulo, que começavam a florescer após anos de proibição e censura. Durante muito tempo foram proibidas, no Brasil, não apenas a impressão, como também a manufatura e a circulação de qualquer mercadoria. Todos os bens necessários à sobrevivência deveriam vir de Portugal, pois todo e qualquer comércio com o estrangeiro estava proibido. A colônia deveria se manter

isolada, longe dos visitantes estrangeiros, da cultura e de quaisquer atividades literárias.

Assim, HALLEWELL (1985) se refere à vida na colônia naquela época:

De um regime que se preocupava tão pouco com suprir as necessidades da vida cotidiana dos colonos, não se poderia esperar qualquer preocupação com suas necessidades literárias: em tais circunstâncias, dificilmente se poderia pensar que houvesse suprimento maior de livros do que de facas ou copos. (...) Seja como for, podemos razoavelmente encarar a proibição de impressoras apenas como um aspecto da privação geral no Brasil, material e intelectual.

A impressão regular no Brasil só teve início com a vinda da família real. D. João e sua corte chegaram à Bahia em 22 de janeiro de 1808, trazendo a bordo material tipográfico de fabricação inglesa e grande quantidade de volumes da Biblioteca Real. Naquele mesmo ano, em 13 de maio, criou a Impressão Régia, destinada à publicação dos documentos oficiais do reino. Durante o período anterior, alguns materiais e jornais foram produzidos no exterior, em Portugal ou outras partes da Europa, e circulavam com dificuldade, pois não apenas a impressão estava proibida, como também o comércio e a importação de livros, que poderiam ser liberados somente após a aprovação pela Real Mesa Censória¹.

Assim, a partir dos novos ventos de cultura, e inicialmente apenas com serviços de encadernação, Joaquim Roberto Alves e Antonio Benedicto de Castro Mendes, com olhos no futuro, abriram sua oficina em 14 de novembro de 1876, na antiga rua Direita, atual Barão de Jaguará.

¹ A este respeito ver o capítulo “O mercado de livros no Brasil: uma breve incursão histórica”, na obra de Márcia Cristina Delgado.

De início, era apenas uma lojinha de encadernação chamada AO LIVRO AZUL², além de muitos serviços de fabrico de caixas de papelão para chapéus, que forneciam à firma Bierrenbach & Irmãos e outras caixas que forneciam ao Sr. Alfredo Genoud, para embalagem de tranças de cabelo para senhoras. Logo o negócio foi se ampliando, com a aquisição da primeira máquina impressora, destinada exclusivamente à impressão de cartões de visita.

Em seguida, Castro Mendes e Roberto Alves criaram também uma pequena papelaria com estoque de caixas e artigos para escritório, para servirem aos pequenos estabelecimentos, que gradativamente também iam se proliferando pela cidade.

Seus primeiros clientes foram os novos comerciantes e industriais locais, que precisavam de livros de caixa para registro de vendas e compras, blocos de notas fiscais, acessórios de cartórios, caixas de embalagens, numa sociedade que começava a se industrializar e modernizar, produzindo seus próprios objetos de consumo.

A casa crescia rapidamente e os negócios prosperavam. Em poucos anos, a venda de artigos de papelaria e escritório se ampliava. Por volta de 1886, ou seja, dez anos após sua inauguração, a LIVRO AZUL já estava consolidada no comércio campineiro e efetuava sua segunda mudança de prédio, sempre para instalações maiores e com novos e melhores estoques de mercadorias.

² Segundo D. Margarida, neta de Castro Mendes, o nome da loja, LIVRO AZUL, foi escolhido por preferência de seu proprietário, não tendo nenhum motivo especial que o justificasse.

Por esta ocasião, retirou-se da sociedade o Sr. Joaquim Roberto Alves, passando a LIVRO AZUL a pertencer exclusivamente ao Sr. Castro Mendes.

Com mercado abundante e grandes clientes, como a Companhia Mogyana de Estradas de Ferro, a CASA LIVRO AZUL mudou de endereço por quatro vezes, sempre devido a sua necessidade de maior espaço. Pouco a pouco, as oficinas incorporaram mais máquinas impressoras e novas coleções de tipos importados das fundições norte-americanas e alemãs; aumentou seu quadro com mais funcionários especializados (alguns estrangeiros), aprendizes e oficiais. E a papelaria, sua especialidade, passou a receber grandes sortimentos completos de diversas mercadorias vindas diretamente da cidade do Rio de Janeiro e da Europa. Atendia a uma clientela diversificada, de estudantes, donas de casa e profissionais, que se avolumava cada vez mais, tanto pelo público escolar que crescia devido à abertura de novas escolas, como pelos profissionais, que se multiplicavam pelo crescimento e desenvolvimento da cidade.

Sob esta perspectiva, a CASA LIVRO AZUL consolidada como tipografia e papelaria, tornou-se também livraria, atendendo ao público escolar que, na época, em relação a outras cidades, não era pequeno.

Por esta ocasião (1888), também teve início na LIVRO AZUL o negócio de pianos. Com a introdução deste comércio, poder-se-ia dizer que Castro Mendes não era um comerciante qualquer, pois, além de ser homem proveniente de tradicional família campineira, possuía requintes e ares de nobreza. Era amante das artes e das letras e

coleccionava em sua loja uma grande variedade de quadros e obras de artistas reconhecidos, como nos mostra a foto seguinte:



Fonte: Antonio Benedicto de Castro Mendes.. Casa Livro Azul. 1876-1926. Memorial comemorativo do cincoentenário da sua fundação, 14 de novembro de 1876. Campinas: Typ. a vapor Casa Livro Azul, 1926. p. 18.

Esta imagem de Castro Mendes sugere um homem circunspecto, pensativo, elegantemente trajado, em seu local de trabalho. Nesta sala, de cujas paredes pendem quadros, provavelmente de artistas renomados, ele está sentado à sua escrivaninha, perfeitamente organizada e enfeitada com objetos finos. O homem, de porte altivo, cercado por pianos, está em perfeita harmonia com o ambiente no qual se encontra. Posa para o retrato, fazendo-nos lembrar da estátua *O Pensador*, de Auguste Rodin. Esta é a imagem

que quer que guardemos dele: sério, nobre, concentrado, requintado, amante das artes, que se repete em todos os Memoriais Comemorativos e nas falas dos entrevistados.

No Memorial Commemorativo do 60º Aniversário de sua fundação, assim aparece descrito Castro Mendes. O trecho parece querer traduzir em palavras a imagem que ele buscou fixar na foto:

Foram suas normas, rigorosamente seguidas desde o início da vida commercial, a assiduidade ao trabalho e a reflexão. A essas qualidades indispensáveis a todo chefe de uma casa, sempre soube conciliar o cultivo da arte, não somente pelo interesse tomado no movimento artístico de Campinas, como também não dispensando um ambiente ornamentado de objectos de fina arte que lhe falassem á imaginação e ao sentimento (MENDES, A. B., 1936, p. 79).

Homem da literatura, do cinema e das artes em geral, Castro Mendes costumava reunir em seu salão de pianos os artistas e intelectuais que freqüentavam sua loja. Leopoldo Amaral, no Almanaque *A Cidade de Campinas para 1901*, assim se refere à LIVRO AZUL:

(...) Ainda em seguida se encontra o salão de pianos e objectos de arte, ramo este que a casa introduzio em seu commercio desde 1888, tendo sempre seu deposito bem provido de pianos dos melhores e mais afamados fabricantes. Neste salão que, pode-se dizer, é o ponto de reunião das exmas. famílias campineiras, são realizados ensaios de peças musicaes, a um ou mais pianos, imprimindo com isto um cunho elegante e progressista ao estabelecimento que muito desvanece com esta preferência (AMARAL., 1899b).

Coelho Neto, sob o pseudônimo de Anselmo Ribas, também fala sobre o salão de pianos da LIVRO AZUL:

é a sala de honra – nella reúnem-se frequentemente, á noite, as principaes famílias campineiras e faz-se musica e palestra; nella nasceu o Club Livro Azul que, depois de realisar, com êxito, dois concertos íntimos, levou arrojadamente á scena A Pastoral (MENDES, A.B., 1936, p.70).

O negócio de pianos deu tão certo, que Castro Mendes chegou a se orgulhar de ter importado da Alemanha seis pianos por mês, fabricados por Carl Scheel, de Cassel (LAPA, 1996, p.157).

Como disse LAPA (1996, p. 157), foi na música que a vida cultural de Campinas se revelou de maneira intensa, não apenas pela grande presença de imigrantes estrangeiros vindos da Europa, como também pelas famílias brasileiras, como a de Maneco Músico, pai de Carlos Gomes. Giravam em torno da música amadores - homens e mulheres de famílias tradicionais - que freqüentavam eventos culturais, saraus e salões de bailes. Chegaram a se formar várias bandas de música, que se apresentavam aos domingos no Jardim Público e nas festas e inaugurações importantes, mobilizando, no seu conjunto, grande número de moradores.

Além dessas apresentações públicas, a música também ocupava os salões de piano da casa, que eram freqüentemente visitados por artistas que chegavam para se apresentar em Campinas. Ali se faziam ensaios, preparavam-se concertos, que eram realizados depois nos salões especiais da cidade. As companhias líricas que chegavam logo

se relacionavam com a CASA, pois era ali que eram impressos os cartazes de propaganda, os ingressos e anúncios. Quando não havia espetáculo e nas noites de descanso, ali se reuniam os artistas, depois de fechadas as portas da loja, onde passavam horas, tocando piano e conversando. Também tomavam parte nestas reuniões, algumas meninas, que mais tarde se tornariam grandes pianistas, como Maria Amélia de Resende Martins.

Outros nomes famosos, como Carlos Gomes, quando se encontrava em Campinas, freqüentavam também o salão de pianos da CASA LIVRO AZUL, experimentando uns e outros, sempre cercado por muitos admiradores (MENDES, A.B., 1926, p. 45.).

A cultura musical começava desde a infância, sem distinção entre homens e mulheres; em casa, nas famílias mais tradicionais; e nas escolas, para as crianças das famílias menos abastadas, aquelas que não podiam se dar ao luxo de possuir um piano. Assim como Carlos Gomes, muitos outros artistas tiveram sua iniciação musical em Campinas, para depois continuarem seus estudos em São Paulo, no Rio de Janeiro, ou mesmo no exterior (LAPA, 1996, p. 161).

Em 1889, Campinas foi duramente atingida pela epidemia de febre amarela e, assim como todo o comércio e indústria locais, a CASA LIVRO AZUL foi também afetada pela doença. Com a falta de muitos trabalhadores, Castro Mendes se viu forçado a fechar as portas. Para proteger sua família, transferiu-se para São Paulo, onde estabeleceu um novo negócio, no mesmo ramo. Chegou a comprar casa própria e a continuar com a

importação de pianos, mas em um ano, com o fim da epidemia, retornou a Campinas, tendo vendido tudo o que em São Paulo já havia adquirido, e voltou a investir na LIVRO AZUL.

Em 1898, dando novo impulso a seu comércio, Antonio Benedicto de Castro Mendes adquiriu um motor a vapor, do famoso fabricante “Kleyton”, e imprimiu um novo ritmo a suas máquinas. Por esta ocasião, também adquiriu um “Dynamo”, com força de 20 amperes e substituiu toda a iluminação a gás por luz elétrica. Desta forma, a CASA LIVRO AZUL foi o primeiro estabelecimento comercial a possuir luz elétrica em Campinas.

A este respeito, escreveu A.B. de Castro Mendes em seu Memorial Comemorativo de 70 anos de aniversário da CASA:



...daí em diante a iluminação da casa rebrilhava fartamente todas as noites, tendo na frente dois poderosos fôcos de luz de grande força iluminativa, que muito se faziam salientar, porquanto a cidade nesse tempo ainda era iluminada pelo sistema de gaz, que, no confronto com a luz elétrica, muito deixava a desejar. É assim que a CASA LIVRO AZUL, foi a primeira, em Campinas, a ser servida por luz elétrica, e ainda mais, com condução própria. A inauguração deste melhoramento deu-se no dia 10 de dezembro de 1898, no meio de grande alegria e com o comparecimento de mais de 500 pessoas, o que naquele tempo representava uma multidão apreciável.(p. 29)

Fonte: Diário do Povo, Campinas, 10/10/66

Com certeza, Castro Mendes quer mostrar-se nos Memoriais como arrojado e inovador. Procurava sempre avançar, progredindo cada vez mais. Já havia mudado novamente de loja, em busca de maiores espaços. Desta vez para uma oficina alugada (e posteriormente comprada), novamente na antiga Rua Direita, hoje Barão de Jaguará. Prédio enorme, com três grandes salões: um para as oficinas, outro para a sala de pianos e outro ainda para a papelaria. Três andares; um para seus escritórios, outro que alugava para escritório comercial; e o outro que usava para a própria loja.

Numa das entrevistas realizadas, um descendente dos antigos proprietários traça num pedaço de papel um pequeno mapa e faz o seguinte comentário a respeito deste espaço:

A LIVRO AZUL tinha frente na Barão de Jaguará, mas ia até a Francisco Glicério. Só na parte da frente era a loja, em cima eram os escritórios e mais em cima ainda era alugado. A parte das gráficas ficava nos fundos. Lá, no fim da loja e antes das oficinas, tinha uma fonte, com jardim, uma área ajardinada. Quando a gente saía da loja, dava como se fosse num pátio, dava para um jardim interno.(...) aqui, na Bernardino de Campos, era a saída do depósito. Aqui era o setor que se fazia encadernação.³

A LIVRO AZUL, na sua especialidade, parecia constituir-se num espaço moderno, eficiente, arrojado mesmo, para a época; para o qual os clientes sentiam-se atraídos não somente pelo espaço claro e amplo, mas principalmente pelo tipo de

³ Depoimento dado em 24/03/2003 pelo prof^o Sérgio Leite, sobrinho-neto de Castro Mendes.

mercadorias que ali poderiam encontrar. Tudo isto constou de matéria publicada no Almanaque de Campinas para 1901, do qual extraí o parágrafo seguinte:

Tem a sua loja situada no ponto mais central da cidade, à rua Barão de Jaguara, n. 36. Consta de um vasto salão, com 4 portas altas, que lhe dão sufficiente claridade, possuindo decente armação envidraçada, onde se acha collocado o seu variadissimo sortimento de papelaria em geral, livros em branco e artigos para escriptorio, objectos de fantasia e brinquedos para crianças, que todo, ou pelo menos em sua maioria é de directa importação da casa, que há muito tem perfeitamente estabelecida sua correspondência com as principaes cidades da Europa, como Paris, Hamburgo, Berlim e Elberfeld, e também com a praça de New York, nos Estados Unidos da América (AMARAL, 1889b).

Pelos Memoriais Comemorativos e mesmo pelas entrevistas realizadas no início da pesquisa, pudemos constatar que, por volta de 1900, era a CASA LIVRO AZUL uma das mais importantes de Campinas em seu ramo de negócios. Possuía uma variedade vastíssima de brinquedos importados, louças finas e objetos para casa. Realizava trabalhos riquíssimos em impressão e tipografia de todo tipo de cartões e convites. Ao final de cada ano, pelo Natal, Ano Bom e Reis, promovia exposições com bonecos articulados, que atraíam uma verdadeira multidão para suas vitrinas e que ficaram na memória de muitas famílias campineiras. Tornou-se, com estes eventos, um centro de reunião e de elegância que se destacava na progressista sociedade campineira⁴.

Leopoldo Amaral também não deixa de citar em seu Almanaque, as exposições da CASA LIVRO AZUL:

⁴ A este respeito, ver entrevista com D. Margarida, em Anexos.

*No mez de Dezembro prepara-se e exhibe-se ao grande publico em franca exposição, apresentando o que de melhor possui em artigos finos, de alta fantasia, para presentes de festas do Natal, Anno Bom e Reis. Para as crianças apresenta enorme sortimento dos mais variados brinquedos; para as famílias em geral, ricos cartões para as felicitações de amisade; para todas as classes, finalmente, tudo quanto possui em seu sortimento em objectos de arte, papelaria de luxo, etc. Nesse tempo, é o **Livro Azul** o ponto de **rendez-vous** das principaes famílias de Campinas e do publico, que ali vão procurar objectos para presentear amigos ou corresponder affectos, sempre renovados nesta bonita e poética phase do anno (AMARAL, 1889b). (grifos do autor)*

Durante certa fase da loja, Castro Mendes associou-se a seu irmão, João Baptista de Castro Ferraz, que ficou com o cargo de gerente da parte comercial do estabelecimento. A firma passou então a ser denominada Castro Mendes & Irmão, conforme pude verificar em alguns documentos e livros editados pela LIVRO AZUL. Porém, tal sociedade não foi definitiva, desligando-se de Castro Mendes, o Sr. Ferraz, para associar-se a outro comerciante e fundar a popular CASA MASCOTE, concorrente da LIVRO AZUL.

Apesar dessas alterações em sua organização interna, em 1900, a CASA LIVRO AZUL já havia consolidado seu nome em Campinas no ramo de tipografia, papelaria, comércio de pianos e artigos importados, porém, em viagem a São Paulo, Castro Mendes percebeu que os artigos impressos vendidos naquela praça eram bem mais finos e mais baratos que os seus. Em São Paulo havia tipografias de origem alemã, que importavam máquinas impressoras novas e mais eficientes e desta forma produziam trabalhos perfeitos, com material moderníssimo e a preços baixos.

Foi então a Leipzig, cidade do livro, - e portanto, centro de tudo o que se relacionava com as artes gráficas - onde tomou contato com a *stereotypia*, que desconhecia, e com os novos meios de encadernação e fabricação de livros em branco (MENDES, A.B., 1926, p.45). Também visitou centros de obras de arte, onde adquiriu mercadorias de real valor em bronze, metal fino, mármore, etc., que mais tarde vieram a causar tanto brilho e renome à CASA LIVRO AZUL.

Uma vez na Europa, Castro Mendes também esteve em visita à Exposição Universal que acontecia em Paris, onde, mais uma vez, conheceu e adquiriu o que melhor havia em produtos para papelaria, tipografia e artigos finos para casa. Lá mesmo, tomou contato, pela primeira vez, com o cinematógrafo, que estava sendo exibido para uma infinidade de apreciadores. Comprou um destes aparelhos e uma certa quantidade de fitas, para exibi-las na LIVRO AZUL:

Interessei-me por este invento, ao ponto de adquirir um bom aparelho e com uma regular porção de fitas, as quaes, quando de volta, foram exhibidas pelo “Livro Azul”, em salão do sobrado contíguo, e graças à luz electrica que a casa já possuía. Muitas noites, nessa sala, se reuniam as melhores famílias campineiras, para apreciar a famosa novidade, que era de facto apresentada com perfeição relativa (MENDES, A.B., 1926, p. 50).

Em um estudo sobre a evolução do cinema, publicado no jornal “O Estado de São Paulo”, Guilherme de Almeida, conhecido escritor campineiro, evoca aspectos de Campinas de 1902:

Campinas do “Ao Livro Azul”. É verdade: “Ao Livro Azul”... Foi alli, no sobrado daquela typographia do sr. Castro Mendes, que me levaram e me mostraram, por uma noite do terceiro outono deste século, uma certa “lanterna” magica com movimentos. Três ou quatro famílias; quer dizer, quinze ou vinte crianças. E alli, numa escuridão de alma-do-outro-mundo, sobre um lençol branco esticado na parede, uma lanterna mágica projectou, primeiro, algumas vistas photographicas, paradas, immoveis, da cidade de Vichy. Depois veio a grande novidade. Uma luz desconhecida, muito tremula e barulhenta, produziu movimentos mysteriosos no panno alvo. Era a chegada de um “expresso” numa “gare” de Pariz. E, afinal, veio uma “Vida de Joanna D’Arc”, toda colorida, que me pareceu uma coisa sem fim..⁵

Entre suas recordações de Campinas do início do século e suas primeiras impressões do cinema, está a CASA LIVRO AZUL, que vem diretamente ligada ao nome do primeiro filme a que Guilherme de Almeida assistiu: a “Vida de Joanna D’Arc”, do “Livro Azul”: *“A primeira vez que assisti á exhibição de um filme cinematographico foi em Campinas, no anno de 1902. Eu era uma criança: e aquilo me foi mostrado como um brinquedo de criança⁶”*. Para uma criança, esta foi a imagem que ficou: um filme, muito escuro, um lençol branco, um sobrado, a “Livro Azul”... E para os adultos, que imagens estarão associadas ao primeiro filme? Idéias de progresso, de invenções estrangeiras, de novidades, de cultura. Tudo o que a CASA LIVRO AZUL representava naquela época: novidades, progresso, criações artísticas e culturais. E o cinema dava ao estabelecimento um aspecto cosmopolita, fazendo com que a cidade incorporasse a imagem como centro de referência de cultura e arte para si mesma e para toda a região.

⁵ Guilherme de Almeida. Memórias de um “fan”. IN: Correio Popular, Campinas, 21/01/1936.

⁶ Idem.

Atendendo ao constante dinamismo de seu criador, também em 1900, a CASA fundou o CLUB LIVRO AZUL, cuja sede era em seus salões. Ali se reuniam os artistas e intelectuais para concertos e palestras, cantos e declamações, criando um ambiente de entusiasmo pelas atividades culturais, os chamados *Concertinhos do Livro Azul*. Ali, Coelho Neto, que residia em Campinas e trabalhava no Ginásio como professor de literatura, concebeu e produziu a sua peça *Pastoral*, apresentada no teatro São Carlos em 25 de dezembro de 1903. Muitas famílias campineiras se recordaram desta festa, por muito tempo (MENDES, 1946, p. 46). Nesta ocasião, *o Teatro São Carlos, platéia e palco, foram iluminados a eletricidade, o que concorreu muito para a beleza e sucesso daquele espetáculo, registrado como um dos grandes acontecimentos sociais e artísticos da cidade, naquele ano*⁷.

D. Margarida, filha de Cleso Castro Mendes, em seu depoimento, assim se referiu ao aspecto artístico da casa de seu avô:

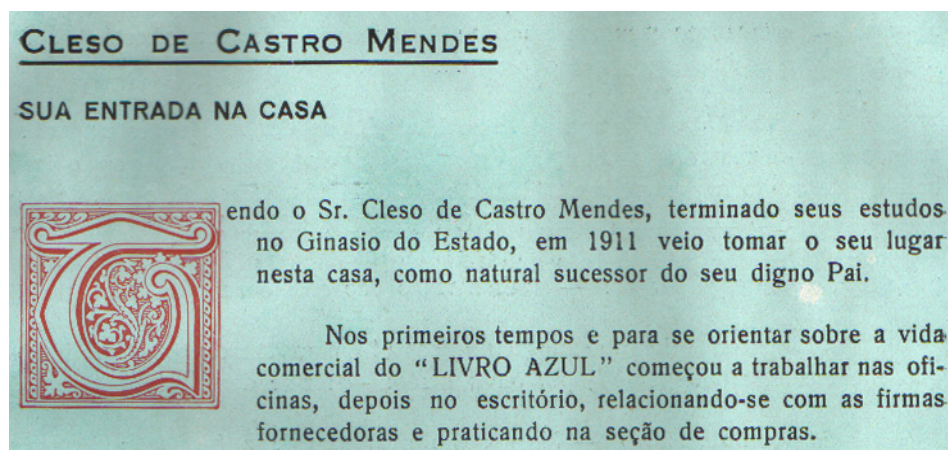
*(...) eu posso falar, ele era meu avô, mas a CASA era freqüentada pelos grandes artistas da época: Coelho Neto, Rui Barbosa, grandes cantores, era só gente ligada à arte. Meu avô era trabalhador, ele trabalhava, era um homem de pulso mesmo, mas era um amante das artes. Gostava muito. Até estudou música, mas parou. . E virou comerciante. Ele fundou a CASA LIVRO AZUL, no início só tipografia, depois ele abriu a loja de artigos finos. Havia lá as primeiras bonecas que andaram, todas importadas. Ele gostava de coisas da Europa. Ele era um homem muito fino. A CASA LIVRO AZUL se tornou muito conhecida. Todo mundo a conhecia pela arte. Ele dava os saraus com todos os grandes artistas da época. Eu era menina ainda e achava uma maravilha aquela turma. Guiomar Novaes. Vovô fazia toda semana esta reunião de arte, lá no LIVRO AZUL. E quando podia na casa dele.(...) Então ele gostava de fazer suas reuniões lá no LIVRO AZUL. Fazia também no casarão onde ele morava. Aquilo era casa! Lá onde é hoje a sinagoga dos judeus, na Rua Barreto Leme. A casa era imensa, dava até pra outra rua. Nós fomos todos criados lá.(...). Eu sou a última, a décima. A caçula.(...)*⁸

⁷ José de Castro Mendes. A iluminação elétrica. IN: Correio Popular, Campinas, 28/11/1968, Suplemento.

⁸ Ver texto integral em Anexos.

Dos anos de 1906 a 1908, a CASA LIVRO AZUL atingiu seu ponto máximo de vendas e produção. O comércio todo, de modo geral, estava aquecido. Tudo que havia era vendido com extrema rapidez e a solicitação de serviços tipográficos era enorme, devido ao fato de ainda serem poucas as oficinas impressoras existentes nas grandes cidades. O comércio, por esta época, costumava encerrar suas atividades às 9 horas da noite, mas a LIVRO AZUL, freqüentemente, se via obrigada a estender seu horário até 10 ou 11 horas, devido ao excesso de trabalho.

3.2. Cleso Castro Mendes



Fonte: MENDES, Antonio Benedicto de Castro. Casa Livro Azul. 1876-1946. Memorial comemorativo do 70º aniversário da sua fundação, 14 de novembro de 1876. Campinas: Casa Livro Azul, 1946.p. 40.

Conforme destacamos do Memorial acima, em 1911, seu filho Cleso de Castro Mendes começou a tomar parte nos negócios da Casa, percorrendo todas as seções e preparando-se para uma natural sucessão. De início, gerenciava a parte comercial,

relacionando-se com os fornecedores e *praticando na seção de compras*. Mais tarde, no ano de 1934, tornou-se então sócio da firma, que passou a girar com a razão social de Castro Mendes & Filho Ltda, conforme podemos ver no texto manuscrito abaixo, escrito por José de Castro Mendes para o Memorial de comemoração dos 70 anos da CASA:

2º José
Prefácio da Poliantheia de 1936.
(Transcrição do Prefácio. Pgs. 15 e 16)
Em 1934, ^o meu c. de Castro Mendes, ~~então~~ ^{passou a ser} ~~Castro Mendes & Filho.~~ ^{Castro Mendes & Filho.}
nela ~~trabalhou~~ ^{trabalhou} com afinco, adaptando novos melhora-
mentos, conservando ainda a base da mesma antiga,
que deu a prosperidade a ~~firmo~~ ^{firmo} primitiva.
Com desvanecimento ~~pode-se~~ ^{pode-se} afirmar que a ~~afirmação~~ ^{afirmação}
do "Rio Azul" cresceu hoje, como sempre, com apa-
relhamentos e mais modernos, para a execução de
qualquer trabalho de arte, por mais completo que
seja.
'Edifício Rio Azul'
(Pag. 95)
Na ocasião do 60º aniversário do "Casa Rio Azul",
foi publicada a poliantheia comemorativa a esta
data. Nesta ocasião deu-se o ~~inauguração~~ ^{inauguração} do novo
predio. Veio a propósito o que se publicou sobre

Fonte: arquivo Maria Luiza Pinto de Moura.

Nos anos de 1915 a 1923, Campinas se desenvolveu extraordinariamente, seu comércio e sua indústria igualmente progrediram e muitas novas firmas se estabeleceram. As empresas de estrada de ferro, principalmente a Mogyana, para as quais a

LIVRO AZUL fornecia, tinham tido um aumento considerável no tráfego, tendo, portanto, aumentado suas solicitações de impressos, livros, etc. A loja e as oficinas não tinham mais espaço para comportar tal incremento, e, mais uma vez, a CASA LIVRO AZUL foi ampliada e reformada para abrigar as novas máquinas, importadas da Alemanha, e assim dar vazão ao desenvolvimento da produção.

O impulso e o avanço da produção ocorridos entre os anos de 1922 e 1926 revelam este modo de administrar. O relato no Memorial Comemorativo de seu cinquentenário de existência faz referência a essa característica (MENDES, A.B., 1946, p. 78):

Portanto, do anno de 1922 a 1926, anno do seu cincoentenario de existência, a casa attingiu ao gráo maximo de sua producção, graças aos melhoramentos introduzidos, não só com edificações novas para aumento de suas secções de composição, encadernação, pautação, etc., bem como com os novos e aperfeçoaddissimos machinismos ultimamente recebidos, (...). Tornou-se ella, portanto, apta a dar cumprimento mais ou menos em tempo, a todos os seus encargos, que realmente se tornaram por demais vultuosos, havendo vezes em que eram necessárias impressões de alguns milhões de exemplares, em relativo pouco tempo, para attender ás requisições de seus freguezes em geral.(...)

No período que estudo - segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX - Campinas iniciou seu processo de modernização, que se caracterizou por um certo modo de viver, símbolos, costumes e usos buscados nos modelos europeus e norte-americanos. Não toda a população, mas certa camada da classe média e a aristocracia se voltaram para as artes, para a música, a literatura e para o consumo de certos objetos e padrões estrangeiros. A CASA LIVRO AZUL é um símbolo deste tempo, pois representa esta idéia que se tem de Campinas nesta época.. Foi neste ritmo que Castro Mendes importou e progrediu, acompanhando as inovações tecnológicas e científicas das cidades da

Europa. Esteve sempre à frente de seus compatriotas, antecipando o que depois iria se incorporar ao dia-a-dia da cidade.

Entretanto, enormes dificuldades surgiram com a explosão da Segunda Guerra Mundial: dificuldades na importação e exportação de máquinas e papel; uma paralisação total do porto de Santos devido à impossibilidade de navegação, uma significativa queda nas vendas e no comércio, em geral, a perda de grandes clientes (como a Companhia de Estrada de Ferro Mogiana e outras) que, ou puderam adquirir sua própria tipografia ou optaram por outras concorrentes. A tipografia e a papelaria já não eram estabelecimentos totalmente desconhecidos da sociedade, faziam parte de uma época em que livros e materiais para escritórios e negócios não precisariam mais ser importados. A produção local já havia se firmado. A CASA LIVRO AZUL permaneceu com seus trabalhos, substituindo os produtos importados por nacionais, superando assim as dificuldades de importação. Permaneceu ativa por mais 12 anos, quando encerrou suas atividades em 1958.

CASA LIVRO AZUL

AO POVO DE CAMPINAS

Com uma tradição comercial que se estende ao longo de 82 anos de atividades ininterruptas, pois foi fundada em 1876, a CASA LIVRO AZUL encerra, agora, a sua existência efetiva. Cerram-se as portas que sempre estiveram abertas à nobre e culta sociedade campineira; param definitivamente, depois de quase um século de fecundos trabalhos, os prélos que tanto serviram ao desenvolvimento desta cidade e de outras praças do país. Operando no ramo da indústria gráfica e no comércio de papelaria, o estabelecimento consolidou seu renome por força de sua atuação modelar à base da ética, do aprimoramento de suas instalações e das iniciativas que sempre tomou a fim de corresponder à confiança pública. O próprio setor artístico não lhe passou despercebido

e, nesse capítulo, a CASA LIVRO AZUL pôde prestar serviços à coletividade campineira. Por estas razões todas, o estabelecimento se incorporou à crônica de Campinas, pois de seus prelos saíram, inclusive, obras de caráter histórico sobre a cidade. (...)

C. CASTRO MENDES , proprietário.

*Campinas, 30 de março de 1958. (In: **Diário do Povo**, 01 de abril de 1958).*



Fonte: Antonio Benedicto de Castro Mendes. Casa Livro Azul. Memorial comemorativo do cincoentenário de sua fundação, 1926.

Antonio Benedicto de Castro Mendes faleceu em 28 de novembro de 1938, tendo deixado seu nome ligado às artes, principalmente à música, e a diversas instituições filantrópicas e religiosas de Campinas. Foi vereador por diversas legislaturas, membro da diretoria do Asilo dos Inválidos, Hospício de Dementes, dos Conselhos Consultivos da Caixa Econômica do Estado, da Associação Comercial e provedor da Santa Casa de Misericórdia (MENDES, C., 1951) .

4. Buscando sentidos

Nenhum editor sonharia em mencionar o papel e o tipo ao anunciar hoje em dia um livro de direito. No século XVIII, os anunciantes presumiam que seus clientes se preocupavam com a qualidade física dos livros. Tanto compradores, quanto vendedores, compartilhavam do mesmo modo de um conhecimento tipográfico que atualmente está quase extinto.

Robert Darnton

Através das conversas com alguns dos freqüentadores da LIVRO AZUL ainda vivos, descobri este espaço cultural que parece ter sido tão rico e importante em uma certa época de Campinas e é ainda quase que totalmente desconhecido nos meios acadêmicos. As entrevistas com os descendentes de seus antigos proprietários e as fontes impressas encontradas nos arquivos do Centro de Memória da Unicamp, do Centro de Ciências Letras e Artes, do Arquivo Edgar Leuenroth e do Correio Popular, deixaram-me entrever um ambiente que talvez pudesse contribuir para a reconstrução da memória da leitura e da história desta cidade. Como? Trazendo aspectos que pudessem revelar como esta Casa nasceu e se desenvolveu em um determinado tempo em Campinas.

Tentar perceber as condições que parecem ter favorecido o seu surgimento; investigar as condições que possibilitaram que ela se desenvolvesse e ganhasse significações importantes na época, significados estes presentes e realimentados até hoje no imaginário das pessoas que entrevistei – essa parecia ser minha tarefa. E estas, as perguntas

que me fiz e ainda faço: Que significados seriam estes? Que contornos, sentidos e aspectos vão se organizando em torno desta CASA, dando a ela uma certa configuração?

Infelizmente, devido ao grande número de fontes e material recuperado, não seria possível trabalhar a fundo todos os aspectos da CASA LIVRO AZUL (tipografia, papelaria, livraria, encadernação, douração, comércio de pianos, audições musicais, saraus literários, entre outros) e também não seria possível analisar todo o período de sua existência, de quase cem anos. Tornou-se necessário, então, fazer um recorte.

Havia alguns caminhos que poderiam ser seguidos:

- construir uma visão desta Casa através da figura de seu fundador, Antonio Benedicto de Castro Mendes. Quem foi ele? O que o motivou a criar este espaço? Que marcas pessoais, familiares, sócioeconômicas, profissionais, constituíram esse homem, que puderam interferir ou colaborar para que ele fundasse, se tornasse seu principal proprietário e ao morrer deixasse para a família a continuidade deste local? Que lugar este homem ocupou na sociedade campineira, como se posicionou diante das mudanças políticas, econômicas e sociais que o país enfrentou durante a existência da CASA? Como ele pôde ser representante de uma época e o quanto significou para a vida cultural de Campinas?

- construir uma visão da LIVRO AZUL, em sua totalidade, com todas suas mudanças, de endereço, de administração, de fregueses e frequentadores, de objetos oferecidos, de serviços prestados. Poderia traçar uma imagem da CASA na sociedade

campineira, relacionando-a com a história da leitura e de seus leitores? O que significou e representou esta CASA para a vida cultural de Campinas, no período de 1876-1958?

Optando pelo primeiro caminho, correria o risco de estabelecer uma imagem idealizada deste homem, elaborada e transmitida apenas por ele próprio, visto que grande parte da documentação levantada foi produzida pela própria loja. Além disso, as entrevistas realizadas por mim também me levaram a pessoas diretamente ligadas à família Castro Mendes, ou então, seus descendentes diretos, que normalmente usavam como fontes de suas informações, os próprios Memoriais.

A segunda opção exigiria um grande fôlego e talvez acabasse por criar uma certa superficialidade e até mesmo a generalização dos dados. Decidi, então, por restringir o período a ser focado, destacando o espaço de tempo que vai desde a fundação da CASA, no final do século XIX, até quando, segundo seu proprietário, ela atinge o ápice de seu reconhecimento e brilho: 1906. Fiz ainda uma nova opção, que foi a de tentar conhecer este lugar fazendo um movimento de aproximação e focando principalmente suas propagandas publicadas nos jornais daquele período.

As propagandas são uma forma de se projetar e criar uma imagem que se pretende verdadeira para determinado objeto ou comércio. Podem criar hábitos, inventar moda, reforçar práticas, produzir desejos, massificar expressões de linguagem, enfim, convencer pessoas, revelando determinados conceitos sócio culturais.

Os anúncios são também reveladores de uma sociedade e de uma determinada época, retratam maneiras e modos de viver. Delso Renault, analisando os anúncios nos jornais da cidade do Rio de Janeiro, reflete sobre os aspectos miúdos da vida cotidiana, urbana, revelando, desta forma, aspectos da vida coletiva. Assim comenta ele:

Nos velhos jornais, nas entrelinhas dos seus anúncios, estão guardadas infinidades de emoções: os apelos, as críticas mordazes, as advertências, os ódios e os perdões; outras vezes o riso, o canto, o pranto, a alegria extravasam das letras de fôrma. Nos anúncios dos principais jornais – entre 1808 e 1850 – recolhemos centenas de dados curiosos que nos mostram os costumes e os hábitos do fluminense daqueles tempos. Eles nos deixam ver o contraste dominante nas atitudes do povo e – até mesmo – da cidade que se forma tão monótona, e, ao mesmo tempo, tão imprevista nas suas reações e na sua paisagem urbana (RENAULT, 1969, p. 11).

As propagandas, provavelmente, poderiam me fornecer uma certa imagem pública com a qual a LIVRO AZUL gostaria de se apresentar, de se dar a conhecer, de conquistar a sociedade. Que marcas, traços, aspectos da CASA seriam destacados pelos proprietários na construção da imagem com que gostariam de se apresentar ao público campineiro? Por que escolhiam certos aspectos e não outros? Orientados pelas necessidades e desejos dos clientes que queriam conquistar? Pela novidade que esta CASA significava para a sociedade da época? Para marcar uma certa identidade, afirmar-se na cidade? Como a CASA se revelava através das propagandas?

Ainda focando as propagandas, mas atentando especificamente para a história da leitura e da escrita, eu poderia me aproximar de algumas relações que os indivíduos da época tiveram com a cultura impressa e com determinados objetos culturais?

Quais eram os seus gostos, usos, preferências - enfim, que práticas se movimentavam em torno desses produtos? O que compravam, valorizavam, para que e por quê?

Consegui 29 categorias diferentes de propagandas no período de 1876 a 1889, nos jornais *Gazeta de Campinas* e *Diário de Campinas*. Destas, 4 destacam os serviços de encadernação e se referem aos primeiros 4 anos de abertura da loja, quando seu principal serviço era apenas a encadernação. Mais 4 se referem especialmente à tipografia, desde a compra da primeira máquina para impressão de cartões de visita, até a aquisição das mais modernas, vindas da Europa, com destaque para a diversidade de tipos e caracteres. Outras 18 se referem aos outros serviços oferecidos pela loja: venda de artigos de papelaria, quinquilharias e livros, embora vários destes anúncios não deixassem também de mencionar os serviços de impressão e encadernação. Dentre estes 18, são 2 os que mencionam algum tipo de livro. E apenas 2 também são específicos para a venda de pianos. Não encontrei nenhum anúncio, nesta época, que se referisse exclusivamente a livros. Finalmente, encontrei ainda 1 que se refere especialmente a uma gramática para as escolas, com pontos de venda em diversas lojas da cidade, entre elas, a LIVRO AZUL. Para este estudo, não considere as repetições, ou seja, o número de vezes que uma mesma propaganda aparece. Este dado pode ser significativo quando se quer destacar a ênfase dada a um determinado produto ou a uma idéia pelo número de vezes em que ela é mencionada, ou quando se faz uma análise quantitativa, o que não era objetivo deste trabalho.

Obtive também 11 propagandas no jornal *Cidade de Campinas*, no período de 1901 a 1906, que se referem aos setores de tipografia, papelaria e livraria. Conteí apenas uma de cada tipo, ignorando as repetidas, que aparecem por vários dias ou mesmo semanas.

Também não considere as propagandas de pianos, objetos de arte, bonecas, louças, vendas de ingressos para temporadas líricas, exposições de Natal ou aquelas que apenas citam a CASA LIVRO AZUL

Neste trabalho, destaco 15 destes anúncios publicados no período de 1876 a 1906. Selecciono as propagandas e, em torno de cada uma, vou buscando nos Memoriais, através do narrador-proprietário, os seus depoimentos, as falas de seus freqüentadores e clientes; nos Almanques, trechos da história da CASA e da vida cultural de Campinas; nas entrevistas colhidas por mim, fragmentos da memória deste espaço no imaginário das pessoas que o conheceram; e, ainda, na história da imprensa e da educação no Brasil já publicada, alguns debates e fatos políticos e sociais.

4.1 As propagandas



Francisco de Paula Vasconcellos Pinto e mais filhos, genros e netas do finado capitão Antonio Joaquim de Vasconcellos Pinto agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o enterro do mesmo finado e convidam aos seus amigos e aos do referido finado, para assistirem a missa do sétimo dia que se ha-de celebrar na matriz da Conceição (Rosario) no dia 27 do corrente ás 8 horas da manhã.

3-2

PROFESSOR

Um professor de mathematica que estudou na escola polytechnica de Zurich, propõe-se á ensinar a arithmética, algebra e geometria elemental analytica e descriptiva. Ensinará em portuguez, francez e allemão:
Para informações dirijam-se ao collegio Florence

3-2



Companhia Mogyana

PROLONGAMENTO

4ª. CHAMADA DE CAPITAES

A directoria deliberou fazer a 4ª. chamada de capitaes para o prolongamento, na razão de 10 por cento ou 20.000 por acção, que será effectuada improrogavelmente de 16 á 26 de Dezembro proximo.

Convido, pois, aos srs. accionistas á realizarem as suas entradas no escriptorio da companhia ou no Banco Mercantil de Santos. Campinas, 16 de Novembro de 1876.

O secretario

6-5

Correia Dias.

CASA A' VENDA

Vende-se por preço commodo uma casa de morada, nova, situada n'um dos

CAVALLO A VENDA

Vende-se um cavallo pampa, alto, marchador, uma parelha de tordilhos, mansos de troll, e um tordilho com marcha troteada para sella. Para informações dirijam-se ao senhor Juvenio Fernandes de Oliveira, rua Luzitana esquina da da Ponte.

6-2

AO LIVRO AZUL

RUA DIREITA N. 42 A

Roberto Alves & Mendes participam ao publico que se acham estabelecidos á rua e numeros acima declarados, com officina de encadernação de Livros, e de cartões para visitas, para casamentos e commerciaes, e tudo o mais que é concernente ao seu ramo de negocio. Encarregam-se de apromptar toda e qualquer encadernação de Livros de Musicas e de qualquer qualidade que seja, com brevidade e perfeição. Tambem aprompta-se por encomenda, caixa para chapéu, para cabello, e para casas de commercio.

TUDO POR PREÇOS MODICOS.

Pede-se a condição do publico.

4-2

SALSAPARRILHA AYER
EXTR. COMPOSTO



O **DEPURATIVO**
do Sangue.

PARA A CURA

Das moléstias que produzem a

Infeccão

Syphilitica

Entrada no sistema

Rheumatismo,

Gotta,

Moléstias Cutaneas e

Nervosas, Moléstias Ha-

emorrhoidaes, &c.

PARA PURIFICAR O SANGUE

Vende-se nas principais boticas e drogarias desta cidade e do Imperio.

DEPOSITO GERAL 13 RUA DIREITA

RIO DE JANEIRO

S. Athenen Litterario Campinense

PRESIDENCIA DO SR. A. MARTINS

Sessão ordinaria, subhado 23 do corrente, ás 7 e meia horas da noite no salão do club semanal

ORDEM DO DIA

1ª parte—Leitura de trabalhos dos socios e recebimento de offertas.

2ª parte—Conferencia pelo illustrado socio sr. Julio Ribeiro. Os phenicios estivessem no Brazil?

De ordem do sr. presidente convido aos srs. socios bem como a todas as pessoas a quem possa interessar um assumpto de tanta importancia para historia Patria, especialmente sendo des envolvida por um talento de primeira ordem. Campinas, 22 de Novembro de 1876.

O primeiro secretario—S. Philidory.

LIÇÕES DE HISTORIA PATRIA

PELO DR.

Américo Brasilense

Vemos agora o recorte da página de jornal em que localizei a primeira propaganda da CASA LIVRO AZUL (Gazeta de Campinas, Campinas, 24/11/1876).

Ao olharmos para algumas propagandas da LIVRO AZUL, em um recorte de uma página de jornal, vemos em torno muitas outras que também nos permitem apreender alguns aspectos da sociedade da época, e que, juntas, formam uma rede de significados indicativos de uma determinada realidade. Assim, como diria Delso Renault:

São anúncios, velhos anúncios a retratar a infância da cidade de quatrocentos anos. Avisos sobre a venda de escravos e de livros; de artigos de moda e bebidas; ofertas de serviços profissionais, e professores; de livrarias e móveis; avisos sobre festas, teatros e aniversários da Corte; toda essa comunicação íntima e intensa – de sentimentos e emoções que formam e configuram a vida – está nos anúncios poeirentos (RENAULT, 1969, p. 11).

Juntando vários recortes, vemos propagandas que oferecem: aulas domiciliares de ensino primário e de prendas domésticas; que vendem: bilhetes de loteria inteiros, meios e décimos; roupas brancas na casa de *Joaquim Egydio*; elixir para enfermidades de estômago na *Pesina Boudan*; vinho de *Bellin* para pobreza de sangue; xarope para asma, defluxo, moléstias de peito; pastilhas de *Dethan* contra as doenças da garganta, inflamações da boca, mudas de maçãs, pêsegos, ameixa preta; o verdadeiro sulfurete de carbono para a extinção das formigas e mais insetos no depósito de *José Antunes*; grelhas para terreiro de café; chapas de ferro para fogões; sinos; budras de carroças; moinhos de vento; debulhadores de milho; bombas hidráulicas; espingardas com um ou dois canos; apetrechos para armas *Lefucaher e Fogo Central*; artigos de caça e pesca e de viagem; peneiras; máquinas para beneficiar café.

São anúncios que informam: um grande concerto em favor da Sociedade Portuguesa; horários e trajetos de trem da estação *Mogyanna* no ramal da Penha; instalação

de médicos operador e oculista; chegada à cidade de médicos que aplicam electrotherapicos; mudanças de endereço de seus gabinetes com instrumentos mais modernos para o tratamento de moléstias de senhoras; chegada da única casa que domina o “processo americano de retratos” e lista de preços das sacas de café no mercado de Santos. Há ainda matérias que solicitam colonos pretos ou brancos para colheita de café e aprendizes nas oficinas da casa LIVRO AZUL.

Essa heterogeneidade de informações e dados revela, como já disse, uma sociedade agrícola em fase de urbanização, que, embora demonstre um movimento comercial intenso e diverso, próprio das grandes cidades, mescla ainda aspectos de industrialização e modernidade à sua vida simples e rural. Uma mesma página de jornal propaga *métodos mais modernos para tratamento de moléstias de senhoras* e comercializa *chapas de ferro para fogão* e *vinho para pobreza de sangue*. Vende *peneiras* e *moinhos de vento* e anuncia um *grande concerto em favor da Sociedade Portuguesa*.

Através das mercadorias divulgadas nestes anúncios percebe-se também a principal atividade econômica da cidade, o plantio e comércio de café: *grelhas para terreiro de café*, *máquinas para beneficiar café* e também o *preço das sacas de café em Santos*. Isto sem falar nas relações sociais que ainda se pode inferir a partir da solicitação de *colonos pretos ou brancos para colheita de café* e *aprendizes para as oficinas da LIVRO AZUL*.

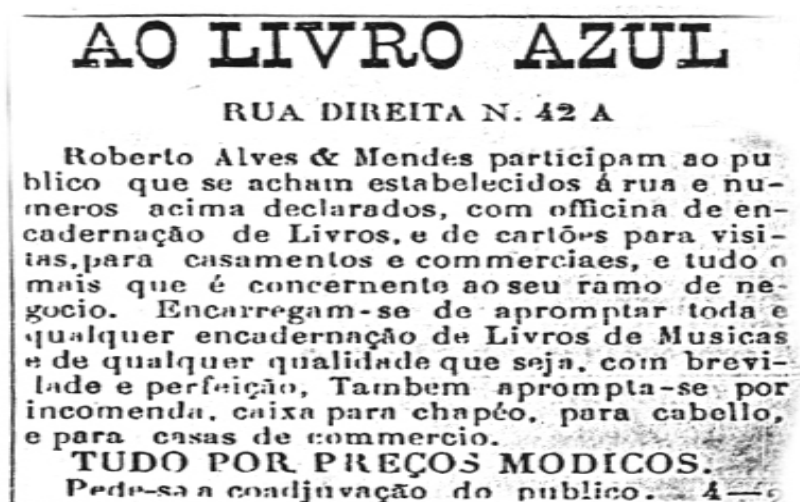
Voltando à página de propaganda exibida no início deste capítulo: no alto, o anúncio da LIVRO AZUL, em tamanho bastante significativo, vem logo abaixo do

anúncio da venda de cavalos. Ao lado, um anúncio de missa de sétimo dia. Mais abaixo, propagandas de depurativo para o sangue e vendas de casa. Há ainda uma propaganda da Companhia Mogyana e outras três, referentes a aspectos culturais: aulas particulares de Matemática, Lições de História Pátria e sessão de leitura no Atheneu Litterario Campineiro. Aqui, neste exemplo, o espírito cultural e literário se misturam em Campinas a aspectos rurais e provincianos; ao mesmo tempo em que se comercializam educação e cultura (aulas particulares e sessões de leitura) vendem-se cavalos para selas e depurativos para o sangue na cura de infecção sifilítica. São evidentes, também, sinais da presença de estrangeiros em Campinas, no anúncio do professor que se formou na escola *polytechnica de Zurich* e que leciona aritmética, álgebra e geometria elementar analítica e descritiva nas línguas *portuguez, francez e allemão*. Quem poderia ter interesse em aprender álgebra e matemática em línguas estrangeiras deve também obter informações no *collegio Florence*. Colégio de Carolina Florence, exclusivamente para educação feminina e que se destacava na sociedade campineira da época. São recortes de um tempo.

E é neste clima de modernidade e provincianismo, de crescimento e prosperidade, que se instala e se desenvolve a CASA LIVRO AZUL.

5. Pelas propagandas: a tipografia

Das propagandas mencionadas no capítulo anterior que se referem à tipografia, 8 foram publicadas nos jornais *Gazeta e Diário de Campinas* e 3 no *Cidade de Campinas*. Analisando-as, procurei verificar como a CASA LIVRO AZUL se apresentava à sociedade. Eis um dos primeiros anúncios, localizado na *Gazeta de Campinas*, de 24 de novembro de 1876:

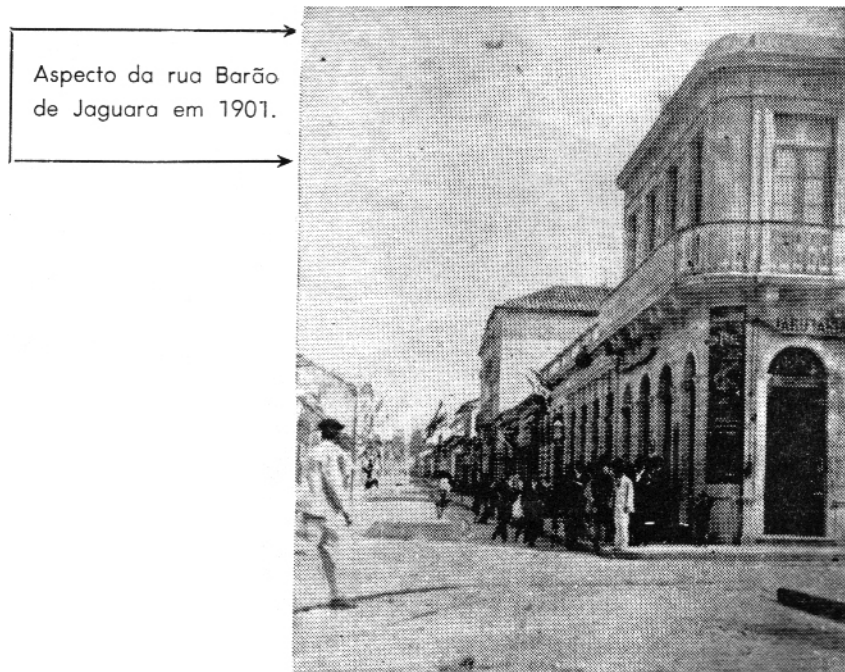


Fonte: *Gazeta de Campinas, Campinas, 24/11/1876*

Esta primeira propaganda sobre a fundação da LIVRO AZUL, em 1876, indica que a loja inicia suas atividades pela encadernação, com pouco destaque para a tipografia, o que será seu principal serviço durante muitos anos. Ela revela ainda que a lojinha teve início bem no centro de Campinas, no nº 42 A da antiga Rua Direita, atual Barão de Jaguara.

Em destaque, centralizado, com letras maiúsculas, em negrito e tamanho maior do que todas as demais, está o nome da casa, AO LIVRO AZUL: a chamada para uma loja que ainda não era conhecida pela sociedade em geral e destaque, logo abaixo, para o endereço: Rua Direita, nº 42 A, que, como sabemos, é local central da cidade, que reunia muitas outras casas comerciais naquela época.

Em fotos recuperadas daquele tempo, como a reproduzida abaixo, extraída do *Jornal Correio Popular*, vemos que a Rua Direita (em foto de 1901), mais tarde denominada como Barão de Jaguará, compunha, junto com algumas outras, como a Rua do Meio (Dr. Quirino), Rua do Rosário (Francisco Glicério) e Rua de Baixo (Luzitana), o coração comercial da cidade.



Fonte: Correio Popular, Campinas, 08/08/1968. Suplemento

O centro da cidade, então formado por quatro ruas principais, concentrava na Rua Direita inúmeras casas comerciais:

Nela estiveram abertas várias casas comerciais: Alfred Genoud (Au Monde Elegant); Antonio Benedito de Castro Mendes & Irmão (Casa Livro Azul); Antônio Francisco de Machado Couto (loja de ferragens, tintas, armas e artigos para a lavoura); Antônio Pereira Sampaio (fazendas, moda e armarinhos); Augusto Hack (joalheiro); Benjamin Reynhardt (casa de encanamentos de água, gás e esgotos); Carneiro, Vieira & Cia (Notre Dame de Paris); Dario Pisani (Hotel Ville de France, onde se hospedou Sarah Bernhardt); Francisco Capolupo (marcenaria de móveis para noivos); Guilherme Rotemberg (loja de chapéus); Henrique de Barcelos (jornal Correio de Campinas); J. Gerin (jóias e relógios); João Ziegleder (fábrica de chapéus); Léon Hertz (A Bota Campineira); Sophian Niebler (atelier de fotografias) e nela se encontrava ainda a conceituada farmácia de Oto Langaard que nesse tempo (1889), exercia a vereança (GOULART, 1983, p. 21).

Temos aí um comércio diversificado, representado principalmente por europeus, como a joalheria Gerin, a loja de Rotemberg, a Casa Genoud, o joalheiro Augusto Hack e João Ziegleder, da fábrica de chapéus, entre outros. Há também representantes de novos e antigos segmentos comerciais, como Sophian Niebler, do atelier de fotografias, e lojas de ferragens e artigos para lavoura.

O comércio de artigos importados era valorizado pelo consumidor em razão da variedade e qualidade de seus artigos e o estabelecimento, geralmente nomeado em francês (Notre Dame de Paris, Casa Genoud, Au Monde Elegant, Hotel Ville de France), era reconhecido pela população. Em meio a este comércio multifacetado, temos três representantes do mundo da escrita: A LIVRO AZUL, a Casa Genoud e o Jornal *Correio Popular*. Setores que começavam também a se beneficiar das inovações e técnicas que

marcaram o final do século e que *efetivamente interferiram no cotidiano, incorporadas de pronto pelo país aberto a viver sua mudança, fosse aquela da ordem política, introduzida pela República, ou aquela do ideário da modernidade, anunciada em particular nos centros avançados europeus* (MARTINS, A.L. 2001, p. 183).

Os anúncios, na época, diferiam muito dos que circulam na mídia escrita, hoje em dia, quer pela linguagem, quer pelo seu conteúdo. A análise da primeira propaganda da CASA LIVRO AZUL, permite ao leitor observar que, além da divulgação das atividades e de sua localização, ela vem redigida em um texto razoavelmente longo, para os modelos contemporâneos. Em um único parágrafo e sem imagens, anuncia quem, onde e como oferecem e o que oferecem. Além disso, fica evidente que não é a loja que coloca à venda seus produtos e serviços de maneira impessoal, mas Roberto Alves & Mendes, pessoas provavelmente conhecidas naquela sociedade, que comunicam que a partir daquela data tornam-se comerciantes em um novo ramo de negócios.

É importante observar, ainda, que o anúncio destaca também, em letras maiúsculas, TUDO POR PREÇOS MÓDICOS, e registra em uma única e separada linha, o pedido da presença do público para conhecimento do local.

O que podemos destacar neste anúncio em relação ao modo como os proprietários das primeiras tipografias anunciavam seus produtos para uma sociedade ainda pouco acostumada a produtos impressos nacionais ou locais? Quais qualidades eles oferecem como “sedutoras”, irrecusáveis para tal comunidade? Quais eram os gostos, as preferências, os usos, enfim que práticas se movimentavam em torno dos produtos e

serviços oferecidos? Como os anúncios podem ser indicadores de uma construção e permanência de uma certa consciência tipográfica de uma comunidade de consumidores que parece ter desaparecido para nós, quando hoje vemos os materiais impressos como objetos familiares, espalhados no nosso cotidiano doméstico e profissional, prontamente e de maneira fácil, adquiridos em qualquer canto de nossa cidade?

Nesta primeira propaganda, AO LIVRO AZUL se destaca como uma loja de encadernação, de impressão e venda de cartões de visita e de fabrico de caixas de papelão para o comércio. Em relação à encadernação de livros, há duas idéias que devem ser observadas: uma é o emprego de letra maiúscula para a palavra livro. Seria um sinal de reverência pela importância, pela novidade, pelo espaço que o livro começava a ocupar nesta sociedade? Seria típico de um tempo marcado pelo desenvolvimento e crescimento de novas máquinas e técnicas de impressão, em que o mercado do livro se amplia e adquire importância pela divulgação fácil e rápida de romances, de ideais, de manuais técnicos, de cursos de línguas, de leis e normas, servindo, ao mesmo tempo, como lazer e instrução, do mesmo modo que as poesias, as gramáticas e os catecismos? Como afirma Belo, *esse é um período de crescimento caracterizado pela emergência de novas camadas de leitores que a escola e a urbanização ajudaram a produzir* (BELO, 2002, p.92). O emprego da maiúscula chamaria a atenção para um objeto (livro) que está ampliando seu espaço de circulação para uma nova categoria de leitores em uma sociedade que cresce e se urbaniza?

Uma outra idéia que surge a partir deste primeiro anúncio aponta sinais evidentes de uma cidade que deva ter livros a serem encadernados. Por quê? Porque

provavelmente ainda estamos em um tempo em que livros foram e são precariamente encadernados em brochuras ou vendidos de forma avulsa, quando não em folhetins.

A este respeito, SGARD afirma que desde a época de Gutemberg, o livro, por ser produção mais cara e mais elaborada, muitas vezes era substituído pelos folhetins nos periódicos, ou pelos folhetos avulsos, que poderiam ou não ser encadernados posteriormente. Isto fazia com que muitas tipografias optassem por esta forma de imprimir o livro e não pela outra. Assim, *podemos dizer que na época da tipografia artesanal, o livro e o jornal têm histórias paralelas, pertencem ao mesmo mundo.*¹

Os livros, então, precariamente impressos em folhas avulsas ou folhetins por economia, tinham a possibilidade de serem encadernados em edições luxuosas e caras, para atender ao segmento daqueles que os valorizavam, para serem guardados, colecionados, expostos em bibliotecas particulares ou escritórios. A encadernação seria uma possibilidade de conservação do objeto por um tempo maior, o que possibilitaria sua utilização por diferentes gerações, mas seria também símbolo de ostentação, de riqueza e de poder. Segundo Rouevre, citado por Wilson Martins, foram os árabes que primeiro produziram encadernações de couro com gravuras douradas ou prateadas (MARTINS, W., 2001, p. 109). Em grande parte da Europa oitocentista, possuir livros com encadernações em couro, ornadas com desenhos elaborados por artistas de renome, era símbolo de poder e de riqueza. A nobreza e os mais abastados posavam, muitas vezes, para pinturas e retratos,

¹ Sgard, 1990/1984, apud André Belo, 2002, p. 85.

tendo ao lado ou ao fundo um livro ricamente encadernado. Mesmo no Brasil, no período imperial, vêem-se pinturas da família real ao lado de livros, entre outros objetos de cultura:



Fonte: História da vida privada no Brasil. v. 2, 1998, p.230-231.

Na primeira ilustração vemos D. Pedro II, sentado, tendo, em um dos lados, um globo, símbolo de conhecimentos de Geografia e Geometria; e, de outro, uma mesinha - com um relógio e objetos de escrita (pena e tinteiro) -, onde apóia e segura, fechado, um livro encadernado em couro. Atrás, surge ainda uma estante com vários livros desarrumados, como se fossem freqüentemente utilizados.

Na segunda pintura, D. Teresa Cristina, em pé, apóia sua mão numa mesinha, que parece ser a mesma utilizada por D. Pedro II, em seu retrato. Sobre ela, os mesmos objetos de escrita, pena e tinteiros, agora acompanhados por um jarro de flores e vários livros, também encadernados em couro. Dois deles fechados e um aberto, como se sua leitura tivesse sido interrompida naquele momento, para a pose para o quadro.

Estes dois exemplos sugerem a importância atribuída aos objetos de escrita e aos livros encadernados luxuosamente, que figuravam ao lado de imperadores: são objetos de adorno, símbolos de cultura, de modernidade e de posição social. Não são folhas avulsas, nem folhetins dispersos ou jornais, mas livros luxuosamente impressos e encadernados, objetos de leitura ligados à prática da escrita.

Esta prática da encadernação também está evidente na propaganda da *Livraria Americana*, que destaco a seguir:

Nesta propaganda, anunciada em 22 de setembro de 1886, na *Gazeta de Campinas*, encontramos a oferta, na *Livraria Americana*, da edição de “A morte de D. João”, de Guerra Junqueiro, - proclamado o maior poeta contemporâneo de Portugal - , um dos primeiros poemas da língua portuguesa.

Fonte: *Gazeta de Campinas*,
Campinas, 22/09/1886.

GUERRA JUNQUEIRO A Morte de D. João

EDIÇÃO NITIDA DA
LIVRARIA AMERICANA

Livro vasado nos moldes da moderna feição litteraria, compõe-se este poema de versos magestosos, iriados de imagens esplendorosas e originalissimas, reunindo em harmonioso conjuncto, a doce suavidade da poesia lyrica a energica mas rude nudez da verificação realista.

A acção do poema é um verdadeiro estudo anatómico sobre uma parte gangrenada do corpo social, e nisto se revela o poeta discipulo da escola moderna, cujo escopo já hoje não pôde deixar de ser observado pelos espiritos esclarecidos e cultos.

A MORTE DE D. JOÃO

é considerada um dos primeiros poemas da lingua portugueza, e seu autor foi ha pouco proclamado o maior poeta contemporaneo de Portugal, em um torneio promovido pela imprensa.

As edições rapidas e successivas que tem tido esta obra attestam o seu subido valor, sendo para notar que a sua primeira edição portugueza, de quatro mil exemplares, esgotou-se ao fim de poucos dias.

Preço

1 vol. em papel Chamis broch..... 2\$000

Encadernação elegante..... 3\$000

Para negocio grande abatemento.

Aos mesmos preços, sem augmento de porto, remette-se para qualquer ponto do imperio, a quem o pedir á

Livraria Americana

DE

CARLOS PINTO & COMP.

Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande

Com a argumentação de que a obra teve edições rápidas e sucessivas, e que uma primeira edição portuguesa, de quatro mil exemplares, esgotou-se em poucos dias, o

anúncio justifica o aumento de seu preço. O que chama especialmente a atenção é que o livro de Guerra Junqueiro, está sendo vendido em duas versões: em brochura em papel chamois, por 2\$000, e em encadernação elegante, por 3\$000. Nessas versões, percebe-se uma valorização da encadernação e a possibilidade de fornecimento do livro de acordo com as posses e necessidades do cliente. Observe-se ainda que a Livraria não tem sede em Campinas e que o livro está sendo vendido pelo Correio, numa época em que os transportes eram precários e as viagens demoradas, o que também agrega ao objeto livro a idéia de espera, de expectativa.

A primeira propaganda da CASA LIVRO AZUL também a apresenta como encadernadora, e como impressora de cartões de visitas², casamentos e comerciais. É nítida, nesse anúncio, a importância destes cartões para uma sociedade que valoriza práticas orientadas por regras de etiqueta e que está preocupada em adensar traços de sociabilidade.

Segundo Pedro Vasquez, os cartões de visita se tornaram um modismo no mundo todo, inclusive aqui no Brasil, onde foram impressos aos milhares, principalmente na década de 1860. Era um modo de apresentação de uma fotografia, colada sobre um papel rígido, mas em tamanho reduzido³, conforme se pode ver nesta imagem:

² Cartão de visita: “formato de apresentação de fotografias inventado pelo francês André Adolphe-Eugène Disdéri (1819-1889) em 1854 e assim denominado em virtude de seu tamanho reduzido (apresentava uma fotografia de cerca de 9,5 x 6cm montada sobre um cartão rígido de cerca de 10 x 6,5cm). Pedro Vasquez. IN: www.itaucultural.org.br, site acessado em 04/11/2003.

³ Vê-se nesta imagem um cartão de visita de autor desconhecido, datado de 1867 e que circulou no Brasil durante a Guerra do Paraguai. Imagem publicada por André Amaral de Toral na Revista Brasileira de História, v. 19, p. 302.



3. Autor desc. (1867): carte-de-visite com retrato do paraguaio Antonio Gomes. Biblioteca Nacional Rio de Janeiro.

Tinham a mesma conhecida finalidade que têm os cartões de visita hoje: anunciam o nome de uma família, um endereço, ou marcam um encontro social. No verso, sobre o cartão branco, poderia ser escrita a mensagem e o destinatário. Eram, porém, mais elaborados que os atuais, pois divulgavam, além de um nome, uma fotografia. Foram também os

precursores dos conhecidos álbuns de fotografia, outra moda oitocentista:

O advento do cartão de visita foi o elemento propiciador do surgimento de outro modismo oitocentista: o álbum de fotografia. De acabamento esmerado, geralmente em couro com adornos de metal dourado ou prateado, os álbuns eram expostos em lugar de destaque nas salas de visita das famílias abastadas do período. Chegaram a existir inclusive modelos contendo uma caixinha de música embutida que era acionada quando se abria a capa do volume⁴.

Cartões de visita e álbuns de fotografia eram igualmente impressos e comercializados na CASA LIVRO AZUL. As tipografias sempre imprimiram, além de livros, folhetos, cartões de visita, cadernos, santinhos, convites, periódicos, etc., e todo este material avulso circulava, tinha sua importância e era dado a ler. Vemos aqui a acumulação de serviços e produtos de uma tipografia que não pode sobreviver apenas da publicação de livros, conforme afirma Belo (BELO, 2002, p. 85). Há também a produção de outros

⁴ Pedro Vasquez. www.itaucultural.org.br. Site acessado em 04/11/2003.

materiais escritos, que circulam paralelamente ao livro, uma vez que a escrita passa a ter uma função significativa como anunciadora de novas relações sociais e comerciais. Segundo CERTEAU (1996), nos últimos três séculos, a prática *escriturística* define a iniciação por excelência em uma sociedade capitalista e conquistadora. A escrita impressa passa a ocupar um lugar que não é mais marcado pela oralidade ou pelos cartões, cartas e mensagens de forma manuscrita e seladas pelos brasões de família. Imprimem-se cartões e santinhos de forma padronizada e uniforme, a atender a um público maior e com diferentes necessidades: para comemorar aniversários, datas natalícias, casamentos, festas religiosas, etc.

A LIVRO AZUL se revela também como uma loja disposta a atender ao comércio que cresce e busca afirmar-se como um centro da região, necessitando de cartões de visita, livros de registro das transações de compra e venda e ainda, de caixas de embalagem para seus produtos – *tudo ao seu ramo de negócio*. Aqui podemos notar como Castro Mendes se refere, em seu primeiro Memorial, à necessidade de imprimir cartões de visita e de ampliar o negócio de caixas de papelão:

Eu, no entanto, de accordo com meu sócio, cogitava já de augmentar os recursos da pequena casa, e então foi deliberado juntar á officina um ensaio de typographia, sendo para esse fim adquirida uma pequena machina somente para impressões de cartões de visitas. (...) Nesse anno chegou a Campinas o Snr. Alfredo Genoud, cidadão francez, que já descança, há bem tempo, em terra campineira. (...) O Snr Genoud, gostando da terra, aqui fixou residencia, fundando uma casa com especialidade em perfumarias finas e salão de cabelleireiro, tambem especial para senhoras (1). Logo o Snr Genoud procurou o LIVRO AZUL para dar boas encommendas de caixas de papelão, para serem nas mesmas acondicionadas bellissimas tranças de cabelo, que sua casa confeccionava e que as senhoras de então compravam para augmentar as soberbas tranças naturaes que possuíam (2).

(1) Esta casa muito properou, tornando-se hoje, com muita justiça,

um dos estabelecimentos de maior destaque no alto commercio desta cidade.

- (2) *Nota-se a transformação dos costumes desses tempos para os de hoje. Antes, as senhoras procuravam por meios artificiaes augmentar as suas lindas cabelleiras, e agora – cortam desapiedadamente esse bello ornamento das cabeças femininas (MENDES, A.B. 1926, p. 8).*

Esta referência feita pelo próprio Castro Mendes informa não só o seu argumento em relação à importância de se ter uma máquina só para a impressão de cartões de visita, como indica também que a chegada de estrangeiros em Campinas, instalando novos ramos de negócios permite a ampliação desta CASA, como também de muitas outras. São os imigrantes que chegam de diferentes lugares, movidos por diferentes propósitos e interesses, instalando um novo movimento na cidade. A sociedade cresce e necessita de cartões para criar e adensar relações entre diferentes indivíduos e famílias, numa prática mais formal, socialmente configurada por novas posições profissionais ou econômicas, pois como sabemos, o incremento da produção cafeeira, que gerava acúmulo de riqueza e desenvolvimento urbano, acentuava também o problema da força de trabalho, evidenciando a necessidade da contratação de trabalhadores livres, principalmente tendo-se em vista o crescimento do movimento abolicionista, o que favorecia novas relações sociais e, conseqüentemente, novos modos de tratamento e relacionamento interpessoais.

Segundo BADARÓ (1996, p.26), a imigração alemã iniciou-se em Campinas por volta de 1852, quando chegou a primeira turma à Fazenda Sete Quedas. A partir de então, novas levas de imigrantes alemães, belgas, suíços e tirolezes foram se estabelecendo pelas diversas fazendas campineiras. Seguiram-se os franceses e logo em seguida os

italianos, grupo que preponderou na cidade. Quando não se fixavam nas lavouras cafeeiras, partiam para a cidade, onde abriam pequenos negócios, ou se dedicavam à produção caseira. É o que vimos no depoimento de Castro Mendes ao se referir à Casa Genoud, ou nos nomes dos estabelecimentos comerciais instalados no centro da cidade, no comentário que faz Edmo Goulart sobre a foto da Rua Direita em 1901. Nova cultura, novos ideais e novas idéias chegavam com eles e iam alterando a configuração da cidade, redesenhando os espaços públicos, os estilos arquitetônicos, as regras de higiene e saúde pública.

Ainda segundo Ricardo Badaró, *a vida cultural se torna intensa despontando diversos colégios, associações artísticas, literárias e musicais, não sendo poucos os estudantes que davam seguimento à sua formação na Europa ou nos Estados Unidos. Também a elite cafeeira, com grande prestígio social e político, se viu agraciada com títulos honoríficos de diversas ordens imperiais (BADARÓ, 1996, p. 26).*

Imigrantes ou tradicionais famílias abriam e investiam em novos negócios acreditando na idéia de que a cidade estava evoluindo e que por isso havia um emergente público consumidor, como nos coloca LAPA (1996, p.19) quando se refere à sociedade campineira da segunda metade do século XIX e primeiras décadas de XX: *no caso de Campinas, detecta-se certa tomada de consciência e vontade coletiva da população, ou melhor, de segmentos representativos, de que afinal a cidade cresce e prospera a um ritmo diferente, mais acelerado do que aquilo que vai à sua volta.*

Ainda segundo Amaral Lapa, são novos produtos europeus, modos de vida, hábitos, linguagem, visão do universo, símbolos e padrões, educação e disciplina, que os

campineiros - da aristocracia, da alta e da média burguesia – utilizam, reproduzem e conferem à cidade. Utilizam, reproduzem e conferem a si mesmos, incorporam, adotam e transformam-se. Mudam seu estilo de vida, modernizam e adotam novos equipamentos e serviços, atraem novos habitantes e forasteiros. Com isto, crescem e se ampliam o comércio, o parque industrial, os transportes, o lazer e os serviços públicos de saúde. Surgem os trens, os bondes, a iluminação a gás, novas escolas, o cinematógrafo e a imprensa. As relações sociais entre indivíduos e grupos passam a ser, então, mediadas pela escrita com muito mais frequência (contratos, cartões comerciais e de visita, registros, notas, etc). O contrato oral - “a palavra dada” - passa gradativamente a ser substituído pelo contrato formal, escrito e registrado em cartório.

Tendo em vista este cenário, se buscássemos outros anúncios, que outros aspectos poderiam ser destacados através de algumas marcas ou expressões, presentes nos textos? Como os proprietários, Castro Mendes e seu sócio, “vendiam” a imagem da CASA LIVRO AZUL, insistindo em determinados aspectos que consideravam importantes para a sociedade que pretendiam conquistar? Quais seriam as qualidades, vantagens e novidades que esta loja ofereceria para esta comunidade? E por quê?

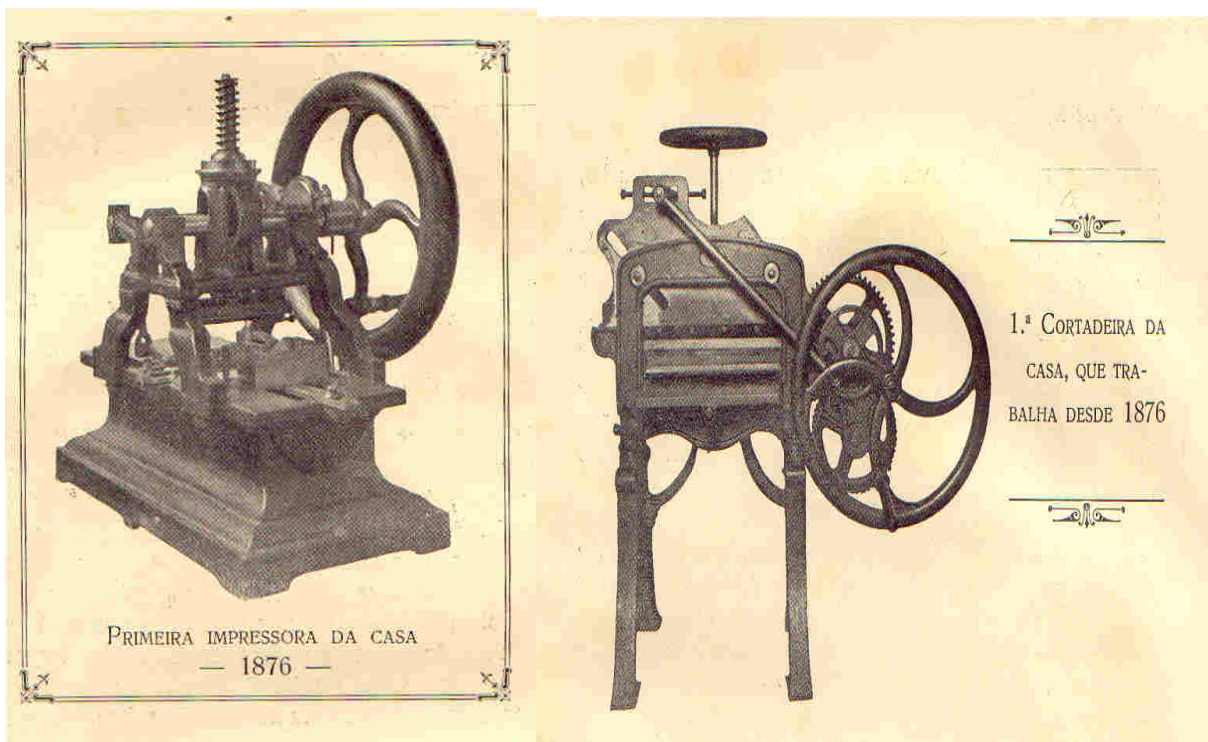
Por exemplo, neste segundo anúncio que destaco, publicado pelo almanaque *A Cidade de Campinas para 1901*, uma matéria escrita por Leopoldo Amaral, historiador de Campinas, a respeito do estágio em que se encontrava a parte tipográfica da CASA LIVRO AZUL, destaca:

É a parte que maior desenvolvimento tem tido, e possui um material abundantissimo, tendo para muito mais de 300 sortes de typos de todos os corpos e de enorme variedade, todos adquiridos das

fundições norte-americanas e ultimamente das allemãs. Tem quantidade extraordinaria de emblemas, vinhetas de combinação e utensilios diversos e variados, trabalhando com aparelhos aperfeiçoadissimos, de modo a produzir com facilidade os bons resultados que grangearam a fama das officinas do Livro Azul. Como casa especial de trabalhos finos, para o commercio em geral, dispõe de escolhido material para obras de luxo, tendo ultimamente introduzido a impressão denominada chromotypia, somente para serviços que exigem maior delicadeza e elegância (MENDES, A.B., 1926, p. 40-41). (grifos meus)

Se juntarmos o primeiro anúncio com esta matéria, vemos que a CASA insiste em identificar a força que a tipografia representa para ela. A imagem de uma tipografia que se constrói é de uma Casa que está sempre procurando a perfeição, sempre em busca de novas máquinas que executem os trabalhos com maior eficiência e rapidez.

Se compararmos as fotos destas duas primeiras máquinas que a LIVRO AZUL possuiu



Fonte: Antonio Benedicto Castro Mendes. Memorial comemorativo do 50º aniversário de sua fundação, 1926, p. 9 e 12.

com esta foto de 1936, extraída do Memorial comemorativo de seu 60º Aniversário,



Fonte: Antonio Benedicto Castro Mendes. Memorial comemorativo do 60º aniversário de sua fundação, 1936, p.41.

vemos, não apenas pelo corpo de funcionários, homens e mulheres, mas principalmente pelo tamanho e pelo aumento de número das máquinas, o quanto a oficina da LIVRO AZUL se desenvolveu, buscando atender a um mercado sempre em crescimento.

O texto de Leopoldo Amaral e a amplitude do espaço fotografado mostram que a LIVRO AZUL não é uma casa comercial qualquer, uma tipografia a mais na cidade, mas aquela que quer se firmar pela variedade e enorme quantidade de tipos de corpos e caracteres, emblemas e vinhetas capazes de produzir resultados finos, delicados e luxuosos, elegantes. O texto destaca também a diversidade de tipos a produzir trabalhos para todas finalidades e usos e para atender a um mesmo tipo de gosto: o requintado, o exigente, mesmo quando voltado para o comércio em geral. Uma casa que, por investir em modernas e novas maquinarias, já *granjeou fama* pelos seus produtos de qualidade.

Nestas duas propagandas que reproduzo abaixo publicadas na *Gazeta de Campinas*, com espaço de cinco anos entre uma e outra, Castro Mendes enfatiza a diversidade de material tipográfico que acabou de adquirir no exterior e destaca a qualidade de seus impressos:

TYPOGRAPHIA DO LIVRO AZUL

O proprietario desta conhecida officina, procurando corresponder à constante protecção que lhe tem sido dispensada pelos seus freguezes, tanto desta cidade, como dos do interior, resolveu melhorar cada vez mais o seu material para também servir sempre melhor.

Para este fim recebeu das principaes fundições de New York, directamente um variadissimo e escolhido material de typographia, tendo tudo o que há de mais moderno e mais elegante neste artigo.

Grande variedade de emblemas para todas as artes e industrias. Tintas de 12 differentes cores para as impressões de luxo.

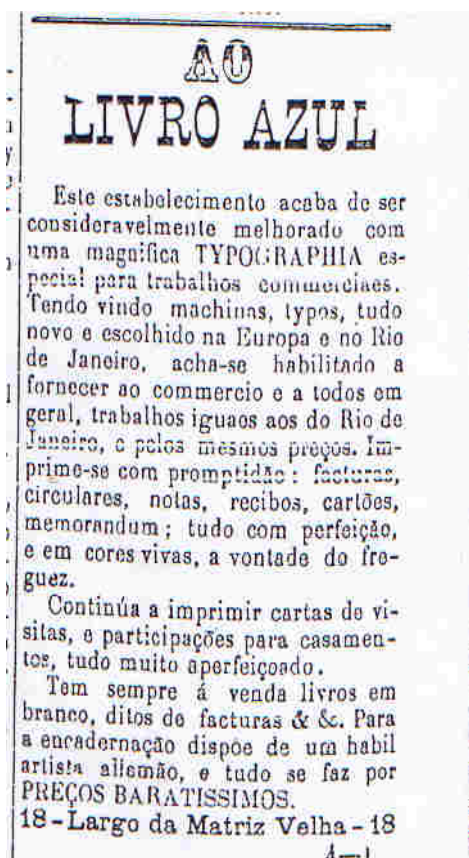
Acha-se pois em condições de poder executar trabalhos com a máxima perfeição e com material inteiramente dentro do gosto mais apurado.

Officina especial para trabalhos de luxo.

Tanto para particulares como para commercio em geral.

N.B. – Todas as encomendas são promptificadas com presteza e os preços muito reduzidos.

Fonte: Gazeta de Campinas, Campinas, 31/12/1885.



Fonte: Gazeta de Campinas,
Campinas, 24/10/1880.

Por que dar significado e importância às variedades e tipos de letra, chegando mesmo a mencioná-las ao anunciar um impresso? Durante muito tempo, foi significativo o aspecto gráfico, o tamanho das letras e tipos, e também a qualidade da encadernação. Considerava-se, segundo André Belo, que, ao se falar de reis e nobres na época medieval e posteriormente também na moderna, o tipo e o tamanho da letra deveriam estar à altura de seu poder.

Isto ocorria com muita frequência com os

manuscritos, cujos detalhes de ilustração e tipos de letra simbolizavam a grandeza e importância de seu significado. Havia, deste modo, uma relação direta entre conteúdo e forma: *Era todo o livro, do texto à encadernação e ao papel, que devia exprimir o sagrado ou a dignidade social. Por isso, a palavra de Deus ou a narração cronística da grandeza de um monarca deviam ser expressas em letras e imagens adequadas ao seu objeto* (BELO, 2002, p. 66). Aqui, forma e conteúdo estavam imbricadas, entrelaçadas, para um leitor acostumado a valorizar de quem se falava: da Igreja e da nobreza.

Mais tarde, no século XIX e início do XX, a forma tipográfica começou a se descolar de uma cultura manuscrita, que dava maior importância às pessoas com maior poder na sociedade, empregando os melhores e maiores tipos de letras ao escrever seu nome. Mas ainda era comum ao se anunciar um livro, falar das suas qualidades tipográficas, como tipos, papel e encadernação, coisa superada hoje em dia.

O texto de Leopoldo Amaral e as duas propagandas reproduzidas, ao destacar *300 sortes de typos de todos os corpos, quantidade extraordinária de emblemas, vinhetas de combinação e utensílios diversos e variados, tintas de 12 diferentes cores, variadissimo e escolhido material de typographia e typographia de luxo*, ilustram esta consciência tipográfica de uma sociedade que valoriza sobremaneira o objeto impresso.

Atualmente, o projeto editorial tem em vista o leitor e, quanto mais sofisticado, maior o cuidado com a encadernação e o papel; se menos exigente, pior o papel, a legibilidade, e a qualidade da encadernação. Fugindo ao padrão popular, mas procurando vender barato, a CASA LIVRO AZUL não descuidava da qualidade, tanto do papel, quanto da impressão e acabamento.

Em outro momento de sua matéria, Leopoldo Amaral destaca a maior quantidade no menor tempo de produção, qualidade que cada vez se torna mais visível pela sociedade que visa lucro em seus negócios:

*Possue para a impressão 7 prelos, sendo um grande de cylindro do autor francez Alauzel, dando **uma tiragem de cerca de 18000 exemplares por hora**; 2 prelos systema Libety n.3, que igualmente tem capacidade para 1500 exemplares por hora. Seguem-se ainda mais 3 prelos da mesma marca Libety, estes menores (n.2) que funcionam para os impressos pequenos e pode **cada um dar uma tiragem de 2.000 exemplares por hora**. Um elegante prelo, pequeno denominado Official é exclusivamente destinado à impressão de cartões de visita, que a casa promptifica **em 10 minutos**. Póde a casa portanto **produzir cerca de 60 a 70 mil impressos por dia de trabalho**. (...) (AMARAL, 1899a). (grifos meus).*

Tiragens com mais de mil impressões no prazo de uma hora, impressão de cartões em 10 minutos e uma produção de 60-70 mil impressos em um único dia parecem indicar uma produtividade ainda estranha àquela sociedade. Rapidez e prontidão de entrega são idéias ligadas a uma sociedade que se industrializa e cresce e que não pode perder tempo à espera de material para registro de seus serviços, como convém em uma sociedade em que o lucro e o tempo caminham juntos.

Se havia necessidade de crescimento da LIVRO AZUL é porque havia mercado, procura, e também pessoas em busca de impressos, de encadernações elegantes, de livros, de cadernos, de cartões de visita, de folhetos. Quem seriam estas pessoas? Eram, provavelmente, ligadas aos novos ofícios que surgiam com a industrialização e urbanização, comerciantes, escolares, professores, médicos, advogados, engenheiros. Certamente, com a chegada de *profissionais europeus*⁵, novos costumes foram se incorporando à cidade, entre eles os relacionados à cultura escrita.

⁵ História da vida privada no Brasil, v. 2., p. 36.

Podemos pensar, assim, que com o conseqüente desenvolvimento e crescimento da cidade, a população começou, então, a criar outras necessidades, novos hábitos, novos modos de se expressar e manifestar. Já não eram suficientes os pequenos blocos de notas, as cadernetas rurais, os papéis avulsos. Surgiram, então, os cartazes, os folhetos, cartões grandes e pequenos, os diferentes tipos de cadernos, os livros de notas, de apontamentos de contabilidade, de cozinha. No dizer de CERTEAU, *nos frontões da modernidade, se poderiam ler inscrições como: 'Aqui, trabalhar é escrever' ou 'Aqui só se compreende aquilo que se escreve'.* Esta a lei interna daquilo que se constituiu como 'ocidental'(CERTEAU, 2000, p.224). Pensando no Ocidente moderno, as novas práticas que surgiram eram do tipo *escriturístico*, que abandonam o *mundo mágico do oral e das tradições* em nome de um novo movimento que é uma prática: *escrever*⁶. Neste sentido, sobre um papel em branco, compõem-se palavras, frases, imprime-se o mundo exterior, agora gravado, registrado. Este, então, seria o mundo ocidental moderno, onde reina o progresso, de tipo *escriturístico*, agora longe das tradições, das antigas vozes.

A escrita marca um novo mundo, fixando-o e ampliando-o. As relações, os modos de pensar e de se comportar dos indivíduos são registrados por ela e divulgados pela impressão, cada vez mais acelerada, mais rápida, maior. Desta forma, para CERTEAU, a prática *escriturística* consiste em construir um texto em um espaço próprio: a página em branco. Um espaço físico preparado para tal: pedra, papiro, papel, tela de computador, que se coloca como uma superfície autônoma sob o olhar de um sujeito que, assim, dá a si mesmo um campo de um fazer próprio. Mas, para que a escrita se inscreva nestas páginas em branco, deve haver os instrumentos necessários a torná-la legível: canetas, lápis, mata-

⁶ Idem.

borrão, uma série de objetos que pontuam um tempo e que foram mudados, transformados, substituídos, esquecidos em museus.

Voltando ao artigo de Leopoldo Amaral, podemos pensar mais alguns aspectos interessantes que foram destacados pelo autor para apresentar a CASA LIVRO AZUL aos seus leitores. Mais do que propalar ou elogiar os produtos que neste estabelecimento podem ser encontrados, Amaral enfoca a variedade de máquinas na divisão e na multiplicação das tarefas e operações que caracterizam o processo de impressão:

Para a pautação e riscação a casa dispõe de uma soberba machina de pautar e riscar do fabricante H.Wull, de Hamburgo, trabalhando com pennas e rodísios, produzindo trabalho abundante e perfeitíssimo. (...) Para a encadernação (fabrica de livros em branco) dispõe de excellente machina de cortar do fabricante Carl Krause, de Leipsig; superior e fortissima prensa de ferro, machina de cortar papelão, ambas do mesmo fabricante, uma machina Tesoura Circular destinada ao corte de cartões de quaesquers formatos. Para numeração das paginas dos livros possue excellente machina com 2 rodísios, fazendo algarismos de formatos diversos. Possue uma esplendida machina para costurar brochuras, fazendo serviços perfeitos em diminuto tempo. Dispõe ainda de prensa de endossar, automática, e de um magnífico balancer pra a impressão de letras e monogramas em relevo. Todo o maquinismo é movimentado por um vapor de 4 cavallos de força, do fabricante Clayton & Schutlewort. (grifos meus)

A descrição minuciosa das máquinas, em sua procedência importada e nomeada pelo seu fabricante; em suas qualidades em relação ao seu desempenho perfeitíssimo e em sua rapidez na entrega; em suas especificidades para cada tipo de trabalho, na maior quantidade no menor tempo de produção, parecem ser qualidades valorizadas pela sociedade que se industrializa, que se burocratiza comercialmente ao exigir de novos suportes de escrita (livros em branco), mas que ainda valoriza a elegância nos

trabalhos, numa relação mais personalizada, artesanal, cuidada quase que individualmente, como a criação e utilização de monogramas de relevo.

Nesse caso, A LIVRO AZUL, no ramo da tipografia, revela, pelas suas propagandas, não apenas uma outra relação com a cultura impressa que se estabelece a partir dos nomes dos fabricantes das máquinas e de sua capacidade de produção mas também uma idéia de que o processo de impressão implica em pluralidade de espaços, de operações, de máquinas e de indivíduos, especializados ou não. Esta relação, construída deste modo pelos indivíduos daquela época com a cultura impressa, está bastante distante e parece bem diferente da nossa, atualmente.

Assim é que na leitura das propagandas em geral, e até mesmo nos Almanques e Memoriais da Casa, no período de 1876 a 1906, algumas idéias caminham paralelas, principalmente nestes primeiros anos: qualidade do material, prontidão na entrega e uma quantidade maior em menor tempo, com menores preços. Talvez, essa insistência nestes quatro aspectos – quantidade, qualidade, rapidez, baixos preços - revele que os proprietários desta tipografia, a primeira em Campinas, estão preocupados em anunciar seus produtos para uma sociedade não acostumada a produtos impressos aqui produzidos. E, para conquistá-la, deveriam oferecer a mesma qualidade, por menores preços do que seus concorrentes estrangeiros já há mais tempo no ramo.

O que significaria naquele tempo a *qualidade* do produto impresso? De um lado, um material legível, nítido, sem imperfeições tipográficas, para o consumidor em fase de assimilação e incorporação do impresso local, incorporando-o em suas práticas

cotidianas e em seus negócios. De outro lado, um material de requinte, de luxo, de beleza, para atender a uma sociedade acostumada aos padrões, gostos e costumes impostos pelo velho continente. Surgem, então, um consumidor que é cativado pela materialidade do objeto que oferece, mais do que pelas qualidades do produto do ponto de vista de sua utilidade, um bom tipógrafo que ambiciona vender seus produtos tanto pelo que eles apresentam de inteligibilidade, quanto de elegância e conforto ao olhar.

Produtos com a mesma qualidade dos importados e da própria capital do país, com maquinaria eficiente e moderna, além da contratação de pessoa especializada na arte da encadernação atendem a uma sociedade exigente na qualidade do produto, mas disposta a pagar menos; talvez, visando o lucro de uma sociedade que se faz capitalista.

É desta forma que se vê um anúncio no jornal *Cidade de Campinas*, de 17/12/ 1902, onde a LIVRO AZUL convida a população para

ver tudo quanto a arte moderna tem creado, tudo quanto ha de mais apurado gosto em Artigos de Fantasia para presentes, tudo quanto se produz de melhor e mais interessante nas fabricas da Allemanha (...) Tudo está franco á concorrência publica e com preços de desafiar todo e qualquer confronto. Vejam e digam depois se não estão deslumbrados! O sortimento é todo chegado agora da Europa e differente em tudo dos sortimentos anteriores. Tudo é novo, tudo é moderno. Visitem, pois, o “LIVRO AZUL”.(grifos meus)

Este anúncio encerra três idéias que temos destacado neste trabalho: a idéia de que esta sociedade valoriza os produtos europeus e que gosta de adquirir o que há de

mais moderno, mas que faz questão de preços baixos. Deste modo, os materiais produzidos na loja, tanto os impressos, como os serviços de encadernação, deveriam ter a mesma qualidade dos importados, para terem a mesma aceitação. A linguagem utilizada no anúncio mostra uma valorização dos produtos europeus e uma modernidade que parecem deslumbrar até mesmo aos proprietários. Percebe-se, pelo emprego dos adjetivos, uma ênfase muito grande no exagero ao moderno: *tudo quanto há de mais apurado, tudo quanto se produz de melhor, de mais interessante, tudo está franco à concorrência pública, tudo é novo, tudo é moderno, digam se não estão deslumbrados...*

Para cumprir estas exigências de qualidade nos serviços de encadernação que estavam apenas começando, Castro Mendes viu-se na obrigação de contratar um profissional especializado, que fosse capaz de cumprir com as necessidades da loja e dos clientes. Assim, empregou um alemão, que não falava uma palavra em português:

O serviço da direcção da modesta officina ficou a meu cargo, e como eu nada entendia a respeito de encadernação de livros, foi necessário tomar por empregado, encadernador, um velho allemão, de nome Adolpho Reicher, para encarregar-se dos trabalhos que já em abundancia affluíam a pequena casa, e a quem eu ia secundando, observando-o no que via fazer, tornando-me, assim, um aprendiz com notável aproveitamento na arte de encadernação. (MENDES, A.B., 1926, p. 4). (grifos meus)

Os serviços de tipografia e encadernação, ainda recentes nos grandes centros do país, exigiam conhecimentos e técnicas peculiares, profissionais especializados, ainda sem tradição na cidade. Por isso, a necessidade do empregado estrangeiro, que pudesse fazer os serviços de encadernação que começavam a afluir à loja, e que ele, Castro

Mendes, não tinha condições de executar. Mesmo que este funcionário não soubesse se expressar em português, o importante era que executasse bem os trabalhos encomendados.

O destaque dado por Castro Mendes para o caráter artístico da tipografia, tão importante que o levou à contratação de um funcionário estrangeiro para esse trabalho, parece ser um reconhecimento antigo. Desde o surgimento da imprensa, com Gutemberg, e posteriormente, com o advento do Renascimento, a atividade dos tipógrafos era uma *tarefa artística* e uma *tarefa humanística* (MARTINS, W., 2001, p. 199). A eles cabia a decisão de escolher que títulos da Antigüidade seriam impressos, agora que os manuscritos começavam a dar lugar aos tipos móveis, mais rápidos e mais perfeitos na tarefa de reproduzir. Eles se tornaram ao mesmo tempo impressores, encadernadores e editores e deveriam ser capazes de manter a mesma beleza dos textos manuscritos em papiro ou pergaminho, agora no papel. *É que como 'técnica', a tipografia tinha tudo por fazer: restava-lhe criar formatos portáteis e cômodos de livros, belos e nítidos tipos de impressão, máquinas mais aperfeiçoadas, rápidas e manuseáveis, novos processos de ilustração, fórmulas mais perfeitas ou mais belas de papel*⁷. Eles deveriam cumprir dupla tarefa: a de industriais, tentando descobrir novos meios, mais rápidos e eficientes, de reprodução de textos e imagens, e a de artistas, fazendo de seu trabalho não uma simples técnica, mas uma arte. Assim, impressor, no século XVI e seguintes, seria:

Ao mesmo tempo um homem instruído, um erudito mesmo, sempre consciencioso e honesto, tendo apenas uma paixão, a da ciência; um desejo, o de uma nobre ilustração; um medo, o de se ver ultrapassar em talentos e glória. (...) Não apenas as

⁷ Idem.

*dificuldades inseparáveis de uma arte ainda na sua infância foram superadas, mas as obras que se publicavam, e que constituíam objeto de admiração para todos os letrados, eram, com efeito, em sua maior parte, verdadeiras obras-primas de cuidado e correção*⁸. (grifos meus)

Castro Mendes, com sua reverência pela arte da encadernação e sua preocupação constante com novo maquinário, cada vez mais eficiente e produtivo, reproduz de uma certa maneira uma consciência tipográfica dos primórdios da imprensa, que durante muito tempo, retratou os impressores, iluminadores e encadernadores como artistas, pessoas com habilidades especiais, com grande conhecimento das ciências humanas e capacidade intelectual para gerenciar, administrar e organizar a confecção e distribuição de um livro ou impresso. Uma relação com o impresso construído em torno do capricho, do cuidado especial com o produto criado. Uma consciência distante da nossa, de hoje, em que os trabalhos tipográficos foram aos poucos, com o advento das grandes rotativas e do computador, se transformando apenas em trabalhos industriais, com técnicos especializados em cada área: encadernador, impressor, linotipista, estereotipista, cortador. Deste modo, Castro Mendes foi se transformando aos poucos, no que EISENSTEIN (1998, p.40) denomina de mestre impressor, tornando-se o centro em torno do qual giravam vários profissionais que ele deveria ter competência e organização para administrar. Acumulava diversas tarefas: era o responsável pela admissão e demissão de mão-de-obra específica, pela obtenção de recursos para manutenção da loja e para a impressão de milhares de livros, pela contratação de autores e pela promoção daqueles que deveriam trazer nome e prestígio ao seu negócio:

⁸ Paul Dupont, Histoire de l'imprimerie, apud Wilson Martins, opus cit., p. 201.

nas cidades em que sua empresa prosperava e ele pessoalmente atingia uma posição de influência junto aos seus concidadãos, sua loja tornava-se um verdadeiro centro cultural que atraía os literatos locais e personalidades famosas estrangeiras, ao constituir um local de reuniões e centro de mensagens para uma Comunidade do Saber cosmopolita e crescente (EISENSTEIN, 1998, p. 41).

Assim era a CASA LIVRO AZUL, assim era Benedicto de Castro Mendes: gerenciava e administrava sua loja, importava, comprava mercadorias e era competente na escolha de seus profissionais especializados, na aquisição do maquinário, sabia contatar artistas e autores, reuni-los em torno de si, transformar sua loja em um centro de divulgação do impresso, como pudemos ver nos anúncios, nos memoriais. Mas não era, ele mesmo, um impressor, um encadernador, um editor. Sua loja era conhecida na cidade pela divulgação de impressos, pelo investimento financeiro em máquinas, pela qualidade do material comercializado e pela venda de vários artigos relacionados à escrita e à música.

Deste modo, encadernação e tipografia eram para Castro Mendes uma arte, com um corpo de conhecimentos especializados a serem estudados e aprendidos fora do país, visto que, até então, o Brasil estava apenas dando seus primeiros passos neste tipo de trabalho. Como ele mesmo comenta em seus memoriais, os melhores serviços de encadernação e impressão eram realizados por empresas alemãs, assim como eram também os alemães que possuíam as melhores máquinas, as melhores ferramentas, que permitiam trabalhos mais perfeitos, em menos tempo e a preços mais baixos:

Neste tempo, todavia, foi notado por mim, um fato que muito me preocupou e me deu que pensar. Em São Paulo tinham aberto algumas typographies pertencentes a firmas allemãs e que produziam trabalhos perfeitos, com material modernissimo e a preços extraordinariamente baixos, que me fizeram admirar e cogitar de como isso se dava, porquanto eu não podia acompanhar sem que fosse com prejuízo real. (...) Pensei maduramente sobre o

caso, e vi que sem eu contar com elementos iguaes, isto é, com pleno conhecimento do que se passava em adiantamento nas artes graphicas, eu poderia retrogradar ou ver meu trabalho menos aceito, pelos seus preços muito mais elevados dos que os das novas casas de São Paulo (...) Neste estado de cousas (...) tomei a resolução de seguir para a Europa, com destino especial para a Allemanha, e com o fim principal de, nos centros mais adiantados desse ramo de industria, estudar o seu progresso, ver a fôrma empregada em taes trabalhos, conhecer machinismos modernos e, emfim, observar tudo quanto se relacionasse especialmente com a arte typographica, para assim tornar-me habilitado a dotar o meu estabelecimento com esses meios adiantados, afim de poder enfrentar e offerecer concorrência ás casas congeneres existentes (MENDES, A.B. 1926, p. 4). (grifos meus)

Pelas palavras de Castro Mendes, pode-se supor, então, que no ramo das artes tipográficas, era a Europa que detinha os mais modernos conhecimentos e equipamentos necessários ao melhor desempenho da impressão. Campinas estava dependente não de São Paulo ou Rio de Janeiro, mas de países europeus que eram identificados com o que havia de mais moderno. Aqui em Campinas podiam ser contratados impressores e encadernadores estrangeiros que já possuíam estes conhecimentos e poderiam fazer trabalhos de melhor qualidade que os brasileiros, como o seu mestre encadernador alemão.

LAPA (1996) caracteriza Campinas, do final do século XIX e começo do XX, como uma sociedade que busca nos ares da modernidade espelhar-se nos modos de viver, símbolos, costumes e usos de acordo com os modelos europeus e norte americanos. Assim, diz ele:

Ser moderno no caso é ser republicano e abolicionista, imigrantista e amante do progresso, higiênico e sintonizado com o que ia pela Europa e Estados Unidos, considerados modelares para serem transplantados, em muitas de suas soluções e costumes, para Campinas, então cenário ou protagonista de movimentos que aceleravam a sua velocidade histórica, redistribuíam seu espaço,

tornavam suas noites mais claras e melhor aproveitadas, alterando suas formas de utilização das horas diurnas, a qualidade de vida, o viver na cidade enfim (LAPA, 1996, p. 19).

Na verdade, os intelectuais de Campinas, jornalistas, médicos e advogados, explicitavam esta cidade ideal, republicana e abolicionista, voltada para os padrões europeus. Eram modernos como eles, não só nos costumes, nas artes, nas relações comerciais e industriais, como também na posição política. Eram eles, os representantes da elite local, que procuravam propor à população em geral a incorporação destes valores e das vantagens que a modernidade traria consigo. Mas este processo, que procurou atingir a todos, beneficiou apenas alguns, aquela camada da população que detém os bens de produção e o poder econômico e político⁹.

Segundo MARTINS A.L. (2001, p.185), no setor da imprensa, um dos grandes beneficiados pelas inovações da virada do século, as mudanças foram tantas que interferiram no cotidiano, alteraram o país disposto a viver novas transformações, como o abolicionismo, a república e o novo ideário de modernidade, chegado pelos vapores europeus. No bojo dessas transformações, tal como se dá hoje na área da informática, aportaram por aqui mudanças na área de transporte, como os trens e os bondes e na área de comunicação, a imprensa, o telégrafo, o cinematógrafo e o fonógrafo.

A imprensa, aqui colocada como prática recém-instalada, recebe da LIVRO AZUL investimentos e melhoramentos de forma a torná-la necessária e imprescindível. A escrita, ao registrar idéias, relações comerciais e sociais em diferentes objetos – cartões

⁹ Ibidem, p. 19-20.

postais, cartões de visita, cartões comerciais, livros, cadernos, calendários, folhetos, folhetins -, estabelece diferentes práticas que passam a ser incorporadas ao dia a dia desta sociedade. Deste modo, a LIVRO AZUL, como representante deste mundo escriturístico e moderno, inovou, cresceu e progrediu, acreditando que imprimir com clareza e precisão, de forma barata e em grandes quantidades seria uma alternativa possível e viável, graças às modernas máquinas impressoras que chegavam, importadas, a este novo mundo que apenas iniciava seus passos nas novas tecnologias da comunicação escrita.

6. Pelas propagandas: a papelaria

Na busca pela compreensão sobre o lugar da escrita e dos papéis nesta sociedade em processo de modernização, selecionei 25 propagandas (18 retiradas dos jornais *Gazeta e Diário de Campinas* e 7 do *Jornal Cidade de Campinas*), cujo maior enfoque é dado aos artigos de papelaria; embora, em muitas delas, se misturem anúncios de livros, objetos para casa, bonecas, artigos finos, ou mesmo diversos tipos de impressos. Destas 25, cinco foram selecionadas para comporem a análise deste capítulo por conterem informações mais específicas sobre papelaria ou por apresentarem, a meu ver, dados mais expressivos para a análise deste setor da LIVRO AZUL.

Pela leitura dos memoriais, fui percebendo que alguns anos mais tarde surgiu a papelaria, junto à tipografia, sem muito planejamento, como que por acaso, aproveitando-se Castro Mendes da liquidação de estoques de amigos e vizinhos:

Para ensaio desse novo ramo de negocio – “Papelaria”, foi installado um armario, no qual foram expostas algumas caixas de papeis diplomatas, algumas resmas de papeis diversos e mais artigos de escriptorio, como sejam canetas, lápis, pennas e miudezas varias, isto com tão grande sucesso que em pouco tempo foi necessário installar um segundo armario, para conter o sortimento já um tanto mais desenvolvido que a Casa possuía, adquirido em São Paulo, na antiga Casa Garraux, em facturas máximas de 200 e 300 e poucos mil réis (...) Fui procurado, certo dia, pelo Snr Raphael Sampaio, que me propôz a venda dos artigos de papelaria e livros que faziam parte do stock de seu estabelecimento, com real vantagem, pois que me vendia com 10% abaixo do custo(...) (MENDES, A.B, 1926, p.8).

Assim, a LIVRO AZUL ampliou seus negócios, quase somente para aproveitar as condições favoráveis que lhe foram oferecidas pelo Snr Raphael Sampaio.

Este senhor estava lhe oferecendo seu estoque de artigos de escritório e papelaria por um preço 10% abaixo do custo, o que sem dúvida, era um bom negócio para Castro Mendes, que até então não trabalhava com este tipo de material.

Quanto aos anúncios da LIVRO AZUL, o primeiro que encontramos com referência a esta papelaria foi o de 19 de fevereiro de 1882, portanto seis anos após a abertura da loja:

Ao Livro Azul

Acaba de chegar a este estabelecimento um bonito sortimento de papéis, e envelopes, de todas as qualidades, e formatos.

Ricas caixas de papel fantasia para presente, pesos para papel (novidade), tinteiros de viagem, cartões para impressão de luxo, carteiras, livros de notas etc, etc.

Tudo por preços resumidos

18---Largo da Matriz Velha---18

“Acaba de chegar a este estabelecimento um bonito sortimento de papéis, e envelopes, de todas as qualidades e formatos. Ricas caixas de papel fantasia para presente, pesos para papel (novidade), tinteiros de viagem, cartões para impressão de luxo, carteiras, livros de notas, etc.”

Fonte: Gazeta de Campinas, Campinas, 19/02/1882.

Era um anúncio bem pequeno com destaque para o nome AO LIVRO AZUL, os preços baixos e onde se podia ler um outro endereço: Largo da Matriz Velha, 18, provavelmente já indicando uma das quatro mudanças feitas pela loja em busca de um espaço maior que abrigasse os novos ramos de negócio e o investimento na quantidade dos produtos oferecidos, produtos estes imbricados em uma cultura escrita que se instala, se faz presente, cria e satisfaz necessidades de uma sociedade.

Esta mudança de instalações, conforme declaração do próprio Castro Mendes em seus memoriais, se deveu à necessidade de ampliação da loja, não só para

atender ao novo ramo de negócios – papelaria – como também para que se pudesse dar continuidade aos trabalhos de tipografia, que a partir daí, começaram a se desenvolver e ampliar cada vez mais.

Nesta nova instalação, já mais espaçosa, a CASA LIVRO AZUL, fez augmento da parte typographica, adquirindo um pequeno prélo, movido a pé, e uma certa porção de typos e mais materiaes indispensáveis, ficando assim habilitada a receber encomendas de impressos para o commercio, as quaes já executava a contento dos seus freguezes (MENDES, A.B., 1926, p. 10). (grifo meu)

Desta forma, pode-se perceber que o negócio com a papelaria e a ampliação e investimento na tipografia surgiram quase ao mesmo tempo, e como ramos que se complementavam. Um a vender papéis, envelopes, cartões em branco; o outro, a imprimi-los, encaderná-los, para o comércio, para o escritório.

O texto, bem curto, anunciava também a venda de papéis e envelopes de todas as qualidades e formatos. Chama-nos a atenção a data: 1882, pois, segundo Martins, até 1860 não havia envelopes em São Paulo. Seu uso, na forma conhecida hoje, surge como novidade na época, sendo que em 1879 a Garraux anunciava dispor de um sortimento de 800.000 envelopes (MARTINS, A.L., 2001, p.210) e a CASA LIVRO AZUL, em 1882, três anos depois de São Paulo, trazia a novidade para Campinas.

É por meio da papelaria, espaço e catálogo dos objetos necessários à escrita, que se é introduzido neste mundo novo de objetos até então provavelmente desconhecidos, ou pouco familiares para a população em geral. É na papelaria que se encontram as tintas, as penas, as canetas, os lápis, borrachas e diferentes tipos de papéis e todas as coisas

necessárias, todas as novidades para a escrita. Se, com a tipografia, a loja dá sustentação a um mundo impresso que se torna necessário, com a papelaria são os suportes e instrumentos da escrita cursiva que estão à disposição desta sociedade. Para uma prática escriturística, segundo CERTEAU (2000), há necessidade de um espaço físico próprio, preparado para tal: uma folha em branco, uma pedra, papiro, uma tela de computador; e, ainda, alguns instrumentos necessários: canetas, lápis, penas, tintas, teclado, estiletes. A LIVRO AZUL oferece estes suportes: blocos de notas, papéis, cadernos e envelopes e alguns instrumentos que pontuaram um tempo, mas que hoje já foram superados e se encontram empoeirados em guardados de antigas famílias, ou esquecidos em museus: tinteiros de mesa, tinteiros de viagem, penas, mata-borrão, carteiras escolares e pesos para papéis. A adjetivação utilizada para tinteiros mostra seus diferentes usos e finalidades: para viagem, de mesa, de cristal. E também a especificação do material (*de cristal*) sugere a existência de tinteiros de outros materiais (*de vidro*) atendendo a diferentes consumidores e propósitos.

Em outra propaganda na *Gazeta de Campinas*, do mesmo ano de 1882, datada de 25 de outubro, a LIVRO AZUL já passa a se apresentar como “loja de papel e livros” anunciando aos seus clientes um completo sortimento de papéis e livros em branco:



Fonte: *Gazeta de Campinas*
Campinas, 25/10/1882.

Pensei, neste momento da pesquisa, pelo destaque na chamada “loja de papel e livros”, haver encontrado os livros que poderiam justificar o nome da CASA: **Livro** Azul. Mas não, os livros que se apresentam aqui, pelo texto da propaganda, percebe-se que não são livros de se ler, são “em branco”, são de escrever: cadernos. São suportes da escrita, aparatos necessários a uma sociedade industrial, burocrática, moderna, em que a prática escriturística se faz presente, se torna concreta, se

materializa. São livros de todos os formatos, para colégio, para empreiteiros de obras, para diferentes registros e anotações nas relações comerciais e trabalhistas. Nota-se aí, já, uma certa burocratização da escrita, que passa a exigir diferentes tipos de papéis e instrumentos: livros, ou cadernos, específicos para contabilistas; de compra e venda para o comércio; de controle de estoque para empresas; de ponto para os empreiteiros. O que sobressai, então, aqui, é o registro da escrita e não da leitura. Tanto é que há também, bem especificado, no anúncio, “normas de escripta”, para uma regularização de um jeito legítimo de uso da escrita.

Nesta propaganda, o texto ainda se refere aos diversos tipos de papéis, construindo, junto com outros anúncios, a imagem de uma papelaria de grande sortimento e qualidade de seus produtos. Há destaque para os tipos de papel, “de todas as qualidades e formatos”, mas enfatizando que não são quaisquer materiais, são de luxo: “*ricas* caixas para

presentes” e “impressão de *luxo*”. Os papéis já são nomeados, especificados: *papel flume*, *papel hollanda*, *papel de linho*, etc.

Para um leitor de hoje causa estranheza o detalhamento de tantos tipos de papéis, em número de linhas, em denominações, em tamanhos para diferentes finalidades em um anúncio de papelaria, mas pelas propagandas, pode-se verificar que os consumidores conheciam e buscavam seus papéis pelos nomes. Este detalhamento na variedade de ofertas de papéis também indica que o ato de escrever estava diretamente vinculado aos suportes de escrita. Para cada uso, para cada finalidade, ou para um determinado leitor e um certo conteúdo, um determinado tipo de papel. Tal descrição minuciosa do estoque oferecido nos leva também a pensar na “novidade” que seria, para aquela sociedade, uma loja que podia oferecer tal diversidade e na relação quase artesanal e pessoal que os indivíduos tinham com seus suportes de escrita, numa fase ainda não tão padronizada no meio comercial e industrial.

A insistência com que a papelaria diz receber sempre vasto, completo, amplo sortimento de variedades e novidades de produtos cria uma imagem de estabelecimento que trabalha com estoques que chegam e que acabam, dependentes dos grandes centros produtores. Com isto, nota-se que havia uma grande procura por estes artigos e materiais necessários à escrita, que eram consumidos com avidez e com uma competência que associava o registro da escrita ao suporte adequado.

A respeito de papel, Ana Luiza Martins comenta que, no Brasil, na virada do século XIX para o XX, a produção nacional era insignificante e que quase a totalidade do

papel utilizado pelas tipografias era importado: *Difícil e dispendioso era o papel de consumo gráfico, mercadoria de custos sempre em alta, dependente de importação, sujeita às vicissitudes da economia de mercado; acrescente-se que o artigo vinha na ordem do dia, na cidade que não parava de crescer (MARTINS, A.L., 2001, p. 209).* A autora comenta ainda que a oferta maior era para “papel em branco”, aquele para contabilidade e mais consumido e o chamado “papéis pintados”, que são os papéis de parede, vendidos em rolo.

Mas o crescimento da cidade e a burocracia dos negócios, tornaram o papel imprescindível. Impressos de circulares, faturas, memoranduns, notas de venda, papel para escrever à máquina, à tinta, papel para cópia, papel pautado e sem pauta, em branco e marcado, papel de linho, enfim, a necessidade do artigo era premente! (MARTINS, A.L., 2001, p. 210).

Talvez por estas dificuldades de importação, que encareciam o produto e dificultavam sua comercialização, é que a CASA LIVRO AZUL, para se destacar das outras e valorizar os seus produtos importados, sempre anunciava dispor de grande e variado *stock*, tanto de papel, quanto de mercadorias. Em propaganda de 02 de agosto de 1889, encontrada no *Diário de Campinas*, Castro Mendes assim anuncia:

A casa LIVRO AZUL tem em deposito grande quantidade de papel assetinado para obras, cartões commerciaes, ditos para visita que tudo vende muito barato por ter recebido em grande porção e directamente de Europa. Na mesma casa encontra-se facturas em folhas, em ½ folhas e em quarto, com cabeçalho em branco para receber impressão. Tudo por preço muito barato.(grifos meus)

Deste texto pode-se destacar que, apesar de os papéis serem artigos importados e supõe-se, caros, a Casa LIVRO AZUL orgulhava-se de vender barato e de

possuir grandes quantidades e diversos tipos, numa época em que o comércio com o exterior era dificultado pelos transportes e tempo de viagem. Pelo visto, Castro Mendes, assim como alguns outros importadores de sua época, prevendo já o consumo interno, conseguiam negociar grandes estoques, garantindo desta forma melhores preços.

Na propaganda seguinte, datada de 21 de junho de 1884, temos novamente a idéia de uma casa que amplia seu sortimento para atender a uma clientela que cada vez mais se diversifica, dos consumidores comuns aos profissionais (empreiteiros de obras, escrivães, engenheiros, escriturários, comerciários), tendo sempre presentes a qualidade e o luxo, por menores preços. Com o desenvolvimento de todos os setores da vida urbana, das indústrias, do comércio e do financeiro; com a chegada dos imigrantes europeus e a troca do trabalho escravo pelo assalariado, ampliaram-se e multiplicaram-se os usos e práticas com a escrita. Em Campinas, como em São Paulo e outras cidades do interior, o aparecimento e desenvolvimento da tipografia e seus objetos agregados, como os suportes e instrumentos da escrita (papéis, lápis, canetas, borrachas, etc), estão atrelados às etapas de crescimento da cidade, em sua relação direta com o setor agrícola cafeeiro, as transformações urbanas, o crescimento demográfico e a busca pelo progresso. Enquanto, em São Paulo, as motivações políticas estavam por trás deste surto gráfico, encabeçadas pelos estudantes de Direito do Largo São Francisco, aliados às forças políticas agrárias e à emergente classe média urbana, em Campinas, este surto apresentou um caráter mais comercial, embora sob influência das mesmas forças políticas urbanas e agrárias que se destacavam em São Paulo (MARTINS, A.L., 2001, p. 171-172).

AO LIVRO AZUL

Este conhecido estabelecimento recebeu um completo sortimento de pap laria de todas as qualidades. Cartões finissimos, (ultima novidade), para

Participações de casamento

dito finissimo para visitas, convites, etc., etc.

Grande quantidade de caixas de papel de luxo, proprio para presentes, e muitos outros artigos de escriptorio, de desenho etc., etc. Papel quadrilado para os senhores engenheiros, ditos, em tella, estojos mathematicos, tintas de cores etc., etc.

18-LARGO DA MATRIZ VELHA-18

A. B. de Castro Mendes
15, 17, 19, 22 e 26 5-4

Fonte: Gazeta de Campinas, Campinas, 21/06/1884.

Há também neste, como em outros anúncios, o destaque para o nome do proprietário, que é quem, nominalmente, convida o público a conhecer seu novo sortimento de papéis e artigos para papelaria em geral, enfocando ainda as participações para casamento e cartões de visita, que agora já passam a ser produzidos nas novas máquinas impressoras. Ao lado dos objetos de luxo, de uso social (cartões de visita, convites de casamento), estão os objetos de uso profissional: artigos de escritório, de desenho, como papéis quadri-

culados para engenheiros, estojos matemáticos, tintas de cores, telas, etc. Estas especificações e diversidades de produtos surgiram para atender à grande proliferação de novos profissionais que apareceram na virada do século, principalmente na área de construção civil, em pleno desenvolvimento neste período.

Podemos, assim, perceber a importância que a escrita adquire para esta sociedade que se burocratiza e se profissionaliza, que a cada dia mais se moderniza e se institucionaliza. Aos poucos, ela vai sendo incorporada neste mundo e adquirindo, cada vez mais, um novo papel e um novo espaço. Com a modernidade, a escrita deixa de vez o campo da oralidade para se inscrever numa *nova economia da linguagem*, da escritura. Só o

escrito, o anotado, o impresso têm valor; a voz das tradições, o saber dos antepassados desapareceram com os novos tempos. *A escritura adquire um direito sobre a história, a escrita se torna o poder nas mãos de uma burguesia que coloca a instrumentalização da letra no lugar do privilégio de nascimento* (CERTEAU, 2000, p. 221-230). E a CASA LIVRO AZUL contribuiu para isto comprando, investindo, importando máquinas e máquinas para produzir e divulgar, multiplicar uma ordem, uma história, uma nova organização nas relações entre os homens, no campo profissional e pessoal.

Em uma enorme propaganda publicada quase aos dez anos de fundação, AO LIVRO AZUL anuncia nova mudança de endereço, agora para o Largo do Rosário:

AO LIVRO AZUL
104 - Largo do Rosário - 104
A. B. DE CASTRO MENDES

Participa aos seus amigos e freguezes que mudou o seu estabelecimento do LIVRO AZUL do largo da Matriz Velha para o Largo do Rosário, e para bem montar a nova casa, foi ao Rio de Janeiro, onde comprou nas melhores condições, um variadíssimo sortimento de

PAPELARIA EM GERAL
para vendas por atacado e a varejo, tudo do melhor e mais moderno

Recebeu directamente de Paris
Um esplendido sortimento de papeis e cartões de fantasia, chromos em folhas e sorprezas o que ha de mais verdadeiramente bello, tem riquissimo sortimento de albuns para retratos e muita variedade em artigos de luxo, finos, proprios para presentes.

SORTIMENTO COMPLETO
Em artigos para collegio, como, livros, mallas, lousas e todos os artigos necessarios para escriptorio. Grande sortimento de livros em branco para escripturação commercial.

Ricas novidades em quinquilharias
como bonecas finas de diversos tamanhos, garrafas e pratos, com musicas, caixas com jogos sortidos, enfim muitos outros artigos difficeis de se mencionar.
As ex^{tas}. familias visitando este estabelecimento, hoje muitissimo melhorado, terão occasião de ver e obter qualquer artigo que desejem, tudo do melhor, mais moderno, e a preços muitissimo rasoaveis.

CAMPINAS (1)
A. B. de Castro Mendes & C.

Fonte: Gazeta de Campinas, Campinas, 22/09/1886

Neste, como em quase todos os anúncios, o proprietário finaliza seus textos dirigindo-se diretamente aos amigos e fregueses, convidando-os a visitarem a loja, numa relação direta de cordialidade e camaradagem. Coloca, por duas vezes, seu próprio nome nas propagandas, em letras grandes, nelas imprimindo desta maneira seu caráter e sua força pessoal. O destaque para o nome da cidade finaliza o texto do anúncio junto com o nome do proprietário, quase como uma informação sobre a amplitude de circulação deste anúncio. Assim, AO LIVRO AZUL, ao mesmo tempo em que investe em uma imagem de um estabelecimento moderno, arrojado, cosmopolita, não abandona, porém, a idéia de enraizamento, de proximidade, de amizade.

Se podemos apontar na propaganda uma certa preocupação com o detalhamento dos produtos da papelaria, é interessante destacar que em relação à especificidade do material escolar não há uma descrição minuciosa: são lousas, são livros, são materiais escolares. Como também não há muito a diferenciar, conforme vemos em outros anúncios, nas bonecas, nos álbuns, nas quinquilharias. Tudo é denominado apenas como uma novidade, belo e moderno. São livros em branco para escrituração comercial, livros pontos para empreiteiros e livros para colégios, sem especificação, sem chamadas especiais. Que livros seriam estes? Os fregueses provavelmente saberiam, pois não há necessidade de identificação.

Mas no mercado editorial de hoje não se admitiria um anúncio de livro escolar tão vago assim, sem nomear título, autor, editora... especificações essenciais para quem quer vender uma determinada obra. Seriam estes livros apenas cadernos, como são os chamados livros pontos, livros em branco para escrituração comercial?

A minuciosidade na descrição dos produtos que aparecem nas propagandas restringe-se à variedade de papéis a oferecer, à eficiência das máquinas importadas para encadernação, à pautação, douração, corte, numeração e impressão de caracteres, que não se destacam nas entrevistas com os freqüentadores ainda vivos.

A CASA LIVRO AZUL parece, neste anúncio, ter-se firmado no comércio varejista da cidade como loja fina, de artigos de luxo, conforme destaca em letras garrafais: *ricas novidades em quinquilharias*, mesmo tendo a papelaria surgido como que ao acaso. Aqui, mais diretamente do que nos anteriores, Castro Mendes anuncia os grandes centros de onde vêm os seus produtos: do Rio de Janeiro, da Europa e dos Estados Unidos. Há uma ênfase na beleza, na riqueza, na modernidade do seu sortimento, destinado provavelmente a famílias de fino trato. Mas, embora seus anúncios sempre fizessem questão de ressaltar este fato; ao mesmo tempo insistiam em chamar a atenção das famílias para os preços baratíssimos. Sofisticação a preços módicos sugere uma preocupação em cativar os fregueses de duas classes sociais: aqueles “nobres e aristocratas”, fazendeiros, que faziam questão de adquirir objetos importados, e os outros, cidadãos comuns, que não dispunham de tanto dinheiro para a compra de produtos finos, importados, mas que na LIVRO AZUL obteriam preços mais acessíveis. Quem sabe uma classe emergente, proveniente da cidade que se urbanizava, do comércio que crescia, das novas indústrias e bancos que surgiam. Talvez assim se possa explicar o fato de esta loja ter adquirido tanta fama e ter conquistado o gosto de tantas pessoas, como podemos inferir pela leitura dos memoriais e de historiadores como Amaral Lapa e Leopoldo Amaral.

Interessante destacar que a partir de 1900, os anúncios da CASA que encontrei no jornal *Cidade de Campinas* não fazem mais referência ao nome do proprietário, nem ao endereço da CASA. Seria como se todos já soubessem onde se localiza e o que significa a LIVRO AZUL. Assim ela anuncia: *POR 1\$500, um rico estojo contendo 50 folhas de superior papel e 50 envelopes denominado FAMILIAR. POR 15\$000, um milheiro de notas para contas, em superior papel e elegante impressão. Na Typographia da casa LIVRO AZUL – Campinas (grifos do jornal).*¹

Por outro lado, nos anúncios do jornal *Cidade de Campinas* (1900-1906), comecei a encontrar referências e detalhes quanto aos artigos de papelaria e materiais de escritório, especificando às vezes, num único anúncio, cada tipo de material, mas cuja chamada se faz agora pelo preço e não pelo produto. Por exemplo: *POR 15\$000! Um milheiro de bons Enveloppes commerciaes, com nítida impressão. Na Typographia da casa LIVRO AZUL, ou: POR PREÇOS muito reduzidos encontra-se sempre na casa LIVRO AZUL, sortimento completo de livros em*

POR PREÇOS <i>muito reduzidos, encontra-se sempre na casa LIVRO AZUL, sortimento completo de livros em branco, livros de colheita, livros de ponto, livros para hotéis, livros para registro de sellos em fabricas, livros para aulas, exactidão em livros commerciaes — Diario, Contas correntes, Razão e Caixa. Superiores Copiadores e todos os artigos necessarios no escriptorio.</i> CADERNETAS PARA COLONOS o que ha de mais superior, com «Deve e «Haver», etc. POR 15\$000! <i>Um milheiro de bons Enveloppes commerciaes, com nítida impressão. Na Typographia da casa LIVRO AZUL.</i> Por 35\$000 <i>Um riquissimo APPARELHO DE FINA PORCELANA garantida, louça de fantasia, constando de 112 peças, propria para um rico presente.</i> <i>Na casa LIVRO AZUL, Campinas</i>	POR MENOS! <i>do que em outra qualquer parte, encontrá-se no LIVRO AZUL sortimento completo de todos os LIVROS ESCOLARES adoptados nos Gymnasios, Grupos e mais escolas da cidade. Lapis, louças, canetas, pennas, cadernos de todos os numeros, cadernos de cartographia, giz, enfim todo o necessario para a instrução da mocidade.</i> POR 1\$500 <i>Um rico estojo contendo 50 folhas de superior papel e 50 envelopes, denominado FAMILIAR.</i> Por 15\$000 <i>Um milheiro de NOTAS para contas, em superior papel e elegante impressão. Na Typographia da casa LIVRO AZUL-Campinas</i> Por 12\$000 <i>Uma resma de superior PAPEL XADREZ commercial, com nítida impressão. Está só na antiga casa AO LIVRO AZUL.</i>
---	--

Fonte: Jornal Cidade de Campinas, 20/09/1901.

¹ Jornal Cidade de Campinas, Campinas, 20/09/1901.

*branco, livros de colheita, livros de ponto, livros para hotéis, livros para registro de sellos em fabricas, livros para actas. Especialidade em livros commerciaes – Diário, Contas-correntes, Razão e Caixa. Superiores Copiadores e todos os artigos necessários no escriptorio. CADERNETAS PARA COLONOS, o que há de mais superior, com “Deve” e “Haver”, etc.*². Com o passar do tempo, a LIVRO AZUL explicita cada vez mais a variedade de livros que possui, para atender às diferentes funções, finalidades e usos da escrita. É uma prática que, como vemos, se torna cada vez mais necessária e especializada.

Nestes anúncios percebemos, além da chamada inicial em grande destaque para o preço do produto, o fino detalhamento dos suportes para a escrita: para cada atividade profissional, um livro específico, tanto no que concerne às atividades rurais: livros de colheita, livros para colonos, como para as atividades urbanas e burocráticas do comércio em geral: livros de atas, livros comerciais, livros para hotéis, para registro de selo, etc.

Podemos observar também que, até bem pouco tempo atrás não existiam envelopes, *aliás, até 1860 não havia envelope em São Paulo (MARTINS, A.L., 2001, p. 210)*, que agora aparecem anunciados em Campinas em grandes quantidades: *um milheiro de bons enveloppes commerciaes, com nítida impressão*, como os demais suportes da escrita já apresentados. Esta frase indica que deveriam existir então, na cidade, objetos da escrita mal impressos, com baixa qualidade tipográfica, o que faz com que a LIVRO AZUL freqüentemente destaque a qualidade de seus produtos e serviços.

² Jornal Cidade de Campinas, 08/11/1902, Campinas.

E em outro anúncio, este datado de 08 de setembro de 1901: “**POR 3\$000 alta novidade!** *Um magnífico estojo de fôrma cylindrica, com finas pinturas, e servindo ao mesmo tempo para o estudo da taboada de multiplicar. Apparelho muito engenhoso, prestando-se também para nelle serem guardados os lápis e canetas de uso dos meninos* ³”. Este, que agora mostra uma diversidade, uma diferenciação dos instrumentos para uso da prática escrita, nos revela ainda a indicação de gênero: estojo próprio para meninos, tal como ainda temos hoje, há estojos para meninos e para meninas. Percebe-se também, neste anúncio, o cuidado com a descrição do material, isto é, o objeto tem uma determinada forma e finalidades específicas: guardar pinturas e ajudar no estudo da tabuada, provavelmente trazendo-a pintada no próprio objeto. São detalhes que indicam a novidade do objeto, isto é, são materiais novos na cidade e desconhecidos do público (**alta novidade!**, como apregoa a propaganda), talvez importados, mas que precisam ser descritos em minúcias, para que suas qualidades justifiquem os preços e motivem as vendas.

Parece-me também que este setor de papelaria e de artigos finos restou forte na lembrança e na memória daqueles que conheceram a LIVRO AZUL. D. Maria Luiza Pinto de Moura, bibliotecária do Centro de Ciências Letras e Artes, não cansava de repetir que aquela era uma das lojas mais finas de Campinas, e que ali sempre se encantava com os cartões postais e com os objetos importados que eram vendidos: *Era uma loja finíssima, tinha objetos maravilhosos, louças e cristais dos melhores. Eu adorava a parte dos cartões postais. Eram lindos! E feitos por eles mesmos. Tinha de toda parte da cidade. Não me esqueço de uma caixinha de música, grande, que eu achava maravilhosa! E na porta tinha um boneco pretinho, articulado, que ficava convidando as pessoas para entrar. Frequentei*

³ Jornal Cidade de Campinas, 05/08/1901, Campinas.

muito esta Casa e era amiga das netas do Castro Mendes, inclusive, estudei na mesma classe que uma delas, que era muito minha amiga.

Quanto aos cartões postais, eram muito utilizados no final do século XIX e até mesmo durante todo o século XX, para envio de mensagens e recordações de viagem. Eram feitos com *uma peça de papel que, de um lado, apresenta impressão para postagem e escrita da mensagem e, de outro, apresenta ilustração, poesia, fotografia, etc.*⁴. Estes cartões tiveram sua impressão facilitada pela criação da litografia, processo de reprodução de imagens desenvolvido a partir de 1796⁵, que se espalhou *nos inícios do século XIX, por todos os países da Europa ocidental, transformando-se numa das técnicas de maior emprego em tipografia* (MARTINS, W., 2001, p. 275). Castro Mendes utilizou-se também, em larga escala, do processo de estereotipia, que *consiste em reproduzir uma composição tipográfica por meio de fôrmas nas quais se derrama um metal fundido*⁶.

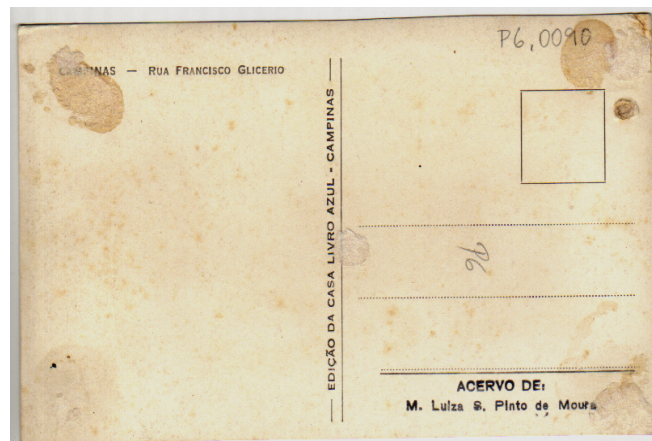
Ele teve contato com este processo em 1900, quando esteve na Alemanha em viagem de estudos aperfeiçoando seu conhecimento nas artes tipográficas, de onde trouxe uma máquina para desenvolver este sistema de impressão e desta forma aumentar e melhorar sua produção. A seguir, vemos um dos cartões postais impressos pela CASA LIVRO AZUL, em cuja frente há uma fotografia da rua Francisco Glicério e no verso o espaço para a escrita da mensagem, o título da foto e a casa impressora. Pela imagem, em

⁴ www.arquivo.ael.ifch.unicamp.br. Site acessado em 16/11/2003.

⁵ “Litografia – do grego Lithos (pedra), “poliautografia” foi o primeiro nome dado por Alois Senefelder à litografia, processo de impressão por ele descoberto por volta de 1796, muito embora desenhar sobre pedra não fosse um processo desconhecido, porém não com intenção de impressão em que a pedra viesse a servir de matriz.” IN: www.glatt.com.br. Site acessado em 16/11/2003.

⁶ Idem, p. 263

que podemos ver um automóvel e postes de iluminação, concluo que esta foto é posterior ao período estudado por esta pesquisa, e mesmo não sendo este referente à época em questão, justifico sua inserção nesta página apenas a título de ilustração de um tipo de trabalho da LIVRO AZUL, que permaneceu na memória de seus freqüentadores.



Fonte: Acervo Maria Luiza P. de Moura

Desta forma, pelas fontes impressas, quer através dos Memoriais Comemorativos de Aniversário da LIVRO AZUL, quer pelas matérias escritas em jornais e Almanques da época, ou mesmo através das propagandas, a loja já não poderia ser considerada como apenas um local de consumo e de venda, pois parece ter desempenhado um papel importante nas relações dos indivíduos como consumidores de bens culturais, como também parece ter contribuído para a imagem de uma cidade que se urbanizava, crescia, industrializava-se, adensava-se em diferentes ramos comerciais, modernizando-se e ao mesmo tempo nacionalizando-se, ainda articulada aos gostos e padrões estrangeiros. Uma sociabilidade que passa a ter necessidade de consumir diferentes objetos ligados à cultura escrita, tanto em seus negócios comerciais como nas relações pessoais.

E nas propagandas que já analisamos vimos, com certa constância, referência a livros. Que tipos de livros poderiam ser? Livros escolares, livros de música, pessoais, comerciais, folhetins de jornais, ou mesmo romances? Seriam os livros de literatura citados pelas nossas leitoras em suas entrevistas, no início de minha pesquisa?

7 . Pelas propagandas: a livraria

Livros para collegios

A CASA LIVRO AZUL vai, deste modo, mudando de endereço impulsionada pelos novos ramos de negócios que assume e pela quantidade e variedade dos produtos que oferece, ao mesmo tempo que vai ampliando a imagem do seu espaço, de lojinha de encadernação e impressão simples, para uma tipografia a que se junta uma papelaria e, por último, uma livraria. Como livraria apenas, a LIVRO AZUL raramente se mostrava em seus anúncios. Neste período analisado (1876-1906), encontrei apenas quatro anúncios de livraria, sendo que, destes, apenas um destacava exclusivamente a venda de livros. Os livros apareciam sempre ao lado de outros impressos, dos serviços de encadernação e do material de papelaria e escritório. Que lugar o livro ocuparia nesta cidade? Como se relacionariam as pessoas desta sociedade com este material? Que práticas de leitura e escrita se movimentavam em torno dos livros? Como a LIVRO AZUL apresentava este outro ramo de seus negócios?

A livraria, como se vê, seguia a tendência da época, ou seja, não diferenciava livros de outros materiais que vendia. Laurence Hallewell, em *O livro no Brasil: sua história* (1985) destaca que, por volta de 1821/1822, com o fim da censura aos livros e a liberdade de imprensa, intensificara-se o número das livrarias, embora por muito tempo elas não conseguissem sobreviver apenas com a venda de livros e era muito comum haver também, paralelamente ao comércio de livros, a venda de armarinho, artigos para casa, artigos de escritório e papelaria. Assim ocorreu também com a famosa Casa Garnier, que

funcionou em São Paulo de 1844 a 1934 e que vendia, além de livros, artigos de papelaria, artigos importados, guarda-chuvas, bengalas, pílulas e pomadas.

Segundo HALLEWELL (1985), diferentemente da LIVRO AZUL, a Garnier foi considerada a principal responsável pela difusão de romances no Brasil, com a publicação, em livros, dos folhetins. Publicou José de Alencar, Machado de Assis, Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo, Graça Aranha, Álvares de Azevedo, Joaquim Nabuco, ao lado de Oscar Wilde, Alexandre Dumas, Walter Scott e Honoré de Balzac, entre outros. A respeito de Garnier, Helio Guimarães comenta em sua tese de doutorado:

Garnier foi figura fundamental para a definição do mercado real das publicações brasileiras, por ter sido o primeiro editor a publicar sistematicamente autores nacionais, tendo lançado 655 trabalhos de autores brasileiros no período 1860-1890, além de muitas traduções de autores estrangeiros, como Dumas, Hugo, Montepin, Feuillet, etc.¹

A CASA LIVRO AZUL, porém, não destacava nos livros que anunciava uma linha editorial, como a Garnier, promovendo autores já consagrados da literatura brasileira ou portuguesa. Os autores novos que surgiam, principalmente locais, tinham suas publicações impressas pela livraria sob encomenda, publicações estas até reeditadas algumas vezes. Também não possuía um projeto definido ligado à formação do leitor, que o chamasse para lançamentos de livros, de novos autores ou que destacasse em suas

¹ Vide Paulo Berger, A tipografia no Rio de Janeiro: impressores bibliográficos 1808-1900. Rio de Janeiro, Cia Industrial de Papel Pirahy, 1984, p. 56. Laurence Hallewell, op.cit., p. 146, APUD Helio de Seixas Guimarães. Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19. UNICAMP, 2001. p. 63. (tese de doutorado).

propagandas temas específicos para homens, ou para mulheres, como faziam algumas editoras do Rio de Janeiro ou mesmo São Paulo.

Que livros, então, teria ela oferecido a esta sociedade, além dos cartões, recibos, circulares, memoranduns, livros em branco e de faturas? Que livros vendia?

Naquela propaganda que já analisei, de 25 de outubro de 1882, da *Gazeta de Campinas* (página 92 deste trabalho), AO LIVRO AZUL se apresentava como “loja de papel e livros”. Um *sortimento de livros para collegios. Livros em branco e de todos os formatos. Livros Pontos para os empreiteiros de obra. Normas de escripta, etc, etc. Rico sortimento de pennas de todos os autores. Preços baratos.*

Nesta perspectiva percebemos que a CASA LIVRO AZUL não vendia livros, mas cadernos, suportes da escrita, principalmente para atender às casas de comércio, que se multiplicavam naquela época. Apenas a referência a “livros para collegio” pode nos levar a pensar em livros de estudo, para aprender, para se ler, pois, nesta ocasião, Campinas já apresentava um público escolar bastante numeroso. A cidade possuía escolas públicas e alguns colégios particulares, como o Colégio Internacional, o Culto à Ciência e o Colégio Florence.

Quanto a este último, fundado por Carolina Florence, alemã radicada em Campinas, Battistoni Filho faz o seguinte comentário no que se refere ao currículo: *O currículo deste colégio era muito variado, pois ensinava desde a prática de ler, escrever e contar, até as gramáticas francesa, inglesa e alemã, contando ainda com algumas noções*

de Geografia, Doutrina Cristã e Prendas Domésticas (BATTISTONI FILHO, 1996, p. 48-49). Talvez se deva a currículos como este, o fato de A LIVRO AZUL haver comercializado naquela época, entre outros, alguns títulos didáticos (conforme a propaganda de 25 de outubro de 1882, que anunciava um sortimento de livros para collegios).

A respeito deste assunto, LAPA (1996, p. 164) cita uma análise que Campos Sales faz sobre a situação do ensino em Campinas, em 1871, publicada no *Almanak de Campinas para 1871* e ainda acrescenta que a grande presença de estrangeiros na cidade, aliada a uma elite cafeeira intelectualizada e ativa, canalizava grande parte de seus recursos para a instrução de seus filhos, contribuindo assim para a criação de novos e grandes estabelecimentos particulares de ensino:

Procede a uma avaliação de como se mostrava o quadro de ensino em Campinas, então – 1871 – com 16 escolas de ensino primário, sendo cinco públicas e onze particulares, quatro para meninas e doze para meninos, além de três colégios que atendiam ao ensino primário e secundário, sendo dois para moças e um para moços, abrigando um total de 570 alunos matriculados, aos quais ainda acrescenta mais cerca de 200 alunos que freqüentavam inúmeras escolas de fazendas e bairros rurais – cerca de 30 escolas – para as quais não conseguira dados estatísticos mais precisos, dando portanto um total de cerca de 800 alunos. Analisando estes dados, o articulista mostra que, numa população livre de 13.000 habitantes naquele momento, Campinas teria, na sua estimativa, cerca de 1.300 crianças em idade escolar, o que resultava, por conseguinte, em 84% freqüentando a escola, índice atingido apenas por países que hoje diríamos do Primeiro Mundo. O índice de escolarização da população campineira era ainda mais impressionante se comparado ao restante do país, que apresentava apenas 10% das suas crianças em idade escolar freqüentando a rede de ensino oficial e particular, i.e., de um total de 988.000 crianças entre 7 e 12 anos, apenas 107.483 freqüentavam as escolas! Nem

*mesmo a sede da corte se aproximava do índice de matrículas de Campinas.*²

Mesmo sabendo que provavelmente Campos Sales tenha exagerado na comparação de Campinas com as cidades de Primeiro Mundo, ou mesmo com o Rio de Janeiro, a sede da corte, nesta avaliação positiva que faz em relação ao público escolar daquela época, percebe-se um ambiente propício para que uma casa comercial se instale e cresça, à medida que oferece produtos e objetos ligados à cultura escrita: livros para colégios, normas de escrita, penas para todos os autores.

A literatura e a historiografia reiteradas vezes relacionam o incremento da leitura e das práticas escritas ao aumento da população alfabetizada. Philippe Áries considerava o domínio da cultura escrita pelas sociedades ocidentais como um dos maiores progressos da era moderna:

*Os progressos da alfabetização – entendida como a aquisição do saber ler e escrever por parte do maior número de pessoas -, a circulação mais densa da palavra escrita – à mão ou impressa -, a difusão da leitura silenciosa, que estabelece uma relação solitária e íntima entre o leitor e o livro, constituíam para ele transformações decisivas que de maneira inédita traçavam a fronteira entre os gestos culturais do foro íntimo e os da vida coletiva....Nesse campo também se trata, pois, de reconhecer o emaranhado das práticas sem perder de vista que através de tal diversidade estabelecem-se novos modelos de comportamento, novas condutas culturais, características do processo de privatização da primeira modernidade*³

² Campos Salles, “A Instrução Publica em Campinas”, in José Maria Lisboa (org.), Almanak de Campinas para 1871, Campinas, Typ. da Gazeta de Campinas, 1870, pp 75-80. APUD LAPA, José Roberto do Amaral. A cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900. São Paulo: EDUSP,1996. p. 164.

Obs: Campos Sales foi filiado ao Partido Radical e deputado provincial em São Paulo de 1867 a 1881. Desde 1870 participava dos ideais republicanos e, em 1885, representou sua província na Câmara dos Deputados. Posteriormente foi Ministro da Justiça (1889), Senador (1891-1896), Governador de São Paulo (1896-1897) e Presidente da República em 1898. (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, Círculo do Livro, 1988, v. 26, p. 5312).

³ Roger Chartier. História da vida privada, da Renascença ao Século das Luzes, v. 3, p. 113.

É o que vemos nos anúncios da LIVRO AZUL, tanto no ramo da tipografia, como da papelaria e livraria: objetos e suportes para a escrita cursiva, objetos impressos para serem lidos e manuseados nas relações comerciais, pessoais e escolares. Um “sortimento de livros para collegios” pressupõe não um livro único adotado, não apenas para uma série ou disciplina, mas uma quantidade (sortimento) que pode relacionar-se ao número de alunos que cresce com as escolas criadas, com variação de títulos (autores) e ciclos escolares.

No Brasil, nas grandes capitais e algumas cidades mais desenvolvidas do interior, no final do século XIX e primeiras décadas do XX, já se notava o vento desenvolvimentista e republicano que deu alento à escolarização e alfabetização, embora a maior parte do país ainda estivesse afogada no período escravocrata e obscurantista das primeiras décadas da CASA LIVRO AZUL. Neste sentido, Coelho Neto (então residente em Campinas e freqüentador da LIVRO AZUL) e Olavo Bilac (engajado, no Rio de Janeiro, nas campanhas abolicionista e republicana) faziam ardorosos discursos promovendo mudanças e apregoando a necessidade da educação e da alfabetização para todos.

A LIVRO AZUL, então, investe em uma cidade que se considera progressista, moderna, com necessidade de livros e de material para a escrita. A loja não explicita seu envolvimento com os ideais republicanos, mas ao juntarmos os objetos que oferece através dos vários anúncios, com seus freqüentadores que apregoam estes novos ideais na cidade que cresce, que se alfabetiza, que é moderna, podemos pensar que a CASA se “ajusta” perfeitamente a este cenário político, econômico e histórico. Não é uma loja

que, embora pertença a uma sociedade ainda em sua maior parte rural, se veja como agrícola e atrasada, é uma CASA que se quer moderna, *escriturística*.

Segundo MARTINS, A.L. (2001, p.199), *por volta de 1890, no país que buscava o progresso, 80% da população ainda era analfabeta*, embora esta porcentagem diminuísse no Estado de São Paulo, diante do trabalho desenvolvido pelas sociedades maçônicas e entidades particulares, (ao qual se seguiu uma rede de escolas públicas), que apregoavam o progresso intelectual e o ideal republicano. Esse desenvolvimento intelectual resultou numa massa urbana mais afeita tanto à modernidade, como aos postos políticos e administrativos mais elevados. Por outro lado, favoreceu uma tradição artística e cultural que marcou a cidade por muito tempo, e que parece fazer parte do imaginário da sociedade até hoje. (LAPA, 1996, p. 164).

Como diz GALZERANI (1998, p. 173-204), este progresso cultural foi concebido como sinônimo de civilização, de sociedade moderna, de democracia, de república, de elegância, de prosperidade e de regeneração social. E a estes ideais relacionavam-se os livros, a literatura, as ciências, as artes, a música, a imprensa, que circulavam no interior dos novos ambientes urbanos de cultura que começaram a surgir e que eram as sociedades literárias, os gabinetes de leitura, as bibliotecas, as associações, os clubes literários e as livrarias, locais modernos, republicanos, e cuja prática sociocultural estava ancorada na escrita. Por outro lado, paralelamente, conviviam em Campinas ainda as práticas de narração de “causos” e histórias realizadas no interior das residências, práticas estas alicerçadas na oralidade, que algumas vezes podemos perceber através dos Memoriais

da CASA LIVRO AZUL, que narram algumas situações pitorescas da cidade, como quando da Proclamação da República:

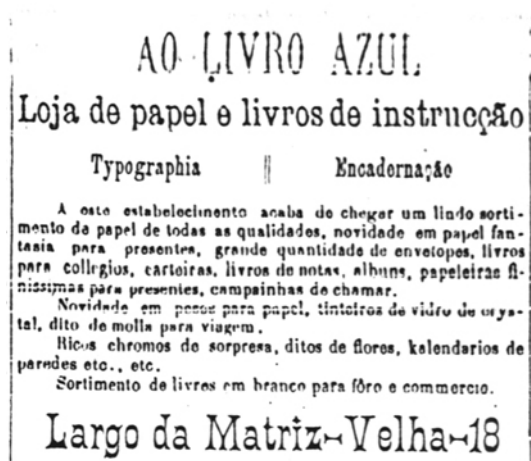
Lembro-me bem que em uma certa tarde, a do dia 15 de novembro de 1889, encontrava-me á porta da loja, muito despreocupadamente a observar o transito da rua, quando, de repente vi passar alguém em um carro de praça, gritando desesperadamente, sem chapéo na cabeça:

- Viva a republica!... Viva a republica! Foi hoje proclamada no Rio de Janeiro, a republica... viva...viva! (MENDES, C., 1946, p. 19).

Hoje em dia, jamais pensaríamos que alguém pudesse passar num carro aberto anunciando, com euforia, qualquer ato governamental. As novidades, através da oralidade, só nos chegam quase que exclusivamente pela televisão ou pelo rádio. As notícias proclamadas de boca em boca, ou lidas em voz alta nas praças públicas, pertencem a um tempo há muito superado pelo mundo da escrita e pelas comunicações audiovisuais, principalmente nas cidades que se querem mostrar modernas e progressistas.

Um ano depois do último anúncio publicado em que encontramos referência a livros para colégios, apareceu uma propaganda com especificação de venda de *livros de instrução*. Que livros seriam estes? Seriam os mesmos livros que eram anunciados como *livros para collegios*, ou haveria alguma diferenciação? A livraria parece não se preocupar em diferenciar a venda do material ligado à escola, nos livros que oferece, como o faz com tanta ênfase com seus materiais tipográficos, ou mesmo com os produtos de papelaria que comercializa. Livros para instrução podem ser livros técnicos, manuais, ou mesmo livros didáticos. Afinal, quais livros vendiam, para quem, de onde vinham? Aqui, neste anúncio de fevereiro de 1883, estão anunciados livros de instrução, livros para colégios, livros de

notas e livros em branco *para fôro e commercio*, ao lado de papéis e artigos de papelaria, além da tipografia:



Fonte: *Gazeta de Campinas*, 23/02/1883.

A chamada “livros de instrução”, na propaganda, parece ser suficiente para atrair seus fregueses, pais, alunos, mestres. Os livros que ensinam não se distinguem pelo autor das obras, pelo conteúdo curricular que tratam, pela série ou ciclo a que se destinam.

São de “instrução”, são “escolares”, são técnicos, ou para colégios (como na propaganda de 1882), apenas. Não há referência aos títulos, não há detalhes nem especificações. A LIVRO AZUL, neste momento, e desta forma, não está preocupada em promover a educação do leitor, daquele leitor de literatura clássica, que aprecia os romances e os livros de aventuras. Não procura chamá-lo para sessões de declamações, para leituras coletivas ou para palestras com os autores. Apenas divulga, nesta época, os livros que comercializa e/ou produz sem nenhum detalhamento.

GRAMMÁTICA DAS ESCOLAS

DEDICADA À PROVÍNCIA DE S. PAULO

SEGUNDO O MÉTODO DE INVENÇÃO

SOBRE O

Plano de M. Pierre Larousse

POR

Miguel Alves Feitosa

Este livro acha-se á venda em Campinas, nas seguintes casas:

Typographia da Gazeta de Campinas.

Santos, Irmão & Nogueira.

Eloy Cerqueira.

A La Cubana.

Livro Azul.

Livraria Diogo Amaral.

Armazem de Constantino Proost.

Loja de Antonio Nogueira Ferraz.

Qualquer das casas indicadas póde receber encomendas deste livro e enviar os exemplares pedidos. As encomendas devem ser acompanhadas da respectiva importância.

Preço do livro..... 3\$000

Fonte: *Gazeta de Campinas*, 03/03/1882.

mesmo livrarias, como a LIVRO AZUL e Diogo Amaral. Assim como o anúncio da Livraria Americana (página 64), cuja sede era em Porto Alegre e só comercializava os livros em Campinas pelo Correio, esta Gramática, (*dedicada à Província de São Paulo*) também era vendida sob encomenda. Seu autor, *Miguel Alves Feitosa*, possuiu uma escola particular aqui em Campinas⁴ e já havia publicado outro livro (*Páginas contemporâneas*), em 1901, pela LIVRO AZUL, conforme pode ser verificado pela bibliografia da CASA LIVRO AZUL no Centro de Memória⁵.

Este anúncio também serve como um exemplo dos prováveis livros de instrução que circulavam naquela época e eram comercializados pela CASA LIVRO AZUL. Ele também nos mostra que apesar dos anúncios sobre livros serem mais genéricos,

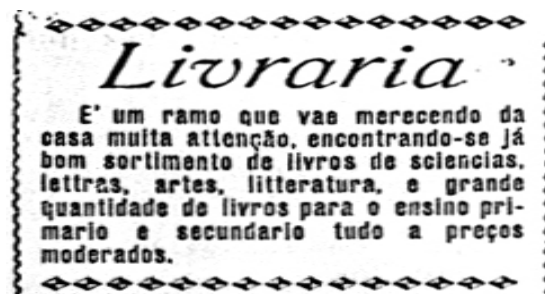
⁴ A este respeito, ver Monografia Histórica de Campinas, 1952, p. 411.

⁵ Ver lista de livros publicados pela LIVRO AZUL e disponíveis no Centro de Memória em Anexos.

quando uma obra ou autor já eram reconhecidos pelo público consumidor, ela era destacada como “chamariz” de venda. Nela vêm claramente especificados o autor, a dedicatória, a metodologia e os locais de venda. Neste caso, provavelmente qualquer comerciante poderia ser contratado pelo editor para aceitar os pedidos de livros. GUIMARÃES (2001), em sua tese de doutorado sobre os leitores de Machado de Assis, comenta que, no início do século XX, os escritores se queixavam muito da pouca venda de seus livros e que José de Alencar, inclusive, contratava pessoas para irem vendê-los de porta em porta, com um balaio às costas. As mulheres entrevistadas no início desta pesquisa também se referiram a ambulantes de livros e enciclopédias que passavam de porta em porta, oferecendo às famílias coleções de autores consagrados como Machado de Assis, Eça de Queiroz e José de Alencar, ou mesmo enciclopédias e coleções de livros didáticos.

Até este momento, portanto, encontrei apenas os livros de estudo, para uso público, com finalidades específicas: livros de instrução. Continuo sem encontrar nos anúncios da LIVRO AZUL os livros de literatura, ou os livros clássicos, responsáveis por uma prática privada de leitura (leitura silenciosa, leitura na intimidade, leitura em casa), aqueles livros que faziam parte das estantes das minhas entrevistadas, que provavelmente compunham o acervo dos gabinetes de leitura e das associações culturais.

Neste anúncio que segue, de 07 de novembro de 1903, publicado no jornal *Cidade de Campinas*, em meio aos destaques dados aos livros em branco, aos impressos, aos presentes, às tintas,



ao foro, aos baleiros, há também um destaque para a livraria. Pela primeira vez aparece um anúncio de livraria mesmo, em destaque. Não mais livros e papéis, não mais LIVRO AZUL, não mais o nome do proprietário. É como se ela quisesse agora destacar o ramo no qual passaria a investir mais, o dos livros - didáticos, técnicos, de autores locais. O fato de o ano ser o de 1903 talvez seja significativo, pois foram, nesta época, fundados o Centro de Ciências, o Instituto Agrônomo e várias outras associações culturais, de literatura, artes e ciências.

Nesta propaganda há menção aos diversos tipos de livros que podem ser encontrados na loja: *de ciencias, letras, artes, litteratura e grande quantidade de livros para o ensino primário e secundário*. Mas o anúncio não fornece mais pistas nem maiores detalhes como índices de títulos, listas de autores ou mesmo qualidades de impressão e encadernação, aspectos tão importantes e tão intensamente anunciados em momentos anteriores da loja. Com relação a esta propaganda, podemos observar ainda o seguinte: estes livros são dirigidos também a um outro público, mais adulto, além dos escolares: um público que provavelmente já estudou fora de Campinas, aqueles filhos da elite cafeeira que faziam sua formação superior na Europa (livros de ciências, letras e artes). Anteriormente, estes leitores não eram mencionados, mas agora surgem, talvez devido também ao desenvolvimento das novas e modernas tecnologias: iluminação, transportes públicos, cinema, máquinas elétricas, redes telefônicas, etc. Parece, então, haver se configurado uma nova comunidade de leitores com interesses pelas ciências, artes e literatura, o que pode também ser visto na propaganda da Casa Genoud, do mesmo período (página 136).

Surgiram também novas teorias e metodologias educacionais que passaram a exigir um maior refinamento e cuidado quanto ao ensino. O público escolar, com isso, deixou de ser um só, geral, para se tornar agora primário e secundário. Poucas exigências eram feitas, no início do século XIX para a frequência às aulas do curso primário: bastava um caderno e um lápis. Vicente Melillo, citado por Amaral Lapa⁶, diz que as crianças, principalmente as da roça, iam à escola somente com *um caderno de papel, onde com uma penna de pato o mestre escrevia a lição*, enquanto para a caligrafia, bastava *um debuxo a lapis para os alumnos copiarem* no mesmo caderno. Vicente Melillo comenta também que quanto aos livros-textos, só dois eram adotados: *Cartilha de Doutrina Cristã* e o folheto *Um Homem Honrado*. A maior parte da leitura era feita em *cartas commerciaes ou manuscriptos que os alumnos levavam para a escola*. A partir da República, com o advento da modernidade e da crescente urbanização, os grupos escolares passaram a ser projetados e construídos em todo o país, sendo que Campinas, com seu crescente movimento de desenvolvimento e urbanização, se destacava no cenário nacional (NEVES, 2002, p. 61). Ainda segundo Melillo, a população queixava-se do material escolar que já então era exigido, tornando o ensino dispendioso para os pais e lucrativo para os livreiros. À simplicidade de aprender a ler, escrever e contar, foram acrescidos conteúdos de botânica, geografia, história, literatura, artes, física, química e português, o que passou a exigir livros e material escolar mais específico:

Nada de porta-lunch ou bolsas a tiracollo, caixinhas para pennas ou tintas de aquarella; nada de agulhas e modelos para os meninos bordarem; nada de compêndios, essa praga que tão

⁶ Vicente Melillo. A instrução em Campinas, Almanach Histórico e Estatístico de Campinas: 1912, Campinas, Typ. Casa Mascote, 1911, p.75, apud Amaral Lapa. Opus cit. p. 168.

fundo alcança as nossas algibeiras como embandurra o cofre dos livreiros. Nada de réguas e compasso, tiralinhas ou esquadros.⁷ (grifo meu)

É esta complexidade do aparato educacional, exigências e especificações que se tornam maiores quando o ensino vai se tornando “obrigatório, gratuito e universal” que leva a LIVRO AZUL a detalhar mais a venda de seus livros, especificando conteúdos (disciplinas), níveis (primário e secundário), articulada agora aos ares educacionais que ostentam o país e o estado a partir da República. Legislação específica com currículos e diferentes disciplinas organizadas por ciclos exigem material didático mais adequado e complexo. Autores novos surgem e são publicados e lançados; diferentes instrumentos para escrita são criados, objetos que a CASA LIVRO AZUL agora anuncia e vende.

Livros e mais livros

A partir do início do século XX (1902,1903), começaram a aparecer nos jornais alguns anúncios de lançamentos de outros tipos de livros publicados pela CASA LIVRO AZUL, que não os de instrução. Estes textos, agora, divulgavam o título da obra, seu conteúdo e os autores, mas ainda não deixavam de reforçar as qualidades de impressão e encadernação da loja, que tinham sido o ponto forte nos anúncios anteriores:

Do sr. Vietruvio Marcondes recebemos o seu livro de versos, Musa Selvagem. É um livro de 180 paginas ricamente impressas na casa AO LIVRO AZUL. A apresentação do seu autor é feita pelo sr. Coelho Netto e...⁸ (grifo meu)

⁷ Vicente Melillo. Opus cit. Apud Amaral Lapa, opus cit., p. 168.

⁸ Jornal Cidade de Campinas, Campinas, 09/01/1903.

ou este outro:

Está publicado o 1º número da Revista do 'Centro de Sciencias Letras e Artes' desta cidade. O presente numero, que tem 148 paginas, forma um livro em 8 e o seu trabalho material honra as officinas do Livro Azul. O summario que a Revista insere é o seguinte: (segue o Summario, com o resumo do assunto de cada item) grifo meu.⁹

Neste anúncio, o que chama a atenção do leitor, além do título ou do conteúdo da obra, é a referência ao seu tamanho (número de páginas), ao formato (in oitavo) e sua rica impressão, detalhes hoje comuns nas vendas por catálogo ou Internet.

Por estes anúncios, que acabei de detalhar, a LIVRO AZUL também se mostra publicando poesias e trazendo apresentações de Coelho Neto, que por esta época já alcançava fama, como também lançando obras de ciências e literatura, como a publicação da primeira revista do recém criado Centro de Ciências Letras e Artes. O CCLA foi criado em 1901 por uma elite de intelectuais e políticos republicanos, tendo entre eles César Bierrembach, Edmundo Krug, José de Campos Novais e também Coelho Neto. O objetivo do Centro era divulgar a arte, a literatura e as ciências, promovendo reuniões, palestras, cursos e conferências. Foi famosa a sua revista, lançada em 1902, que tinha entre seus redatores Leopoldo Amaral, Coelho Neto e Henrique de Barcelos. José de Castro Mendes, analisando as publicações campineiras da virada do século, faz esta observação sobre a revista do Centro de Ciências:

⁹ Jornal Cidade de Campinas, Campinas, 07/11/1902.

Excelente e de grande valor pelo seu conteúdo, reunindo artigos sobre ciências, letras e artes, assinados por nomes de projeção internacional, a revista do Centro de Ciências coloca-se como uma das mais importantes publicações no gênero que a cidade possuiu.¹⁰

A publicação desta revista parece indicar a presença de um público e de um momento propícios à divulgação do saber e da cultura em Campinas, momentos estes que já vinham, desde há vários anos, se intensificando e fortalecendo na cidade com a presença intensa de intelectuais e políticos ligados aos movimentos republicanos. É indicativo também deste ambiente cultural que ocorria na cidade a presença de outras sociedades literárias que serviam, desde o Império, como centro de reuniões, debates, bibliotecas e circulação de livros. Entre inúmeras outras, destaquei algumas que fui levantando das fontes pesquisadas, como a “*Sociedade Luiz de Camões*”, O “*Grêmio Commercial*”, o “*Club Litterario Cesário Motta*” e a “*Sociedade Scandinava de Leitura Norden*”, dentre outros.

A sociedade literária *Luiz de Camões* era a mais antiga delas e trazia o nome de um autor reconhecido e ilustre da literatura. Propunha-se a facilitar reuniões sociais e promover a leitura, por meio de sua biblioteca e sala de leitura:

SOCIEDADE LUIZ DE CAMÕES

Fundada a 10 de junho de 1880 por iniciativa dos srs. Comendador José Pereira de Andrade, Manoel Joaquim Moreira, José da Silva Guimarães e outros, tem por fim proporcionar reuniões recreativas e instructivas aos sócios, estudos de musica, tendo formada uma banda composta de 23 figuras. Pretende organizar grupos dramático e gymnastico. Possui uma biblioteca com 332 volumes, sala de leitura, etc.¹¹ (grifo meu)

¹⁰ Correio Popular, Campinas, 25/12/1968, p. 5. (Suplemento).

¹¹ Almanaque “A Cidade de Campinas de 1901”, foi publicado em Campinas pela Typ. a vapor LIVRO AZUL – Castro Mendes & Irmão – 1900, p. 182-189.

Já o *Grêmio Commercial*, embora patrocinado por uma sociedade comercial, não deixava de ter sua função cultural, ao promover reuniões literárias e científicas. Fazia questão de destacar que se destinava a todas as classes sociais e parecia enfatizar mais o lazer, realizando bailes e concertos e disponibilizando seus salões para jogos:

GREMIO COMMERCIAL

Foi fundado em 1889 compõe-se de sócios pertencentes a diversas classes sociaes. O seu fim é realizar bailes, concertos e possui salões onde se dão jogos lícitos, taes como bilhares, dominó, etc. Conta uma bibliotheca. Sempre que necessário intervem perante os poderes competentes em favor da classe que representa. Funciona em um bello sobrado á rua dr. Quirino, n. 61, onde se tem realisado conferencias litterarias e scientificas.¹² (grifos meus)

Diferentemente do *Grêmio Commercial*, que era voltado para todas as classes sociais, o *Club Litterario Cesário Motta* era formado por alunos e a eles se destinava. Destacava-se também por ser o único que possuía uma publicação própria, com objetivos exclusivamente literários e científicos:

CLUB LITTERARIO CEARIO MOTTA

*Fundado a 15 de novembro de 1897. Compõe-se de alumnos do gymnasio e tem por fim o desenvolvimento litterario e scientifico de seus associados. Publica um periodico litterario intitulado *Gymnasio de Campinas*, redigido pelos sócios Jayme Moraes Salles, Alfredo Monteiro e Laurival Queiroz.¹³ (grifo meu)*

¹² Idem.

¹³ Idem.

Aproximei estes lugares pela iniciativa comum a que eles se propunham: promover a leitura, a música e as artes e, ao mesmo tempo, possibilitar atividades sociais. A *S.D. Recreio dos Artistas* e a *Sociedade Scandinava de Leitura Norden* também são exemplos de associações deste tipo:

S.D. RECREIO DOS ARTISTAS

Fundada a 24 de dezembro de 1884, por iniciativa do sr. Antonis Maria Chaves, que é seu presidente honorário. Conta 80 socios aos quaes proporciona partidas trimensaes. Dispõe de sala de leitura com bibliotheca de 800 volumes e recebe cerca de 30 jornaes.

SOCIEDADE SCANDINAVA DE LEITURA NORDEN

Foi fundada a 27 de março de 1897 e tem por fim proporcionar aos seus socios leitura de livros e jornaes. Funciona a rua Ferreira Penteado, n. 165.¹⁴ (grifos meus)

Conforme a citação acima, parece que estas duas últimas tinham a finalidade única de promover a leitura de livros e jornais. A *S.D. Recreio dos Artistas* possuía um bom acervo (30 jornais, 800 volumes) enquanto temos poucas informações sobre a *Sociedade Scandinava*. Não se sabe a que público se destinava nem se dispunha de outras atividades socioculturais.

Amaral Lapa também destaca outras associações literárias: a *Sociedade Cultural Arcádia Luso-Brasileira* (1873); o *Club Amizade* (1886), lítero-musical, fundado pelas alunas do Colégio Florence; a *Sociedade Alemã de Instrução e Leitura* (s.d.), que tinha uma biblioteca com 600 volumes e escola com 50 alunos; e ainda a *Campinas Library*

¹⁴ Idem.

(s.d.) e o *Recreio Literario de Leitura* (s.d.), entre outros (LAPA, 1996, p. 141-161).

Há em Lapa referência também ao *Gabinete de Leitura Campineiro*, fundado em 1865 e que possuía uma biblioteca com mil volumes, em 1870. O *Gabinete* era circulante, tendo o sistema de assinaturas pagas, podendo ser mensal, semestral ou anual. Em 1893 foi registrado um acervo de 2500 volumes, em que constavam obras de literatura estrangeira de ficção romântica, com autores como Chateaubriand, George Sand, Victor Hugo, Jean-Jacques Rousseau; de clássicos portugueses como A.F. de Castilho, Filinto Elísio, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano e Bocage, entre outros; e de literatura brasileira, com dois autores mais conhecidos: José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo¹⁵.

Segundo LAPA (1996, p. 144), o público que freqüentava estas sociedades

era um público leitor cativo entre os inúmeros profissionais liberais que residiam em Campinas, os cientistas da Estação Agrônômica, e os professores do Culto à Ciência, bem como entre os jovens e as mulheres das famílias aristocráticas, que no caso, não possuísem a sua própria biblioteca. A eles se acrescentariam com certeza, por obrigação profissional ou não, os estudantes mais adiantados, que freqüentavam colégios e escolas locais, em cujo currículo a literatura portuguesa e a universal figuravam indefectivelmente.

Pelas datas de fundação de cada entidade (1865-1897), num período de 32 anos, destacam-se 10 espaços culturais que têm a leitura como uma de suas principais atividades. Locais de leituras públicas de jornais e livros. Por este cenário, Campinas parecia se configurar como um centro cultural de enorme importância para a região e

¹⁵ Idem.

mesmo para o país. Era uma cidade que crescia e prosperava a olhos vistos, impulsionada pela pujança das lavouras de café, pela criação e posterior desenvolvimento das estradas de ferro, e pelo comércio e pequena indústria que se ampliavam, conforme também sabemos pela história oficial da cidade. Era um ambiente propício ao desenvolvimento de lojas como a LIVRO AZUL, local que vende e publica impressos para este público. Local que agrega e reúne intelectuais e artistas e que agora passa a enfatizar o seu aspecto mais literário, chamando a atenção de seu público e fregueses para a livraria. A publicação da revista do CCLA é um exemplo do surgimento do interesse local por uma publicação impressa ligada às artes e às ciências.

LAPA (1996, p.161) também parece reforçar essa imagem de Campinas como uma cidade que se firma e reafirma enquanto espaço cultural:

O requintamento da sociedade campineira ingressa nesse processo de modernização com três linhas de convergência, que sustentam a vida cultural com que a cidade surpreende os forasteiros, atrai atenções e cria uma tradição. São a educação, o ensino e a cultura, que se traduz esta num movimento artístico, literário e até mesmo científico, no qual iniciativas públicas e privadas, institucionais ou não, coletivas ou individuais parecem embaladas por constante processo de emulação, que lhe garante financiamento, formando o gosto popular e erudito, revelando talentos e marcando sua passagem na arquitetura da cidade. Das oficinas gráficas da Gazeta, Casa Mascote, CASA LIVRO AZUL e Casa Genoud saíram muitos livros e revistas, que marcaram o movimento cultural da cidade (grifo meu).

É a CASA LIVRO AZUL com sua livraria e tipografia e com suas parceiras que, como diz Amaral Lapa, *revela talentos, forma o gosto popular, o erudito*, projetando e lançando a imagem de modernidade e progresso que se quer para Campinas. Ela se envolve

numa rede de cultura que vende e publica, que divulga através de seus anúncios nos jornais da cidade a qualidade de seus produtos, as novidades que traz do estrangeiro. Desta forma, esta loja representa estes novos ares de modernidade que se instalam na cidade, destacando uma sociedade campineira requintada e atraente, que causa surpresa aos que vêm de fora. Uma cidade que se sobressai pelo seu valor cultural, pela sua tradição e pelas suas iniciativas políticas e culturais. É neste cenário que se enquadra a LIVRO AZUL e assim permanece na memória de seus fregueses e descendentes.

As três outras oficinas gráficas (citadas no trecho extraído de Lapa) que colaboraram para esta efervescência cultural foram lojas comerciais que trabalhavam com o livro e com o impresso, além de miudezas e armarinho, difundindo e ampliando o movimento literário da cidade. Em Campinas, assim como a LIVRO AZUL, disputavam o mercado de impressos e livros, a Casa Mascote, a Casa Genoud e a tipografia Minerva. Vendiam desde sementes de flores e hortaliças, guarda-chuvas e bengalas a material escolar e livros. Também faziam trabalhos de impressão, também faziam exposições durante o Natal, também comercializavam partituras e pianos. Mas seriam elas diferentes da CASA LIVRO AZUL? Seriam elas que venderiam as obras de literatura estrangeira, de ficção romântica, os clássicos portugueses, os autores mais conhecidos da literatura estrangeira que, como vimos, compunham o acervo do *Gabinete de Leitura Campineiro*?

A Casa Mascote pertenceu a J. Ladeira e durante muitos anos existiu na Barão de Jaguara, perto do Largo do Rosário (assim como a LIVRO AZUL). Como suas concorrentes, muito contribuiu para o desenvolvimento das artes de impressão, editando jornais, livros e folhetos de boa qualidade e acabamento. Também não tinha uma linha

A Casa Genoud, assim como a LIVRO AZUL, foi fundada em 1876 e pertenceu a um casal de franceses, amigos e fregueses de Castro Mendes, que lhes fornecia as caixas de papelão para chapéus. Trabalhava também com artigos de papelaria, *livros em branco, de todas as qualidades, artigos de escriptorio, engenharia, desenho e pintura, carymbos e tipos de borracha; armarinho, perfumarias, brinquedos, objectos para presentes, bijouteria fantasia, óculos e pince-nez, artigos de óptica, bilhar e photographia; música, pianos e instrumentos, bandeiras e lanternas, homeopathia, artigos de carnaval, fogos de salão, guarda-chuvas e*

Fonte: Jornal Cidade de Campinas, 07/12/1904

¹⁶ Propaganda Casa Genoud, xerox fornecido por D. Maria Luiza Pinto de Moura.

anúncios da Casa Genoud divulgavam somente livros (sem misturar no mesmo anúncio guarda-chuvas, armarinhos, pomadas e bengalas, por exemplo), publicados por editoras de São Paulo, como a Laemmert & C.e comercializados aqui em Campinas em sua loja: *Acabam de sahir á luz e acha-se á venda em suas casas ‘Os cégos de espírito’ (commentário sobre os males que nos afligem e o futuro que nos espera) por ‘Ernesto Barbosa Penteado’*. Em seguida, uma descrição da obra: *(vol. de 144 paginas, nitidamente impresso, 2\$000; pelo correio, 2\$500)*¹⁷, um pequeno resumo, o índice dos capítulos, o endereço da editora em São Paulo e o de venda em Campinas. Outros títulos da mesma editora também eram anunciados, em diferentes datas, mas muitas vezes não eram comercializados em Campinas; eram vendidos pelo Correio, em livrarias de São Paulo, ou na própria editora. Provavelmente, muitos livros que constavam do acervo daquelas sociedades literárias chegaram a Campinas desta forma, pelo Correio. Talvez por este motivo, houvesse tantas especificações nos anúncios quanto ao formato, acabamento, impressão e número de páginas, pois os leitores não tinham os livros à mão para manusear, para observar. De qualquer modo, a Casa Genoud, diferentemente da LIVRO AZUL e das demais, anunciava um completo sortimento de romances e livros clássicos, livros de literatura, entre outros¹⁸.

A Casa Genoud também possuía um salão de cabeleireiro e modas que a LIVRO AZUL não possuía, mas em quase tudo se assemelhava a esta, pois tinha também setores de papelaria e comércio de artigos para escritório; de vendas de pianos e

¹⁷ Jornal Cidade de Campinas, Campinas, 08/09/1901.

¹⁸ “ Com referência ao comércio de livros, consta que à semelhança do livreiro Garnier, do Rio, Genoud fazia imprimir seus livros em Paris, principalmente os livros de recreio para as crianças e a juventude, em sua maioria álbuns coloridos de histórias, de grande aceitação, dada a raridade de tal artigo, na época”. In: Monografia Histórica de Campinas, 1952, p. 522-523.

instrumentos musicais; comércio e impressão de livros, revistas e material para indústria, venda de artigos importados e objetos finos para casa; enfim, disputavam o público em todo tipo de impressão e comércio de artigos relacionados à escrita. No entanto, segundo LAPA (1996, p. 157), a LIVRO AZUL se destacava por reunir à sua volta artistas, intelectuais e políticos que ali se encontravam para palestras e exposições de arte.

A terceira destas casas, a Typographia Minerva, localizada na Rua Bernardino de Campos, entre as ruas Barão de Jaguará e Francisco Glycerio, pertenceu a Aranha & Irmão e anunciava seus artigos de papelaria oferecendo um grande sortimento de papéis, envelopes, cartões, convites, lápis, mata-borrão, canetas, penas, tintas, etc. Quanto à tipografia, oferecia também *trabalhos com brevidade, nitidez e asseio: trabalhos bem acabados, tanto em impressões simples, como a duas ou MAIS CORES*. Comercializava impressos e recibos: *tem sempre prompts recibos de alugueis de casas, notas de*

TYPOGRAPHIA MINERVA
RUA DR. BERNARDINO DE CAMPOS
entre as ruas barão de Jaguará e F. Glycerio
AO LADO DA COLLECTORIA FEDERAL
nos baixos do palacete do sr. H. Armbrust

Trabalha com brevidade, nitidez e asseio

Tem sempre prompts recibos de alugueis de casa, notas de consignação das estradas de ferro, rôl de roupa, blocos de papel de carta, livros para escripturação e mais

um grande sortimento de:

papeis de linho, almasso e fumo, caixas de papeis de carta, simples, á phantasia e diplomatas; envelopes commerciaes e para cartões, cartões de visita, para convites, participações e commerciaes, lacros, lapis pretos e de cores, borrachas, berços de mata-borrão, reguas, canetas, carteiras para notas, pennas, tintas, etc.

consignação das estradas de ferro, rôl de roupa, blocos de papel de carta, livros para escripturação, etc. Esta tipografia, em seus anúncios, procurava destacar mais seus trabalhos de impressão, embora comercializasse também artigos de papelaria. Como suas concorrentes, valorizava a qualidade e rapidez na entrega dos serviços, além da nitidez e perfeição dos trabalhos executados.

Fonte: *Jornal Cidade de Campinas, Campinas, 27/09/1902.*

Parece que estas qualidades (asseio, rapidez, eficiência) não eram comuns na época e precisavam ser destacadas e valorizadas nos anúncios que apregoavam seus produtos. A distinção entre as diversas papelarias e livrarias concorrentes se dava, portanto, mais pela qualidade e acabamento da impressão e encadernação do que pelo título da obra, autor, ou linha editorial. Com exceção, talvez, da Casa Genoud, que parece ter sido a grande fornecedora de livros de literatura e de clássicos de outras editoras, livros estes que, provavelmente, foram lidos pelas nossas entrevistadas, livros que formaram as bibliotecas dos gabinetes de leitura e das associações literárias.

Nesta perspectiva é que a livraria da LIVRO AZUL, diferentemente do que se imaginava quando entrevistamos as nossas senhoras, no início da pesquisa, não privilegiava os romances nacionais e franceses, como era o gosto cultural também desta mesma época. Seus anúncios pouca ou nenhuma menção faziam a este tipo de livros. Se a história literária e as nossas leitoras nos mostram que as mulheres liam, além de folhetins, romances, nas últimas décadas do século XIX e primeira do XX, não era a LIVRO AZUL a principal fornecedora destes livros, conforme pudemos ver por seus anúncios.

Na qualidade de comerciantes que defendiam seus próprios interesses, estes primeiros impressores de Campinas publicavam listas de materiais de escritório e artigos de papelaria, colocando ao lado o nome da firma, o emblema da loja, o endereço e, muitas vezes o nome do proprietário. Eles não só buscavam conquistar novos mercados cada vez mais amplos para seus produtos, como também criar novos hábitos e necessidades relacionadas aos novos modos de escrita. A este respeito, EISENSTEIN (1998, p. 41) comenta que o

impulso no sentido de abrir novos mercados era acompanhado de esforços para manter os concorrentes sob controle, mediante a oferta de melhores produtos, ou, pelo menos, a impressão de um prospecto anunciando os textos 'mais legíveis' da firma, índices 'mais completos e mais bem arranjados', 'mais cuidadosa revisão de textos' e edição. (grifos meus).

Ainda segundo EISENSTEIN, enquanto na Europa multiplicaram-se as papelarias e lojas de artigos para escritório, em resposta a uma procura crescente por cadernos, livros em branco, livros escolares, encadernação e impressos de todo tipo, alguns comerciantes passaram também a auxiliar os colecionadores de livros e os editores, imprimindo obras sob encomenda e guardando algumas para serem vendidas na própria loja. *Contudo, sua participação no comércio de livros era mais ocasional do que se poderia imaginar:*

As atividades dos 'cartolai', lojas de papeleiros, eram variadas(...) Os que se especializavam na venda e preparação de materiais para a produção de livros, ou na sua encadernação, provavelmente pouco, ou nada, se interessavam pela produção ou venda de manuscritos e (mais tarde) de livros impressos, novos ou usados (EISENSTEIN, 1998, p. 34).

O mesmo ocorreu em Campinas, com alguns comerciantes ocasionalmente vendendo livros sob encomenda, através do Correio. Às vezes estes comerciantes eram tipógrafos que imprimiam e guardavam alguns exemplares para seu próprio trabalho, outras vezes eram lojistas que lidavam com ramos totalmente diferentes, como vimos na propaganda da *Grammatica das Escolas* de Miguel Alves Feitosa, que era comercializada em lojas de artigos para construções e agricultura, em armazéns ou mesmo na tipografia da Gazeta de Campinas, além da LIVRO AZUL (p.115).

Aos poucos, parece ser esta a imagem que vai se compondo da CASA LIVRO AZUL a partir de seus anúncios de livros: além do destaque pela qualidade de impressão e encadernação, há em alguns casos realce para o título do livro, o autor da obra e seu conteúdo.

Além dos livros escolares, de instrução, os diretamente ligados a um público das ciências, das artes, há um outro tipo (de livros), que parece exigir uma propaganda que ressalte as qualidades materiais do objeto-livro. É o que podemos verificar no anúncio de 17 de março de 1886, na Gazeta de Campinas que destaca como novidade Ricos livros de HORAS MARIANAS, MANUAL DE MISSA, ricamente encadernados em velludo, perola, marfim e tartaruga com incrustações de prata, todos próprios para um presente de valor.

AO
LIVRO AZUL

Vai a chegar a este conhecido estabelecimento um completo sortimento: de PAPELARIA e artigos de escriptorio e desenho

Novidades ! Novidades !

« Papel Bêbê » ultimo chique do Rio de Janeiro e ao preço de 500 réis, uma linda caixinha. Esplendido sortimento de albuns e molduras, finissimos para retratos.

Ricos livros de HORAS MARIANAS, MANUAL DE MISSA, ricamente encadernados em velludo, perola, marfim e tartaruga com incrustações de prata, todos proprios para um presente de valor.

Sortimento especial

de cartões de visita, simples e de fantasia, ditos para participações de casamento, tudo do mais moderno e do mais apurado gosto.

Prensas para copiar cartas

Livros e seus pertences tudo a preço reduzido. Cartões de visita em 10 minutos

18--Rua Direita--18

LARGO DA MATRIZ VELHA

A. B. de Castro Mendes

Fonte: Gazeta de Campinas, Campinas, 17/03/1886.

Pode-se entender que, além dos livros para a escola, a livraria traz de fora da cidade, livros para rezar próprios para uma época, final do século XIX, quando as mulheres

dedicavam-se mais às prendas domésticas (costuras, doces e bordados) e raramente saíam de casa, a não ser para irem à missa e aos bailes, se pertencessem à alta sociedade. Estes livros, como presentes de valor, poderiam ser dados às meninas, quando de sua primeira comunhão. Estes ricos livros religiosos eram considerados presentes de valor, porque eram encadernados com materiais caros: *pérola, marfim e tartaruga, com incrustações de prata*. São presentes adequados a uma sociedade religiosa, com leitores de livros de horas, mais do que de folhetins, literatura ou romances. Os sentimentos religiosos, como afirma BATTISTONI FILHO (1996, p. 21), eram muito arraigados na população, tanto branca como negra: *Os documentos revelam a grande quantidade de assentamentos relativos a batizados, casamentos e outros sacramentos*.



Fonte: Revista Metrópole. Jornal Correio Popular. Campinas, julho/2003.

Mas então, além destes livros que ela vendia, que livros eram publicados pela CASA LIVRO AZUL? Por que, quando se falava em leitura e livros, esta casa era citada pelos entrevistados, ou mesmo ainda hoje é citada em revistas e

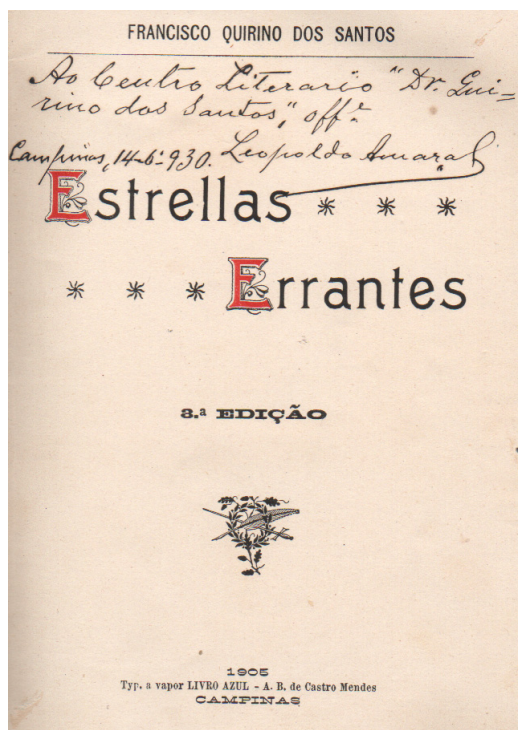
jornais atuais que falam sobre livrarias, como se pode ver neste artigo publicado pela *Revista Metrópole do Correio Popular* em julho/2003¹⁹? Por que o nome LIVRO AZUL, se seu principal produto não eram os livros? Minhas dúvidas persistiam...

Através da leitura dos memoriais pude identificar que, por volta de 1888, a LIVRO AZUL editou seu primeiro livro: *trabalho volumoso, obra de um erudito sacerdote portuguez, padre Senna Freitas, que andava por aqui naquelles tempos, livro de critica que mais tarde, lembro-me bem, foi fortemente commentado.*(MENDES, A.B., 1926, p. 22). O Memorial, assim, nos informa qual foi seu primeiro livro, editado quase que por acaso (pois não revela a sua intenção de entrar no ramo editorial). Trata-se de um livro de uma pessoa ilustre, um erudito, estrangeiro, ligado à comunidade religiosa. Esta edição religiosa, provavelmente pesada (volumosa), era de crítica (que tipo de crítica?) e causou comentários, provavelmente quando o sacerdote já não se encontrava mais em Campinas.

Este fato aponta para três idéias: primeira, uma edição meio que por acaso (*de um sacerdote que andava por aqui*), sem indicações do interesse da LIVRO AZUL em investir no ramo editorial e sem informações sobre as relações de pagamento ou financiamento da obra; segunda, uma publicação que se vincula a uma pessoa/autor que se destaca na comunidade religiosa, e não ao gênero da obra, ou ao seu conteúdo; e terceira, a presença de um público leitor ligado às obras publicadas pela CASA LIVRO AZUL, pois o livro mais tarde foi *fortemente comentado*, isto é, recebeu críticas, teve uma certa

¹⁹ A este respeito, ver também matéria sobre a CASA LIVRO AZUL no jornal *Correio Popular*, seção Baú de Histórias, de 21/12/2003.

ressonância em uma sociedade que lê e critica, que exerce, de certa forma, uma leitura pública.



Fonte: *Estrellas Errantes*. Francisco Quirino dos Santos

publicações esparsas de escritores locais. Parece também publicar obras de grande interesse do público leitor da época, visto que *Estrellas Errantes* já se encontra na terceira edição.

Um outro livro que pude encontrar publicado pela LIVRO AZUL foi o *Estrellas Errantes* de Francisco Quirino dos Santos, em sua terceira edição (1905). Embora não se possa dizer que a CASA LIVRO AZUL seja um local de edição de livros de literatura, poesias e romances dos hoje, reconhecidos por nós como grandes escritores de literatura brasileira, ela parece estar ligada a

Uma outra fonte foi então utilizada na busca dos livros publicados pela casa. Obtive no Centro de Memória da Unicamp, uma lista de livros editados pela LIVRO AZUL de 1888 a 1954, e disponíveis em seus arquivos. Neste período foram impressos pela sua tipografia, num total de 78 anos, praticamente um livro a cada ano²⁰. Número, portanto, não significativo para caracterizá-la como uma editora, como uma empresa que gostaria de ser identificada como formadora de uma sociedade leitora, embora as publicações que ela

²⁰ Ver em Anexos.

anunciasse, de autores totalmente desconhecidos por nós e gêneros tão diferentes, mostrassem, com certeza, a presença de uma comunidade de leitores.

Por outro lado, esta lista de livros também não nos apresenta uma linha editorial preocupada com determinados autores, ou determinado tipo de acervo, humanista, científico, ou literário. Esta diversidade de gêneros e títulos confirma o que vínhamos percebendo através das propagandas.²¹

Das 78 publicações, o maior número concentra-se nas publicações oficiais realizadas pela CASA LIVRO AZUL. São 18 contratos, decretos, leis, sendo que, no período de 1876 a 1908, em que estamos nos detendo, as publicações oficiais somam um terço deste total²²:

1. *Contracto entre o Governo Federal e a Companhia Mogyana (1893);*
2. *Memorial da Câmara Municipal de Campinas sobre suas divisas administrativas e judiciárias com o município de Santa Bárbara e com a Comarca de Piracicaba (1900);*
3. *Comarca de Campinas: minuta de desaggravo, questão relativa ao entupimento de poços, debatida perante o juízo da 1ª vara (1893);*
4. *Relatório apresentado a Câmara Municipal de Campinas sobre os serviços sanitários e instrucção pública (1893);*
5. *Leis, resoluções e mais actos promulgados em 1896 (1896);*

²¹ Ver em Anexos.

²² Gostaria de lembrar que isto é o que há disponível no Centro de Memória (CMU), podendo haver muitas outras publicações até agora não localizadas.

6. *Leis, resoluções e provimentos promulgados durante o ano de 1905 (1906);*

O que este primeiro conjunto de livros nos leva a considerar é que a cidade, assim como muitas outras, necessita de aparato legal através de leis e resoluções, além de uma preocupação com o saneamento em uma cidade de ruelas, entupimento de poços, com dificuldades em seus serviços sanitários. Sobre este assunto, BATTISTONI FILHO (1996, p. 45-46) comenta em seu livro que a população reclamava constantemente da falta d'água e saneamento básico na cidade:

As reclamações eram constantes através da imprensa. Francisco Quirino dos Santos, brilhante jornalista da época, pedia a urgência do abastecimento de água potável para a população: 'Não temos fontes, não temos chafarizes, não temos nada. Há por aí, umas bicas imundas que despejam com as correntes toda sorte de matérias estranhas, muitas vezes extraordinariamente infectas, e é nesses lugares que se vão fazer as provisões para uso doméstico.'

Se, por um lado, o primeiro conjunto de obras publicadas aponta para uma cidade que se urbaniza, mas que tem sérios problemas de saneamento, por outro lado, um outro agrupamento de obras ressalta também a necessidade de se criarem e publicarem leis em uma sociedade que vê transformada sua mão de obra, antes escrava, agora assalariada. Assim, podemos ver dois livros, entre os apontados na listagem dos 78, que tratam das leis trabalhistas: *Transformações do trabalho* (1888), *Condições adaptadas nos contratos de colonos para a cultura de café, vinha e canna de assucar* (1888).

Ainda do conjunto destas 78 obras, localizadas no Centro de Memória, no gênero ficção (poesias e romances) são 14 livros, sendo que destes, 10 foram publicados no período que estamos analisando, provavelmente de autoria de campineiros ou aqui

instalados. Mas ainda poderemos incluir, no gênero narrativo, obras como *Auto-biografia de Francisco de Assis Vieira Bueno* (1899) e *Observações críticas e descrições de viagens* (1888), além de outros mais, dois que buscam narrar a história de um município que se firma com suas divisas e legislação administrativa: *História de Campinas* (1905), *Monographia de Campinas* (1903).

Pela leitura dos Memoriais e documentos encontrados, pudemos perceber que o trabalho de editoração desenvolvido pela casa acompanhava as solicitações de seus autores. Quando procurados pelos escritores que queriam ver seus trabalhos publicados, os livros eram editados e impressos; sempre, segundo Benedicto Castro Mendes, com os rigores de qualidade e presteza que marcavam as publicações da LIVRO AZUL. Aliás, Castro Mendes, como disseram alguns de seus descendentes, era um mecenas. Ao mesmo tempo em que promovia em seus salões os saraus e as reuniões literárias para as quais convidava os artistas da cidade, ou mesmo os estrangeiros, fazia questão também de apoiar aqueles que tinham poucos recursos ou estavam apenas começando na vida artística. A respeito deste fato foi publicada uma matéria no *Correio Popular*, em 29 de novembro de 1938, por ocasião de seu falecimento, da qual retirei o seguinte trecho:

Quando eu era menino, apareceu um dia em nossa casa, um moço aleijado, sobraçando um pesado embrulho. Chamava-se Vitruvio Marcondes e vinha vender seu livro de poesia. E foi logo explicando a meu pae:

- 'Como sou aleijado, em vez de pedir esmolas, vendo meus versos. O snr. Castro Mendes, do LIVRO AZUL, de Campinas, fez-me presente de uma edição destes livros'.

(...)

Muitos anos depois, relatando este fato a Benedito Octavio, este me disse com entusiasmo:

- 'Isto não é nada. Ele já me publicou de graça dois folhetos que escrevi sobre 'As festas de Campinas em 1846' e a 'Venda Grande' E Leopoldo Amaral já publicou dois almanaques a custa do snr.

Castro Mendes.'

Estes casos bem demonstram a sua amisade aos escritores e o seu vivo empenho em proteger os artistas. (MENDES, C., 1946, p. 54-55).

Há ainda outros gêneros publicados, como Gramática, Biografia, Descrições de viagens, Educação, Ciências e Botânica, que, provavelmente, está ligado ao fato de Campinas estar emergindo como uma cidade que estabelece suas divisas, busca identidade como centro comercial, econômico e cultural, como também ao fato de estar vivendo uma época de grande desenvolvimento, principalmente na área educacional.

E além dos livros de horas e de rezas vendidos na papelaria, o gênero religião era publicado também pela LIVRO AZUL: *Apocalypse por S. João* (1903), *Carta Pastoral despedindo-se da Diocese do Espírito do Santo seguida de algumas notícias sobre a mesma diocese* (1901), *Falsidades do protestantismo* (1904) e outros, que, juntos, formavam o variado quadro editorial da loja.

Por este conjunto de obras editadas neste período podemos perceber a existência de um público leitor não muito preocupado com as grandes questões políticas relativas às mudanças do regime da Monarquia para República, ou às mazelas do país. São obras diretamente ligadas aos interesses da comunidade local: os contratos e leis municipais, leis trabalhistas diretamente envolvidas com fazendeiros de café e senhores de escravos, obras ligadas à Igreja Católica, romances, poemas e histórias de autores locais.

Realmente, o crescimento econômico e cultural de Campinas, graças primeiramente à cana-de-açúcar e posteriormente ao grande ciclo econômico do café,

tornaram-na uma das cidades mais prósperas e desenvolvidas do Estado. Desenvolvimento este que, como sabemos, favoreceu apenas alguns setores da sociedade, principalmente o daqueles que tinham terras para cultivar, como os grandes fazendeiros; ou os comerciantes, normalmente de origem estrangeira, que aqui chegaram desempregados, mas que, com esforço, dedicação e o domínio de certas técnicas mais desenvolvidas, conseguiram chegar a altos postos na sociedade. A respeito deste assunto, BAENINGER (1996) acredita que Campinas chegou a se equiparar ao município de São Paulo:

*De fato, a prosperidade econômica e o grande aumento populacional no município de Campinas permitiram-lhe disputar, no final dos anos 80 do século XIX, a primazia com a capital (Camargo, 1981), o que lhe conferiu o título de **Princesa d' Oeste**. O desenvolvimento social do município e de sua vida urbana, nesse período, também exaltava seu papel no Estado, ao ponto de Zaluar (1976) afirmar que a cidade era um empório de riqueza e civilização.(grifo do autor)²³*

Ainda em um tempo em que não havia escolarização em massa, em que a vida cultural era privilégio de poucos, em que a cidade tinha problemas sérios com saneamento, diferentes registros da época, lidos e analisados, parecem construir uma imagem da cidade como um centro de efervescência cultural, assim como São Paulo e Rio de Janeiro, sem que a política fosse deixada de lado.

Como vimos, Campinas concentrava um significativo número de políticos e intelectuais republicanos, democratas e abolicionistas, intensamente ativistas, que, aliados

²³ CAMARGO, J.F. Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos. Estudos econômicos n. 14, IPE-USP, 1981 e ZALUAR, E.A. Peregrinação pela Província de São Paulo: Biblioteca Histórica Paulista, 1976. APUD BAENINGER, Rosana. Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista. Campinas: CMU/UNICAMP, 1996. p.32.

às elites rurais, faziam discursos políticos, publicavam artigos e obras, assinavam manifestos e se reuniam nas agremiações e sociedades literárias, compondo diretorias, editando revistas, como a do CCLA e outras, que vieram e desapareceram após alguns anos de existência, como *Ronda*, *Vésper*, *Farpa*, *Arcádia*, *Monóculo*, *Nirvana*, *Mogiana*²⁴, que abordavam assuntos sociais, literatura e humorismo.

Estes periódicos retratavam a vida política e cultural da cidade, eram órgãos difusores da movimentação literária que crescia e se desenvolvia em Campinas e do pensamento de artistas, poetas, políticos, professores e intelectuais que se agitavam e se movimentavam na cidade, pregando novas idéias e projetos políticos:

Sob o ponto de vista da produção cultural, esses jornalistas, cientistas, professores, poetas, escritores encontraram na imprensa, em muitos casos, o único meio de comunicar-se entre si e com os leitores. As redações destes jornais assumiram desde logo ser o espaço cultural, onde o debate, a polêmica, as idéias, os projetos e políticas públicas eram gerados e fermentados, para serem a seguir transmitidos aos leitores, contribuindo para formar a opinião pública, definir posições e identidades. (BAENINGER, 1996, p. 181).

Atendendo a este público, a CASA LIVRO AZUL imprimia e comercializava obras de diferentes gêneros, sem uma linha editorial definida, embora prevalecessem em suas publicações os impressos oficiais e regionais. Neste sentido, não se pode considerá-la uma editora, tal como entendemos hoje, pois, embora publicasse e vendesse livros, não era este seu maior objetivo. Percebe-se, pela ênfase e pela quantidade de propagandas, que a LIVRO AZUL se destacava mais, primeiramente como impressora e depois como papelaria. Provavelmente, também, não era ela a fornecedora dos inúmeros

²⁴ Jornal Correio Popular. Campinas, 25/12/1968. p. 5. Suplemento.

livros que compunham as bibliotecas existentes naquela época, mesmo tendo como fregueses, desde seus primeiros anos, vários membros destas sociedades, como podemos ver na propaganda abaixo:



A título de curiosidade reproduzimos aqui o primeiro clichê do "Livro Azul", publicado nos anúncios da Casa em 1876, isto é, há 70 anos, quando iniciava suas atividades nas seções de encadernação e pauta, seções essas que foram por assim dizer, o esteio da Casa e a base de sua estrutura.

Este documento, como muitos outros de grande valor estimativo para a Casa, estão carinhosamente guardados em seus arquivos.

Outros documentos importantes que guardamos com especial cuidado, são os primeiros livros da Casa — borrador e contas correntes — cujos lançamentos iniciais são datados de 14 de Novembro de 1876. Notamos entre seus inúmeros freguezes daquelas priscas éras, os títulos, aliás honrosos para a Casa, tais como:

Francisco Glycerio	Elias Alvares Lobo
Manoel Ferraz de Campos Salles	Dr. Jorge Miranda
Antonio Carlos Gomes	Dr. Valentim José da Silveira Lopes
Francisco Quirino dos Santos	Dr. Cezario Motta
Leopoldo Amaral	Eloi Cerqueira
Tipografia "Gazeta de Campinas"	Barão de Parnaíba
Tipografia "Diário de Campinas"	Orosimbo Maia
Bierrenbach & Irmão	Club da Lavoura
Barão de Indaítuba	Colégio Culto à Ciência
Alfred Genoud	Soc. Portuguesa de Beneficência
Carolina Florence	Cia. Carris de Ferro
Fernando Arens	Banco Mercantil
Dr. Francisco da Costa Carvalho	etc.

Fonte: Antonio Benedicto de Castro Mendes. Casa Livro Azul. 1876-1946. Memorial comemorativo do 70º aniversario da sua fundação, 14 de novembro de 1876. Campinas: Casa Livro Azul, 1946. p. 21.

Nesta reprodução, a LIVRO AZUL dá a impressão de que logo nos primeiros anos já havia conquistado fregueses importantes na cidade, como a elite intelectual e comercial. Nesta relação de fregueses, destacamos uma aparente diversidade nas áreas de atuação profissional, pois vemos nomes de educadores, como Carolina Florence; do historiador Leopoldo Amaral; do político Campos Salles; de artistas como

Carlos Gomes e Elias Lobo, do Colégio Culto à Ciência e ainda nomes ligados a personalidades públicas, como Barão de Indaiatuba, Barão de Parnaíba, Orozimbo Maia, poetas e escritores como Francisco Quirino e ainda grandes empresas (Cia. Carris de Ferro, Sociedade Portuguesa de Beneficência, Bierrembach & Irmão, Banco Mercantil) e também outras tipografias, como as da *Gazeta e Diário de Campinas*. Trata-se da elite intelectual e econômica da cidade. São indivíduos, pessoas ou grupos a investir, incentivar, divulgar, acelerar e implementar o desenvolvimento e a modernidade de Campinas em conexão com o resto do país e do mundo, nas idéias, como nos jornais; nas artes e na literatura, com os poetas e escritores; na escolarização, com as escolas e professores; na política, com vereadores e governadores e nas finanças, com os bancos e as grandes empresas como a Carris de Ferro.

Assim é que o ramo da livraria, comercializando diferentes obras para atender a um público diverso, aproximando-se ou distanciando-se de autores locais do mesmo período, compõe, junto com os outros dois ramos da CASA LIVRO AZUL duas imagens fortes associadas à relação dos indivíduos com a cultura impressa daquele tempo; quando se olha para os produtos que a LIVRO AZUL comercializava ou para os livros que publicava: uma diretamente conectada com a Europa, pelo maquinário e produtos importados que vendia e com o mais significativo centro cultural (Rio de Janeiro), pelo que ele representava como sede da Corte no país; e outra, ligada à comunidade local, com seus interesses financeiros, sua identidade administrativa e política, e seu ambiente cultural.

8. Considerações finais

Os documentos pesquisados e a leitura das fontes recuperadas foram me levando, aos poucos, à crença de que a CASA LIVRO AZUL havia significado muito mais para Campinas do que se poderia supor inicialmente pelos depoimentos dos entrevistados. Aquele patrimônio resistira ao tempo, tendo desempenhado um papel importante e permanecido no imaginário das pessoas, conforme a leitura dos jornais da época e as análises e comentários de historiadores como Amaral Lapa e Leopoldo Amaral.

Pouco a pouco, a LIVRO AZUL foi-se transformando, para mim, em um espaço especial, permitindo múltiplos significados através de percursos comuns, de uma entrevista aqui, de uma leitura ali, de uma foto esmaecida encontrada num recorte de jornal. Ali se revelava um cenário, não visível a quem, despretensiosamente, entrasse na loja. Recuperá-la foi o desafio... Novos grupos sociais, visões de mundo diferentes, projetos políticos emergentes, ideais republicanos no Império decadente, sociedade urbana pretensamente moderna em meio a fazendeiros escravocratas. Tudo circulando e convivendo em meio a louças, livros e impressos.

A intimidade que fui adquirindo já me permitia perceber parte de uma cena de um período meio Império, meio República, que favorecia a constituição de um período favorável ao desenvolvimento da leitura, da escrita e da circulação de impressos, enfim, de um público leitor, ancorado pela abertura de novas escolas, de grêmios e associações literárias.

Ao lado da imprensa de publicação regular, diária e semanal, havia uma imprensa alternativa, das associações e clubes literários, como o dos alunos do Gymnasio, do LIVRO AZUL, os Almanques e outros como *A Mocidade*, *O Constitucional*, *Revista Contemporânea*, *O Discípulo* (dos alunos do Grupo Escolar), *A Campinéia* (literário e humanístico), etc., que, segundo LAPA (1996, p.179 -180), *reproduzem o cotidiano da cidade, abrigando a produção literária local, transmitindo notícias da corte e da capital da província*. Esta imprensa, ao lado das sociedades e agremiações literárias como o Gabinete de Leitura, com 2.500 volumes, pareciam indicar a existência de um público leitor bastante significativo. Um público, já no início do século passado, voltado para as ciências, a literatura e para as artes em geral, agregado a alguns centros irradiadores de cultura e conhecimento, como o Centro de Ciências Letras e Artes e o Instituto Agrônômico. No dizer de GALZERANI (1999, p.238), eram estes *contextos urbanos de leitura*, centros difusores de uma prática sócio cultural moderna – republicana ou não - ancorada na escrita.

Os jornais locais publicavam folhetins e propagandas políticas, anúncios comerciais e notícias da cidade. Foi neste cenário, aproveitando este desenvolvimento cultural, o crescimento da leitura e da escrita, que novas e importantes tipografias foram criadas e se desenvolveram, assim como a LIVRO AZUL, que se tornou também ponto de reunião e encontros, onde se falava de literatura e política.

Num esforço de compreensão deste espaço, percebi que a LIVRO AZUL, pelos livros que publicava e vendia, procurava atender a essas duas clientelas: a político-científica, que circulava em torno das escolas e dos centros de pesquisa, e a literária e

artística, que freqüentava as associações e grêmios culturais; pois, em grande parte, as publicações que predominavam eram de interesse político e local (publicações oficiais, almanaques, revistas científicas). Não encontrei, nos arquivos pesquisados, romances ou poesias dos grandes nomes da literatura brasileira ou estrangeira, mas sim de campineiros, como Francisco Quirino dos Santos, Benedicto Otávio ou Miguel Alves Feitosa. Ou de um estrangeiro desconhecido, como o padre português que por aqui passou.

Apesar da existência deste público leitor motivado pelas transformações urbanas, pelo crescimento demográfico e pela busca pelo progresso desencadeado pelas inovações tecnológicas, os livros para colégios que encontrei em alguns de seus anúncios não ficaram na memória dos entrevistados; o que permaneceu no imaginário de seus descendentes, nas recordações de suas netas, foram os objetos finos, as louças e as novidades de papelaria trazidas do estrangeiro:

A gente era menina e ficava encantada com a LIVRO AZUL. Por aqueles objetos de arte. Coisas mais lindas!. Quando apareceu a boneca que andava, na Europa, a primeira boneca que andava, meu avô trouxe. Lá na loja tinha. Eu comprei pra minha filha até.¹

Neste contexto de arte e cultura européias, mas numa cidade ainda agrícola movida essencialmente pelo dinheiro advindo das lavouras de café, destacaram-se, na LIVRO AZUL, os produtos da papelaria. Eram em sua maioria importados e vinham anunciados em letras garrafais, com muita insistência. Traziam em seu bojo as novidades modernas, os suportes e instrumentos de uma cultura escrita em crescente desenvolvimento

¹ Depoimento dado em 24/03/2003, por D. Margarida.

na cidade.

O surgimento das novas ocupações urbanas, comerciais e industriais, criava necessidades cada vez mais crescentes de objetos e materiais de escritório, como lápis, penas, tinteiros, borrachas, mata-borrão e cadernos comerciais de todo tipo. Assim, as propagandas da LIVRO AZUL incitavam, tanto o público masculino como o feminino, ao uso destes novos instrumentos, agora necessários e indispensáveis nas lojas e escritórios comerciais. Estimulavam o uso de cartões comerciais e de visita, a utilização de álbuns fotográficos, a compra de livros de luxo para presentes, a aquisição de tinteiros finos de cristal e de viagem. Ao mesmo tempo em que divulgavam as vantagens do uso diferenciado de papéis, apregoavam a venda de envelopes e de todo tipo de quinquilharia. Ou seja, a população passou a conviver com as novas necessidades da civilização, símbolos de modernidade, vindos ao encontro da nova sensibilidade de grupos sociais que buscavam a ilustração.

Na LIVRO AZUL, a tipografia foi sua primeira atividade, logo seguida pela encadernação, já que na cidade, além de máquinas de impressão isoladas, existiam somente os serviços gráficos da redação dos jornais *Gazeta e Diário de Campinas*. Castro Mendes sempre investiu nestes setores, adquirindo máquinas no estrangeiro, aperfeiçoando os serviços e seus produtos, crescendo e se desenvolvendo, aproveitando-se sempre das necessidades do público consumidor e do crescimento de Campinas.

Numa terra recém-saída da ordem escravocrata e colonialista, os tipógrafos, pela própria natureza de seu trabalho, surgiam como profissionais especializados,

diferenciados de outros elementos da sociedade. Ana Luiza Martins diz que para eles, *mais do que a arte de imprimir letras e criar o impresso, mais do que isso, o ofício era a porta de entrada para talentos literários que não dispunham de outra forma de acesso aos redutos literários. Machado de Assis ilustra esta citação, como tipógrafo da Imprensa Nacional, em 1857, aos 16 anos (2001, p. 178)*. Foi sua porta de entrada para a literatura. Assim também os encadernadores – artistas, mestres em sua profissão - sabiam preparar o livro de modo a torná-lo objeto de luxo, símbolo de ostentação e poder.

Nestes serviços de tipografia, predominavam os cartões de visita para o estabelecimento de relações sociais, tão em moda nos oitocentos. Da mesma forma, os livros em branco, necessários para atender ao comércio e à indústria nascentes. Parece ter sido criado um consumo ligado às diferentes especificidades das novas profissões – para o ensino, livro didático; para os empreiteiros, livro-ponto; para os contabilistas, livro-caixa; para os comerciantes, notas fiscais; para as senhoras, álbuns de fotografia. Neste novo mundo *escriturístico*, baseado não mais nos contratos orais, na *palavra dada*, a LIVRO AZUL se tornou um símbolo de modernidade, de novidade, em crescimento com a cidade. Permanece no imaginário da população até hoje, como pude constatar pelas matérias publicadas nos jornais locais, como uma loja cujos proprietários souberam olhar para o futuro, sempre prevendo melhorias e crescendo com suas máquinas e mercadorias.

Assim, a CASA LIVRO AZUL se configurou como um espaço aberto, que se organizava em torno da escrita, impressa e manuscrita. Agregava em torno de si políticos, intelectuais, homens do comércio, músicos, artistas, senhoras e colegiais, que buscavam encontrar ali os objetos necessários aos seus afazeres.

Sem preocupação em destacar ou contar os grandes problemas do país, nem em apontar a massa de excluídos do acesso ao ambiente cultural de então, os documentos que tivemos em mãos contam a história dos lugares e das pessoas que viveram um tempo: aquele em que à cidade se incorporaram cada vez mais as práticas burocráticas da escrita. E a CASA LIVRO AZUL, menos pelos livros que publicou ou comercializou, menos pela contribuição na formação de uma sociedade leitora dos clássicos, dos livros de literatura, configurou-se como um lugar de requinte e bom gosto, pelos objetos de arte que vendia, colecionava e expunha, pelos trabalhos de qualidade que produzia, pela modernidade que trazia no campo da tipografia e encadernação em uma cidade que deixava de ser apenas rural, para exportar chapéus, café, interligada pela Estrada de Ferro Mogiana, com seus *tickets*, mapas, embalagens, calendários. Uma cidade que concorria com os grandes centros, a oferecer aos novos comerciantes a possibilidade de compra local. Um lugar com características de um tempo moderno, rápido, eficiente, produtivo. Não por acaso, ali, na CASA LIVRO AZUL, Campinas teve pela primeira vez a luz elétrica, assistiu a fitas de cinema e possuiu máquinas movidas a vapor para a tipografia, o que deu à LIVRO AZUL uma imagem cosmopolita, porém enraizada em sua cidade.

9. Fontes e bibliografia

9.1. Fontes primárias

ALMANACH de Campinas Litterario e Estatístico 1892.

ALMANACH Histórico e Estatístico de Campinas, 1912.

ALMANACH Histórico e Estatístico de Campinas 1914.

AMARAL, Leopoldo (org.). **A cidade de Campinas em 1900**. Campinas, Typ. a vapor Casa Livro Azul, 1899.

AMARAL, Leopoldo (org.). **A cidade de Campinas 1901**. Castro Mendes & Irmão. Campinas: Typ. a vapor da Casa Livro Azul, 1899.

BARCELLOS, Henrique de.(org.). **Almanach do Correio de Campinas 1886**. Campinas: Typ. a vapor do Correio de Campinas, 1885.

CARDONA, Francisco, ROCHA, José.(orgs.). **Almanach de Campinas Litterario e Estatístico 1892**. Campinas: Typ. Cardona (imprensa a vapor), 1892.

CASA LIVRO AZUL. **Memorial comemorativo do 70º aniversário**. 1876-1946. C. de Castro Mendes. Campinas: Casa Livro Azul, 1946.

CIDADE DE CAMPINAS, 1901 a 1906.

CORREIO POPULAR, 1927 a 1946.

DIÁRIO DE CAMPINAS, 1875 a 1900.

FERREIRA, Carlos, SILVA, Hypolito. **Almanach Popular de Campinas 1879**. Campinas: Typ. da Gazeta de Campinas.

GAZETA DE CAMPINAS, 1869 a 1888.

LADEIRA, José M., OCTAVIO, Benedito. **Almanach de Campinas para 1908**. Campinas: Typ. e Stereotyp. da Casa Mascotte, 1908.

MARIANO, Julio. No giro do tempo: o dia a dia da cidade de há 30 anos no noticiário do Correio Popular. **Correio Popular**. Campinas, 14/11/1976.

MENDES, Antonio Benedicto de Castro. **Casa Livro Azul. 1876-1926**. Memorial comemorativo do cincoentenário da sua fundação, 14 de novembro de 1876. Campinas: Typ. a vapor Casa Livro Azul, 1926.

MENDES, Antonio Benedicto de Castro. **Casa Livro Azul. 1876-1936**. Memorial comemorativo do 60º aniversário da sua fundação, 14 de novembro de 1876. Campinas: Casa Livro Azul, 1936.

MENDES, Antonio Benedicto de Castro. **Casa Livro Azul. 1876-1946**. Memorial comemorativo do 70º aniversário da sua fundação, 14 de novembro de 1876. Campinas: Casa Livro Azul, 1946.

MENDES, Cleso de Castro. **Memorial Comemorativo do 75º aniversário de sua fundação**. Campinas: Casa Livro Azul, 1951.

MENDES, Cleso de Castro. A praça. **Correio Popular**. Campinas, 31/08/1955.

MENDES, Cleso de Castro. Casa Livro Azul: ao povo de Campinas. **Correio Popular**. Campinas, 30/03/1958.

MENDES, Cleso de Castro. Casa Livro Azul: ao povo de Campinas. **Diário do Povo**. Campinas, 01/04/1958.

MENDES, José de Castro. **Memorial comemorativo do 60º aniversário da Casa Livro Azul**. Campinas, 1936. (trecho manuscrito).

MENDES, José de Castro. Retratos da velha Campinas: Antonio Benedicto de Castro Mendes, fundador da Casa Livro Azul. **Correio Popular**. Campinas, 15/11/1951.

MONOGRAFIA HISTÓRICA DE CAMPINAS. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

PUPO, Benedito Barbosa. O “Clube Livro Azul” e Coelho Netto. **Correio Popular**. Campinas, 05/11/1974.

SILVA, Hypolito da (org.). **Almanach Popular para 1878**. Campinas: Typ. da Gazeta de Campinas, 1877.

VERZIGNASSE, Rogério. Tese vasculha história do teatro que reunia a Campinas requintada. **Correio Popular**, Campinas, 11/08/2003. Baú de Histórias.

9.2. Bibliografia

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3.ed. São Paulo: Scipione, 1993. (Série Pensamento e ação no magistério).

ABREU, Márcia. Contradições em torno do ato de ler. **Leitura: teoria & prática**, ano 17, n. 31, jun. 1998. Campinas, São Paulo: Associação de Leitura do Brasil, Mercado Aberto, p. 2-4.

ABREU, Márcia. A caça ao leitor. **Leitura: teoria & prática**, ano 18, n.34, dez 1999. Campinas, São Paulo: Associação de Leitura do Brasil, Mercado Aberto, p. 2-4.

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, ALB, FAPESP, 2003. (Coleção Histórias de leitura).

ALBUM HISTÓRICO ILUSTRATIVO E INFORMATIVO: Campinas ontem e hoje. 2.ed.,1996.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da vida privada no Brasil**: Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil, v. 2).

ALVISI, Lilian de Cássia. **Memória de vivências escolares em Poços de Caldas: Escola Profissional Dom Bosco (1946-1960)**. Campinas: UNICAMP, [s.n.], 2001.

AMARAL, Leopoldo (org.). **Almanaque A Cidade de Campinas para 1901**, Campinas: Typ. a vapor Livro Azul. Castro Mendes & Irmão Ltda., 1899.

BADARÓ, Ricardo. **Campinas, o despertar da modernidade**. Campinas: Área de Publicações/CMU/UNICAMP, 1996. (Coleção campiniana, 7).

BAENINGER, Rosana. **Espaço e tempo em Campinas**: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista. Campinas: CMU/UNICAMP, 1996. p. 32-33 (Coleção campiniana, 5).

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Campinas: uma visão histórica**. Campinas: Pontes, 1996.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (História &..reflexões).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 37, apud DELGADO, Márcia Cristina, **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.25.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com a literatura: memórias e histórias. IN: **Cad. CEDES**, v. 20, n. 50. Campinas: abr/2000.

BRAGANÇA, Aníbal. **Livraria Ideal**: do cordel à bibliofilia. Niterói: Edições Pasárgada, EdUFF, 1999.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 1 As artes de fazer. p. 259-273.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990 (Memória e Sociedade).

CHARTIER, Roger. Crítica textual e história cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVII. **Leitura**: teoria e prática, n. 30, ano 16, dez/97. Campinas: Mercado Aberto/ALB, p. 67-75.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Prismas).

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. IN: ARIÈS, Philippe, DUBY, Georges (Orgs.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, v.3, p. 113-162.

CHARTIER, Roger, ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. IN: LE GOFF, J., NORA, P. **História: novos objetos**, 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p.99-115.

COHEN, Yolande. História oral: uma metodologia, um modo de pensar, um modo de transformar as ciências sociais? **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo: Hucitec, ANPOCS, 1993. p. 266-281.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Mulheres e romances: uma intimidade radical. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 45, Campinas, jul/1998.

DARNTON, Robert. História da leitura. IN: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992. (Biblioteca básica).

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DEMARTINI, Zeila de Brito F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. IN: VON SIMSON, Olga de M. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. SP: Vértice, Revista dos Tribunais, 1988.

EISENSTEIN, Elizabeth L. **A revolução da cultura impressa**: os primórdios da Europa moderna. São Paulo: Ática, 1998. p.41.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da F.G.V., 1994, p.1-13.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. . **Literatura infanto-juvenil**: arte ou pedagogia moral. São Paulo: Cortez, 1983.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O almanaque, a locomotiva da cidade moderna**: Campinas, décadas de 1870 e 1880. Campinas: Unicamp, 1999. (tese de doutorado).

GRAFTON, Anthony. O leitor humanista. IN: CHARTIER, R. e CAVALLLO, G. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999, p. 5-39. v. 2.

GROTTA, Ellen C. B. **Processo de formação do leitor**: relato e análise de quatro histórias de vida. Campinas, S.P.: [s.n.], 2000. (dissertação de mestrado).

GUIMARÃES, Helio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis**: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX. Campinas, S.P.: [s.n], 2001. (tese de doutorado).

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: T.A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e prática docente. IN: **As faces da memória**. Campinas: UNICAMP, Centro de Memória, (s.d). (Coleção seminários, v. 2).

LACERDA, Lilian Maria de. Memórias de vida, histórias de escolarização e de leitoras. **Leitura: teoria e prática**. Campinas: ALB, ano 19, n. 35, jun/2000, p.69-87.

LACERDA, Lilian Maria de. **Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitoras**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (tese de doutorado).

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série temas, 58).

LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900**. São Paulo: EDUSP, 1996.

- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LE VEN, Michel; FARIA, Érika de; MOTTA, Miriam Hermeto de S. História oral de vida: o instante da entrevista. IN: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: UNICAMP, 1997.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza. **Gabinetes de leitura da Província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido (1847-1890)**. São Paulo: USP, 1990. (dissertação de mestrado).
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, EDUSP, FAPESP, 2001.
- MEIHY, José Carlos S.B. (org.) **Re-introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. (Série Eventos).
- MEIHY, José Carlos S.B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MELO, Orlinda Maria de Fátima Carrijo. **A invenção da cidade: leitura e leitores**. Campinas: [s.n], 2002. Tese (doutorado).
- MENDES, Antonio Benedicto de Castro. Casa Livro Azul: **Memorial Commemorativo do cinquentenario da sua fundação: 14 de novembro de 1876 – 14 de novembro de 1926**. Campinas: Typ. a vapor da Casa Livro Azul, 1926.
- MENDES, José de Castro. História de Campinas. **Correio Popular**, 1968, Suplemento.
- MORAIS, M. A. Câmara. **Leituras femininas no século XIX (1850-1900)**. Campinas: UNICAMP, [s.n], 1996. Tese.
- MOURA, Maria José de. **Uma memória: história de leitura de professores de 3ª e 5ª série da cidade de Teresina**. Campinas: UNICAMP, [s.n], 1994.
- NEVES, Alex Sandra Jane Andrade. **Imagens, escola e leitura: encontro marcado**. Campinas: Unicamp, 2002. p. 60-71. (tese de mestrado).
- NEVES, Margarida de Souza. Os jogos da memória. IN: MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998, p. 203-219.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: **Projeto História**,

n. 10, dez 1993. Número temático: História e Cultura. p. 7- 28.

NUNES, Clarice, CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPED**. Porto Alegre: ANPED, n. 5, set/1993, p. 7-64 (trabalho apresentado na 15ª reunião anual da ANPED, Caxambu, 1992).

PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

PASSOS, Ana Cristina B.M. **Mosaico de silêncios e falas: práticas e representações de leitura**. Rio de Janeiro: URJ, [s.n.], 1994.

PÁTEO, Maria Luisa de Freitas Duarte do. **Bandas de música e cotidiano urbano**. Campinas: UNICAMP, 1997. (dissertação de mestrado).

PETRUCCI, A. Ler por ler: um futuro para a leitura. IN: GUGLIELMO, C. e CHARTIER, R. (org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999, v. 2, p. 203-227. (Coleção Múltiplas Leituras).

PINTO, Ana Lúcia Guedes. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. Campinas: UNICAMP, [s.n.], 2000.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, n. 14, fev. 1997. (Número temático: Cultura e Representação). p. 7 – 39.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. São Paulo: Pontes, 1991.

QUEIROZ, Maria Isaura P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. IN: VON SIMSON, Olga de M. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

RENAULT, Delso. **O Rio antigo nos anúncios de jornais**. (1808 – 1850). Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. (Coleção documentos brasileiros, 137).

RIBEIRO, Arilda I. Miranda. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889**. Campinas: Centro de Memória – UNICAMP, 1996. (Coleção Campiniana, 4).

SEMEGHINI, Ulysses C. **Campinas (1860 a 1980): agricultura, industrialização e urbanização**. Campinas: UNICAMP, 1988, p. 7-110. (dissertação de mestrado).

STURZENEKER, Lílían Maria L. Memórias femininas como fonte de análise: entre vidas de leitoras. IN: VIDAL, Diana G. **A memória e a sombra: a escola brasileira entre o império e a república**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.59-71.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida. IN: **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo: Hucitec, ANPOCS, 1993, p. 9 – 19.

TORAL, André Amaral de. Entre retratos e cadáveres: a fotografia na Guerra do Paraguai. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, n.38, p.283-310. 1999.

VERÍSSIMO, José. A educação nacional. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 117-118. Apud MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras femininas no século XIX (1850-1900)**. Campinas: Unicamp, 1996.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de M.. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp. IN: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**. Campinas: Autores Associados, Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000. (Coleção memória da educação).

VON SIMSON, Olga Rodrigues de M.. Som e imagem na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. IN: **Pedagogia e imagem**.

ANEXO 1: AS ENTREVISTAS

D. ALICE p. 165

D. CÉLIA p. 169

D. CIDINHA p. 174

D. LÚCIA p. 178

D. MARGARIDA p. 182

D. MARILI p. 187

SR. BRÁULIO p. 191

D. Alice – Realizada em 04/04/2001

Eu penso que o gosto pela leitura depende muito dos pais que influenciam as crianças porque quando eu era menina eu me lembro, eu estou com 84 anos agora, quando eu era menina meus pais tinham muitos livros, eles incentivavam os filhos a lerem, também porque naquele tempo não tinha televisão, a gente não tinha rádio, havia bem menos distrações. A gente se dedicava muito mais à leitura, era como um passatempo mesmo.

Eu nasci em Campinas e sempre morei aqui. Nasci em 1917, agora este mês completei 84 anos. Papai sempre morou aqui, embora sempre tivesse chácaras, sítios, ele gostava muito do campo, mas a vida era na cidade.

Meu pai, quando eu era menina, era guarda-livros numa firma na Prefeitura, seção de Águas e Esgoto.

Meu pai lia muito, estudou e formou-se no Culto à Ciência, foi um dos melhores alunos. Naquele tempo, você sabe, Campinas não tinha curso superior. Papai queria muito ser engenheiro, mas como os pais dele não tinham posses suficientes para mandá-lo estudar fora, ele acabou arrumando emprego. Mais tarde nós mudamos um tempinho pra São Paulo, e lá ele trabalhou numa firma alemã, também como guarda-livros, acho que já nem existe mais esta firma.

Meu pai sempre leu muito. Ele guardava os livros num armário grande. Ele tinha livros muito bons.

Mamãe também gostava muito de ler. Ela trabalhava só em casa. Tocava muito bem piano. Os pais de mamãe, meus avós, tinham posses, eram alemães. Depois que meus pais se casaram, levaram vida normal, que todos casais levam.

Minha mãe também lia muito, inclusive livros em alemão. Eu não leio alemão, mas arranho alguma coisinha. Tinha muitas famílias alemãs aqui naquele tempo, era colônia alemã. Tinha o Clube Concórdia que eles frequentavam, formavam aquele núcleo de alemães.

Meu avô não veio propriamente como imigrante porque ele era arquiteto na Alemanha, veio fazer a vida aqui no Brasil porque a Europa naquele tempo estava numa situação muito difícil e aqui ele casou-se. Minha avó também era filha de alemães.

Esta tradição de leitura já vem de longe, do lado de pai e mãe.

Na minha casa eram seis filhos. Eu era a caçula. Minha mãe contava muitas histórias, porque naquele tempo não tinha televisão, rádio também não. Nossos passatempos eram a música e a leitura. Todos sabiam tocar um instrumento. Minha irmã tocava muito bem piano, meus irmãos tocavam violino. O passatempo era depois do jantar fazer música, ou ler.

Nós fazíamos às vezes uma leitura em família, ou minha mãe contava histórias.

Às vezes, hoje, eu conto histórias para os meus netos, mas as crianças de hoje são muito mais inquietas, elas não têm muita paciência pra ficar sentado. Os passatempos são outros agora.

Eu estudei na Escola Normal. Lá tinha o curso infantil, depois o intermediário e o curso Normal. Era escola pública. A Escola Carlos Gomes, a mesma que ainda está lá na praça, na rua Irmã Serafina.

Eu me lembro de diversas professoras, mas uma que eu gostei muito mesmo, que eu gostava mesmo, era D. Anália Costa Couto. Ela era muito paciente, muito dedicada. Foi a que mais me incentivou com leitura também. Ela pedia pra gente ler. Naquele tempo havia muita disciplina. Eu me lembro que a gente lia, ela fazia chamadas. Me lembro que quando a professora entrava na sala de aula era um silêncio... Todos ficavam em pé. A professora entrava, depois mandava a gente sentar. As aulas de leitura ela mandava ler e depois mandava interpretar a leitura. Ela mandava ler em voz alta e depois tinha que interpretar também. Acho isto tão importante, porque às vezes tem crianças que lêem sem prestar atenção, nem sabem o que leram. Assim com este método de interpretar, a pessoa é obrigada a prestar atenção e poder dizer o que aprendeu naquele trecho.

Nesta época eu lia os livros da escola mesmo. Tinha biblioteca, mas na primeira infância eu acho que não frequentava a biblioteca, não me lembro. Nas classes mais adiantadas a gente ia à biblioteca, pra consultar, conforme a lição. A gente tinha a sala de leitura, sentava lá, ficava consultando, mas não podia levar pra casa.

Eu fui alfabetizada na escola alemã, escola particular, do professor Carlos Zink. Foi a primeira escola que eu fui. Era a antiga escola alemã, naquele tempo era na Rua José de Alencar depois saiu de lá, foi pra outro lugar, não sei pra onde. Mas eu e meus irmãos fomos alfabetizados lá. Depois que eu passei pra Escola normal, quando já estava alfabetizada. O método do professor Carlos Zink era formidável. Ele fazia questão absoluta da letra, a gente não fazia nada escrito sem linha. Cadernos com linha. Ele fazia questão. Tanto é que as crianças antigamente tinham uma letra muito bonita. Foi um professor formidável, o professor Carlos Zink. Entrei para a escola alemã antes de 7 anos. Fui alfabetizada antes de 7 anos. Com 6 anos já estava na escola.

Com 7 anos passei pra escola normal, já alfabetizada.

Na escola alemã me lembro de umas historinhas engraçadas. Ele ensinava a letra R. de Raul. “O papagaio te conhece primo Raul?” Eu me lembro desta história do prof. Carlos Zink. Ele frisava muito as letras, a gente gravava o som. “Raul, ó Raul”.

Eu fazia um intercâmbio de leitura com as minhas amigas, uma trocava o livro com a outra. Elas compravam alguns também. Eu gostava de ler no meu quarto, sentada na cama, acomodava bem o corpo com o travesseiro. Gostava de ler à noite, principalmente. Deitava cedo, 7 horas, 7 e meia eu já ia para o meu quarto e ficava lendo.

Eu dormia com uma das minhas irmãs, e todos nós tínhamos mais ou menos os mesmos hábitos em casa. Todos gostavam muito de leitura.

Naquele tempo tinha 3 anos de primário, 3 anos de complementar e depois 3 anos de Normal. Eu terminei o completar e depois saí, pra casar.

Na escola eu lia os livros que eram indicados para o ano letivo, em casa eu lia romances. Li muito Dely, Henri Ardel, depois houve um tempo em que eu passei a gostar muito de aventuras, aqueles livros de Rafael Sabatini e uns outros que não me recordo mais. Depois fui evoluindo um pouco mais e passei a ler livros mais clássicos, como Eça de Queirós, Júlio Dantas. Eu gostava muito de ler poesias. Minha irmã também gostava demais de poesias. Então nós líamos muito as poesias de Olegário Mariano, Guilherme de Almeida. Eu não declamava poesias, apenas lia para o meu gosto.

Eu geralmente escolhia os livros que queria ler. Alguns livros eu comprava. Minha mãe deixava eu ler os romances, não controlava minha leitura. Deixava eu ler à vontade. Lá em casa não entravam livros assim duvidosos, a leitura era sempre saudável.

Todos liam bastante em casa, tanto meus pais quanto meus irmãos. Mamãe lia muito também.

Nunca li fotonovela, só livros mesmo. Depois quando eu casei nós continuamos com o hábito de ter bons livros em casa porque meu marido também gostava de ler. Os meninos liam muito. Meus filhos liam bastante. Meu maridocomprava sempre coleções muito boas. Até depois que eles se casaram. Meu marido comprou o Tesouro da Juventude, Readers Digest, Revista Geográfica. Nós transmitimos este gosto para nossos filhos também, porque eles lêem muito, todos eles. Os pais devem incentivar a leitura.

Eu e meu marido tínhamos gostos de leitura diferentes. Líamos quando tínhamos tempo. Conforme o tempo foi passando a vida foi ficando mais agitada, não era mais como antigamente quando não tinha televisão nem rádio e a gente tinha tempo pra ler à vontade.

Depois veio a televisão, o rádio e outras coisas, e a gente já não foi tendo tanto tempo pra ler. Mas sempre se lia muito.

Continuo lendo muito até hoje. Ultimamente tenho lido uns livros que meu filho traz. Ele lê, a minha nora lê e vão me passando os livros.

Teve um tempo que eu ia à Biblioteca municipal, mas agora deixei de ir lá porque os meninos sempre têm livros bons e eles me emprestam. Agora eu tenho preguiça de sair de casa.

Não leio assim em seguida, mas leio sempre. Já li todos estes aí. Também leio muito jornal. Gosto muito de ler jornais.

Veja nas prisões, aquele colosso de gente amontoada que nem bicho. Se em cada prisão tivesse uma biblioteca, que essas pessoas pudessem ler, passar o tempo, eles não sentiriam aquela solidão. Leitura é uma companhia. Eles se sentiriam outras pessoas. É verdade que muitos nem sabem ler e escrever, mas se tivesse um curso de alfabetização em cada prisão e uma biblioteca, acho que a vida seria bem melhor. Olha, se fizessem isto seria uma coisa tão humana, e não haveria estas revoltas. Eles ficam sem fazer nada, sem um passatempo. A leitura é uma companhia. E quem tem uma leitura boa não tem solidão. É uma viagem.

Depois que eu fiquei mocinha eu lia sempre o que gostava.

O professor de Português da escola complementar, Prof. Luís Arruda era muito bom. Ele indicava livros, indicava leituras.

Li os clássicos: José de Alencar, Machado de Assis. Eu também li muitos livros estrangeiros. Stephan.... Era um escritor austríaco, ele era de origem israelita. Ele fugiu da Alemanha no tempo da guerra e ficou morando em Petrópolis e lá ele suicidou-se. É uma história triste, mas ele escrevia livros maravilhosos. Eram romances muito bonitos.

Eça de Queirós eu sempre gostei muito, eram livros mais pesados, mas sempre gostei muito. Gosto ainda.

Agora faz um tempinho que eu não estou lendo, porque não estou com a vista muito boa. Eu tenho lido revistas. O último livro que eu li foi este do Eduardo Bueno. Eu leio muito rápido.

Hoje em dia eu comento minhas leituras com minhas noras. Quando era criança minhas amigas também liam e havia um intercâmbio grande entre nós. O passatempo nosso era a leitura. Fora isso só tinha os matinês nos clubes, do Tênis Clube, Cultura Artística... Não tinha outros passatempos.

Eu sempre acompanhei sempre o estudo dos meus filhos. Tinha hora certa durante o dia, hora de fazer lição, hora de ler. Eu ficava sempre junto. Eu fui uma mãe meio brava. Hora da lição era sagrada.

Eu tenho três filhos, todos homens. O mais velho, Roberto, é médico, depois tem o do meio, Mauro, que é agrônomo e o meu filho mais moço que faleceu há pouco tempo e que também era agrônomo, o Hermógenes.

Eles todos gostam muito de ler, acho que é de família. É como eu digo pra você, hoje em dia eu não sei se as crianças vão ter tempo de ler, porque tem muitos passatempos. Também a leitura precisa interessar, é preciso escolher os livros que eles gostem.

Depois que eu casei, logo tive o primeiro filho. Logo depois veio o segundo. Eu comecei a viajar muito tarde, em excursões. Não visitava bibliotecas, nem livrarias. Em Coimbra eu fui ver a Biblioteca. Linda!

Os filhos não nascem gostando de ler, a gente precisa incentivá-los. Mas tudo também é uma questão de época. Hoje é tanta correria, tanto atropelo, as pessoas não têm mais tempo pra sentar e ler. Precisa gostar muito e ter aquela vocação pra ler.

Meus melhores momentos de leitura foram na minha juventude. Eu gostava demais e também tinha tempo pra isso.

Pra mim, D.Anália foi uma revelação na escola. O professor precisa ter dom. É uma coisa tão importante a função de professora, porque elas é que incentivam a criança a estudar. Os pais em casa também, mas a professora é muito importante. Esta professora D. Anália Costa Couto foi uma professora que me ajudou muito, era uma pessoa muito carinhosa. Uma professora ríspida, o aluno já fica com medo e não quer nem ir pra escola. Se todos os professores fossem como ela, os alunos gostariam bem mais da escola.

Naquele tempo o aluno respeitava muito o professor. Os professores eram respeitados. Em casa os pais incentivavam também. Na minha casa, para os meus pais, o professor tinha que ser tratado com todo o respeito. Hoje em dia não. Pelo que eu escuto contar das escolas hoje, os alunos não respeitam os professores. Torna a profissão mais difícil e o aprendizado também.

D. Célia (Realizada em 25/05/2001)

Nasci em Campinas, sou campineira. Meus pais eram também. Meu pai era de Jundiaí, mas sempre morou em Campinas, meus avós eram campineiros, meus bisavós também. Campineira desde o começo. Eu morei em vários pontos da cidade: no Jardim Proença, eu morei muitos anos e agora eu estou por algum tempo, enquanto eu me restabeleço, estou na casa de minha filha, aqui na Nova Campinas, mas eu morei em vários pontos da cidade. O último onde morei 20 e tantos anos foi um apartamentinho na rua Conceição, bem central, perto do Correio antigo, porque lá agora ficou apenas a parte comercial e de contabilidade, a redação foi lá para a Vila Industrial.

Eu nasci em 1917, quer dizer que agora em setembro, eu sou de 19 de setembro, eu faço 84 anos. Meu pai se chamava Pedro Estevão de Siqueira, ele era bancário, foi gerente do Banco Commercio e Industria de São Paulo, mas aqui em Campinas. Minha mãe era Izilda Moraes Siqueira, era uma senhora do século XIX, com todos os aspectos, todas as virtudes e as características todas do século XIX. Éramos oito, eu sou a mais velha, os sete abaixo de mim já morreram. Eu tinha um irmão que era médico, dois engenheiros, um advogado, tinha um que era homem de indústrias, morreram todos. O último deles a morrer foi um médico que morreu em 1999.

Eles todos tinham curso superior, mas eu não. O que eu tenho é um concurso de Inglês, porque eu sempre me especializei em Inglês, então eu fiz o concurso de Inglês em 1949, passei e peguei a cadeira por concurso. Lecionei 41 anos, no magistério público, magistério oficial do Estado. Eu lecionei primeiro em algumas escolas particulares, por exemplo Colégio Cesário Mota, Bento Quirino, e depois eu peguei a Escola Normal, a antiga. Mas onde lecionei mais tempo foi o Culto à Ciência, que eu ensinei lá no Clássico e Científico e depois eu lecionei na Escola Normal que atualmente é a Carlos Gomes.

A minha infância foi a mais feliz possível, no meio de uma porção de irmãos, casa grande, quintal grande, jardim grande, aquelas coisas antigas que não se vêem mais. Agora é tudo apartamento, raro é encontrar uma casa que tenha pátio grande, quintal grande, sala, árvores, agora é diferente, não tem mais aquilo tudo.

Desde o início de minha vida eu tive uma paixão por livros, eram tempos que não havia televisão e o rádio roncava, não se escutava nada, então eu ainda tive empregadas que contavam histórias, aquilo desperta, a família também lia bastante. Eu tinha uma empregada, uma tal de Nhá Benedita que contava muita coisa e depois até morreu, era uma preta velha que ajudava na cozinha e eu gostava muito de ler, então eu passava em livraria, como por exemplo a Casa Genu, que fica bem no Centro de Campinas e eu comecei lendo Aguinaldo de Oliveira, se eu não me engano, era um autor bem antigo e Tales de Andrade. Eu gostava muito de ler aqueles livrinhos. Eram livrinhos de histórias infantis, ilustradas e lia também os Irmãos Grimm, que a gente lia desde pequeno. Alguns destes livros eu conservei, outros eu dei para os filhos, para os netos. Aqui comigo eu não tenho nada. Quando eu fiquei doente, eu fechei o apartamentinho que eu morava e fui morar com um filho. Acontece que era muito longe a casa dele e não dava pra ele me levar pra trabalhar, então eu passei a morar aqui com minha filha. Estou há alguns meses aqui, até ficar bem forte. Minhas coisas ficaram com um filho, por isto é que eu digo que estou sem material quase.

Eu tenho muitos livros antigos, alguns eram editados até em Portugal, por exemplo, os Irmãos Grimm era de Portugal e eu li muito Monteiro Lobato que estava surgindo. Na minha infância não tinha Monteiro Lobato, ele é posterior. Li também uma coleção que hoje não vejo mais, era uma coleção de 20 volumes grandes, O Tesouro da Juventude, muito bom. O Tesouro da Juventude ajudou bastante a gente, acho que foi dali que me despertou o interesse maior pela leitura.

A primeira escola em que eu estive foi no Colégio Coração de Jesus, eu fiz lá o Jardim da Infância. Depois, estudei no grupo escolar anexo ao atual Colégio Carlos Gomes. Quando ingressei no Coração de Jesus eu já estava semi-alfabetizada. Eu lia no quintal em qualquer lugar da casa. Tinha o escritório do meu pai, mas a gente não ia lá, eu lia em qualquer lugar, não tinha um banco especial, nenhuma árvore especial. Eu lia onde estava, lia muito. Não tinha hora marcada, lia muito, em qualquer horário, quando dava vontade, lia muito. Meus irmãos também liam bastante. Eu tinha um irmão que foi da faculdade, foi até reitor da PUC por uns tempos, professor

de direito, Hélio Moraes Siqueira. Todos eles eram ilustrados, tive um irmão chamado Dirceu que era aviador, trabalhou na FAB, depois morreu, mas não de desastre, ele morreu do coração.

Eu acho que nasci gostando de ler porque mamãe incentivou bastante os estudos, as boas maneiras, frequentar a Escola, mas não a leitura especialmente, eu é que tinha mania de ler. Eu vivia lendo. Os almanques que havia também, o Almanaque Nossa Senhora Aparecida, Almanaque que saíam de propaganda, eu estava sempre lendo e isto me valeu na vida, sabe? Porque ficou muita coisa, sempre a gente recorre àqueles tempos. Sempre eu procuro ver estas coisas antigas. Mais tarde eu comecei a ler mesmo como devia, mas sempre sem muita ordem, sem muito nexo, mas fui lendo, lendo, o que caía nas mãos. Na Escola, na década de 30, o meu professor de Português já incentivava a leitura e a interpretação de textos e apresentação de resumo, já naquele tempo. E foi assim que eu li O Guarani, depois outras obras de José de Alencar. Este professor incentivava muito bem. Era o professor Luís de Arruda, naturalmente já falecido, ele já era velho naquele tempo.

Eu comprava livros, eu ganhava, por exemplo, no Natal todo mundo ganhava coisas diferentes, pra mim era sempre livros. Todos já conheciam a minha mania. Eu guardava meus livros numa estante no escritório de meu pai, a parte de baixo ficou pra mim, porque eu era pequeninha, e ali eu colocava os meus livros. Eu lia bastante. Eu não frequentava qualquer biblioteca pública. Não me lembro jamais de Ter ido. Eram livros que eu arranjava mesmo emprestado de colegas, eu trocava com as amigas. E foi assim que eu fiquei leitora. Gosto de autores nossos. Mas depois, como eu me especializei em Inglês, eu comecei a ler bastantes autores ingleses, americanos, canadenses. E assim fui tocando minha vidinha. Muito modesta, pode crer. Tanto que não havia faculdade naquele tempo. As faculdades aqui são recentes. Então eu não tenho curso superior, mas eu estudei bastante e consegui me formar com os livros. Tive um professor de Inglês também um velho chamado William Coller, já falecido. Ele me ajudou bastante no estudo de Inglês. Ele também despertou um interesse em mim por autores ingleses e americanos.

Eu continuo lendo bastante, não posso passar sem ler. É um vício, como quem lê jornal. A gente lia muito jornal também. Desde pequena eu me lembro do meu pai assinar o Estadão. E eu lia. Havia também um jornal que desapareceu: o Correio Paulistano. Sempre li jornal, e depois me interessei pela imprensa. Eu gostava daquilo tudo. Só que naquele tempo não era coisa pra mulher. Jornalismo não havia, eu sou uma das mais antigas de Campinas, assim de frequentar redação. Eu ingressei no jornalismo porque eu tive um aluno, Carlos Tontoli, que foi meu aluno no Colégio Cesário Mota e que era jornalista do Correio e um dos redatores chefes do Correio também foi um meu contemporâneo de escola, o Luís Horta Lisboa, então foi por aí que eu comecei a trabalhar em jornal. Outro que me incentivou bastante foi o professor Norberto de Sousa Pinto, ele era professor de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal, então ele foi até o fundador da ACI (Associação Campineira de Imprensa), e ele me incentivou bastante. Eu entrei na imprensa naturalmente.

Eu comecei a escrever toda quarta-feira, redigindo um tipo de crônica, de artigo. Depois eles me deram a coluna de Educação, que eu fiz durante muitos anos. Depois eu passei a escrever O Mundo da Criança, que era uma página infantil. Depois..., ah, depois trabalhei num suplemento, O Domingo Mulher, que eu ajudava a fazer, do Correio também. Sempre no Correio. Este Suplemento durou uns dez anos mais ou menos. E depois eu passei para a redação e agora eu faço crônicas. Crônica é uma coisa leve, que não cansa tanto. Eu fiz muita reportagem também. Muita reportagem. Mas a reportagem é cansativa, porque você tem que sair, tem que entrar em contato com as pessoas, tem que ir a lugares demorados, lugares em que a pessoa custa a atender. Eu ia muito à Unicamp, logo no começo da Unicamp.

A minha vida é muito simples. Não tenho muita coisa pra contar.

Eu fui alfabetizada no tempo do a e i o u, nem me lembro da primeira cartilha nem do primeiro livro. Lembro da minha professora, D. Nália da Costa Couto, que era uma pessoa muito simpática, uma senhora já, muito inteligente, eu me dava muito com ela, gostava muito dela, eu era boa aluna e tinha cartaz, como se diz. Ela me incentivou bastante, tão antiga, ela já faleceu há muitos anos, foi uma educadora. Uma grande professora.

Da escola primária eu me lembro da camaradagem das colegas, das brincadeiras no pátio, quando a gente jogava amarelinha, brincava de caracol, brincava de pega e tenho lembrança poética das andorinhas de Campinas. Me lembro bem do mercadinho das andorinhas, da Casa das Andorinhas que tinha sido o mercado antigo, era o mercadinho de Campinas. Era uma casa de tijolos vermelhos, em frente à Escola Normal. Era em frente onde atualmente existe o Largo das Andorinhas, aliás o nome foi dado por causa delas. Eles há uns 20 anos mais ou menos, ou mais, derrubaram ali, as andorinhas foram embora, abriram aquele largo e acho que foi no bicentenário da cidade em 1974 é que foi inaugurada aquela estátua que representa a Princesa d'Oeste, que é Campinas. Não sei se você notou que ela tem o coração aberto, indicando que ela acolhe bem os que vêm de outras cidades. Havia um repuxo, um espelho de água, de onde ela saía. Agora tiraram este repuxo, é pena, porque perdeu um pouco da majestade e da beleza que tinha. Perto, em frente à estátua, um pouco à direita de quem olha, havia um monumento, Andorinhas de Campinas, feito por Lélío Coluccini. Tiraram dali e colocaram em frente à Biblioteca Pública Municipal, um lugar escondido, que ninguém vê. E as andorinhas eram uma festa. Quando a gente chegava via aquele bando de andorinhas, e outras vezes na saída da escola. Você sabe que elas interessaram muito a Rui Barbosa, ele escreveu uma página imortal, As Andorinhas de Campinas. Página maravilhosa.

Tudo isto é vida.

Acho que a leitura ajuda muito, consola, distrai, educa, instrui, é uma coisa maravilhosa. Adoro manusear livros; eu tenho bastantes. Tinha uma biblioteca muito boa, muito grande. Não formada por coleções. Quando eu ganhava uma coleção eu normalmente dava pros filhos, porque é tudo bonitinho, arrumadinho. Eu tinha a coleção de Gilberto Freire e tinha também uma outra, acho que era de um historiador, acho que era De Calmon, que eu dei para os filhos. Eu comprava muita brochura, mas escolhidas. Eu só escolhia aquilo que era útil para a minha formação, pra estudo. Coleções eram muito massudas. Meus netos e filhos estão aproveitando. Por exemplo, Casa Grande e Senzala, todo mundo leu aquilo, eu tenho as brochuras, que eu uso, que eu anoto, e dei a coleção toda de Gilberto Freire pra eles.

Casei-me em 1936, formei-me em 1935. Meu marido era professor também, professor de línguas, de Francês e Inglês. Foi professor na própria escola normal. Ele lecionava a cadeira de Francês e eu a de Inglês. Trabalhávamos no mesmo período. Ele trabalhou também no colégio Vítor Meireles. Lá ele lecionava Inglês. Eu tenho cinco filhos, nenhum professor, graças a Deus. Professor, pode crer, igualava-se ao juiz, tinha status, tinha uma porção de garantias e vantagens: não pagava Imposto de Renda. E hoje o professor, pelo menos algumas colegas com quem me dou mais, que têm mais de 80 anos, todas estão numa situação precária, porque a remuneração é mínima. Ganha-se menos do que qualquer doméstica. Depois de 41 anos de trabalho. Com isto não me conformo. A bibliotecária tem uma condição talvez melhor, agora nós, professoras, não temos. A gente se desgasta muito. Quando eu fiz concurso não tinha cadeira em Campinas, então eu escolhi a cidade mais próxima que era Itapira e a estrada era de terra, então eu ia de jardineira. Jardineira porque a Mogiana era muito sossegada, não chegava lá, ia de jardineira. Como eu tive cinco filhos, sempre o menor ia comigo, eu deixava nas missionárias, que era um pensionato que havia em Itapira. Enquanto eu lecionava as freiras tomavam conta da criança, as maiores um pouco eu deixava com minha mãe, só a menorzinha eu levava comigo.

Esta minha filha é a mais velha, é professora de Inglês também, mas como ela é de uma geração mais moderna, ela estudou na PUC e prestou concurso também e lecionou no Aníbal de Freitas, muitos anos.

Eu acho que meus filhos herdaram um pouco do meu gosto pela leitura. Eu tenho a Lucinha que é professora aposentada e lê muito, o segundo é homem de empresas, não lê tanto. Tenho um outro que é geólogo, tem uma formação mais primorosa, esse intelectualmente é que está mais à frente, é formado pela USP, morava em São Paulo, mas já está aposentado também. Faz uns 5 ou 6 anos mais ou menos que está trabalhando no Nordeste, como geólogo, aposentou-se em São Paulo e foi para o Nordeste. Outro é bancário, aposentado também do Banco do Brasil. E a menor é professora, sua colega, está em ação e trabalha como professora primária de primeiro grau. Ela trabalha numa escola municipal em Sousas, não me recordo o nome. Ela diz que a escola é muito boa, que o nível dos alunos é muito bom.

Então é isto, não tenho o que contar.

Não frequentava muito cinema, teatro. Não tinha tempo e não gostava, como não gosto. Gostaria de ter ido mais, de ter tido mais contato. Eu frequento muito o Centro de Ciências Letras e Artes.

Eu gosto de tantos autores! Gosto demais de Gilberto Freire. Ele tem aquele estilo agradável, fluente, o conhecimento que ele passa é fantástico. Não tenho assim nenhum escritor especial. Entre os ingleses eu gosto de Shakespearare. As tragédias, comédias, peças históricas, são admiráveis. Atualmente estou relendo King Lear, o Rei Lear, porque aquilo é eterno. A gente estuda uma vez, estuda a segunda, a terceira, e está sempre relendo, achando alguma coisa nova, um termo antigo, eu assinalo, estudo, mas eu gosto dos nossos cronistas modernos. Leio muito jornal também, revista não tanto, porque acho que a revista se perde em gravuras e frivolidades, muita coisa não dá pra você aproveitar. Eu gosto de críticos como Agripino Grieco, que é muito venenoso, mas que é bom.

Poetas como Guilherme de Almeida, que é eterno, embora digam que ele está superado eu gosto dele, Carlos Drummond de Andrade. Eu leio e gosto de poesia, quando a gente é bastante jovem, adolescente, sempre escreve umas bobagens de poesia que depois a gente abomina, mas eu gosto muito dos bons poetas, porque o mau poeta é um castigo.

Gosto muito de historiadores também. Gosto de História e escrevo muita coisa sobre História. Eu estava procurando um livro antigo meu, que era Festas e Tradições do Brasil Antigo, de Melo Moraes Filho, um livro grosso que estava meio despedaçado. Não sei por onde anda, estou precisando dele. Porque a gente não pode guardar tudo de memória, você tem que ter um apoio. Gosto muito de folclore. Ah, como gosto! Folclore é uma fonte de brasilidade, é muito interessante!

Eu gosto bastante de folclore.

Como você vê, minha vida é simples de dona de casa.

Está muito difícil trabalhar sem minha biblioteca. Lá no Correio tem muito pouca coisa. Eles estão formando uma biblioteca agora, o que tem mais é o Arquivo de jornal. Estou me virando, vou sempre que posso à casa do filho, mas é longe, lá no Jardim Primavera. Eu trouxe alguns livros comigo, alguns mais necessários eu trouxe, por exemplo, A Monografia Histórica de Campinas, você deve conhecer. Este eu gosto muito. Leopoldo Amaral. Rafael Duarte. São historiadores de Campinas. Alguns eu nem lembro o nome do autor. Eu escrevo mais de memória. Já tive uma memória muito boa, desde que fiquei doente já não sou a mesma.

Ouçá o som do carrilhão! Carrilhão é uma coisa linda, não? Eu gosto muito de coisas antigas. Você deve ter notado a quantidade de tachos e peças antigas que tem aqui. A minha filha também gosta muito. Numa época em que a gente ia muito a Minas, numa fazenda do meu irmão já falecido, a gente ia muito lá, eu e minha filha comprávamos coisas que muitas vezes estavam enterradas no fundo do quintal, estavam jogados. Aqueles tachos estavam cheios de terra. Muitas destas peças são de lá. É por isto que eu tenho esta raiz com a terra, meu avô era fazendeiro, daqueles antigos. Meu avô era daqui perto de Campinas, fazenda Sete Quedas. Estas peças fazem lembrar muitas coisas. É Por isto que gosto tanto delas, têm um lado afetivo, esta história social, ligada a esta parte afetiva. É disto que gosto. Por exemplo, aquela peça ali de madeira, bonita, é linda e muito antiga! Aqui tem coisas que foram de minha mãe e de minha avó, bem antigas. Durante muito tempo nós passávamos as férias nesta fazenda, perto de Araxá, um lugar chamado Ibiti Mirim. Pena que ele faleceu e daí nunca mais tive coragem de ir lá. De Minas há um autor pouco conhecido chamado Agripa Vasconcelos, ele deixou uma coleção maravilhosa, ele escreveu Dona Beja, escreveu acho que 6 livros, eu tinha os 6, mas agora não consigo achar. Fiquei só com Fome e Canaã, que era o mais recente. Ele era um médico, tinha uma experiência muito grande, escreveu coisas lindas. Eu mudei muito depressa e minhas coisas ficaram lá, na casa do meu filho. Ele mora numa chácara, e eu deixei meus livros num quarto grande que ele tem lá. Mas eu vou achar estes livros ainda. Quando posso, no fim de semana, vou lá. Eu tinha muitos livros também sobre a Revolução de 32. Tinha vários livros, tinha um muito bom de Menotti del Picchia, tinha os poemas de Guilherme de Almeida sobre a Revolução de 32, mas eu preciso ir passar um tempo lá na casa do meu filho pra poder localizá-los.

Ainda leio Monteiro Lobato até hoje, porque Lobato não escreveu só para crianças. Urupês é o melhor deles. Tem também aquele de Conferências e Palestras. Este ritmo de trabalho que eu estou levando está um pouco penoso, porque antes eu ia de ônibus, agora tenho que ir de carro, por causa da minha doença. Eu apronto alguma coisa antes, pra ir menos vezes lá. Eu já tenho um esquema na cabeça. Agora tudo é em computador. Tenho que trabalhar com computador. E isto é a mesma coisa que dar um boeing pra quem guia um teco-teco. Tive que aprender. Aprendi sozinha, de olhar os outros fazendo.

Quando eu leio não rabisco, nem escrevo no livro. Só quando o livro é mais complicado. Normalmente vou lendo e tirando minhas conclusões, tirando a essência. A gente não pode ser muito teórico, muito metódico, tem que apelar também para os sentimentos. Mesmo Jorge Amado, não vou criticá-lo porque ele é um grande romancista, mas tem coisas muito chatas. Li muito M. Dely, eram romances água com açúcar, mas muito bons. Tinha também o Henri Hardel, livros traduzidos do francês, estavam na moda, todo mundo lia.

Tem um sebo muito bom que eu frequentava quando estava boa, o Allan Kardec. Ali tem um sebo, acho que de livros que eles ganham e revendem, quase de graça, baratinho.

Não se escreveu ainda um livro bom sobre a História de Campinas para crianças. Um bom trabalho a ser feito. O Amaral Lapa foi um historiador excelente, boa pessoa, ninguém esperava que ninguém morresse tão cedo.

Eu tenho 52 anos de jornal. A escola acabou. O governo nos mandou embora. Para dar lugar para os moços.

Meu nome é Maria Aparecida, moro na Rua Francisco Alves, 60. Nasci em Campinas, mãe campineira. Papai nasceu em Monte Mor, mas a família dele era de Valinhos. Naquela época Valinhos pertencia a Campinas. Na época em que a minha avó nasceu era um bairro rural, agora é que se tornou município, como Jaguariúna, Holambra. Meu pai era comerciante, minha mãe, do lar.

Nós éramos em sete irmãos, depois morreu um menino, nós ficamos em seis: quatro mulheres e dois homens. O mais velho e o mais novo. Ana Maria e Maria Inês têm curso superior, fizeram faculdade, meus dois irmãos não, e nem eu. Eu fiquei só com o magistério, como professora primária. Porque eu queria fazer medicina, mas meu pai não deixou e eu perdi todo o estímulo para estudar. Porque naquela época só havia escola de medicina no Rio de Janeiro e São Paulo. E a de Curitiba não era bem aceita. Todos os médicos que se formavam em Curitiba não tinham muito prestígio e papai achou que era um absurdo eu ir morar sozinha em São Paulo ou no Rio. Então, como naquela época a gente não dizia não, então ele falou:

- Olha, minha filha, acho muito melhor para você fazer o magistério, para poder casar, cuidar da sua casa, dos seus filhos e trabalhar, ter a sua independência. Depois do curso Normal, você vai pra faculdade e você faz ou Geografia, História, Matemática, Português...

Medicina, nem pensar. Mas aí depois que eu me formei, eu perdi todo o estímulo. Desanimei. Falei: ah, não vou! Era uma vontade muito grande fazer medicina, mas depois que eu me formei como professora eu me apaixonei pela profissão e sempre fui muito dedicada aos meus alunos. Não posso nem dizer que eu fiquei frustrada porque eu não cuidava de doença, mas eu cuidei de tanta coisa! Formação das crianças, de uma certa maneira, orientação na saúde, na higiene... Então, isto foi completando minha vida. A medicina acabou não fazendo falta.

Até 6 anos, antes de ir para o Jardim de Infância, minha vida era maravilhosa. A gente brincava de barraboi, pulava corda, brincava de mocinho e bandido, na calçada. Era na rua Luzitana. Eu tinha boas amigas, era só criança, ficava aquela roda enorme. Eu tive uma infância muito boa. Mas não tenho nenhuma recordação de leitura desta época.

Aos 6 anos fui fazer o Jardim de Infância no Colégio Ave Maria, a duas quadras da minha casa. Mesmo durante todo o curso primário eu só lia poucos livros, a gente lia as lições, algum conto, alguma coisa. Não era como a gente tem hoje, este monte de livros. Existia o Monteiro Lobato, mas era proibido pela Igreja Católica e pelo meu colégio. Papai e mamãe eram muito católicos, então eu não podia ler estes livros, porque os animais falavam! Imagina os animais irracionais terem o dom da palavra e do raciocínio, o uso da inteligência como os homens. Monteiro Lobato foi então mesmo proscrito. Lá no meu colégio, onde todas as famílias eram católicas e praticantes, era proibido ler Monteiro Lobato.

Só fui começar a ler livros mesmo lá por volta da adolescência. Por causa da mamãe. Mamãe lia muito, muito. E eu comecei a ler M. Dely. Água com açúcar, mas pra mim, adolescente, era maravilhoso. E mamãe gostava muito de leitura, lia demais, mas a mãe dela não gostava que mamãe lesse. Ela dizia que a dona de casa, a mulher casada, não podia ler romance porque ficava com “minhoca na cabeça”. Ela era italiana, então, a gente entende a restrição porque ela estava querendo fazer com mamãe do jeito como ela foi criada. A mulher naquela época estava muito oprimida. Mas mamãe não atendeu, já era casada, tinha filhos, ela não atendeu, ela lia mesmo. Ela só lia pra ela, não reunia os filhos para uma leitura familiar.

No curso primário, de 8 até uns 10, 11 anos, o que a gente lia dentro da escola era o livro de leitura, que tinha muitas histórias e o livro História Sagrada, porque não tinha a Bíblia. Era uma cópia da Bíblia, só que bem fácil pra gente entender. Eu li a coleção toda de M Dely, depois, quando mais adulta, li todos os livros de Cronin porque eu adoro ler, tenho mania de ler, quando acontecia de um escritor ficar em evidência, eu lia toda a coleção dele, lia tudo. Eu lia em casa, antes de dormir, às vezes, sábado à tarde, se eu não tivesse lugar nenhum pra ir domingo à tarde, se não tivesse matine dançante. Havia saraus à noite. Era assim: a gente ia pro cinema, aquela turma de moças, a gente ia a pé, nós morávamos no centro, não tinha perigo de nada. Íamos muitíssimo

bem vestidas, porque a minha juventude foi muito requintada, a gente não saía de casa com qualquer roupa, era muito chique. No inverno a gente ia ao cinema com casaco de pele. E depois do cinema, nós subíamos, se era o cine Voga, se fosse o Rinqe, a gente descia a Barão de Jaguará, a gente ia pro Clube Cultura, na General Osório com Barão de Jaguará, ali era o clube, naquele sobradão antigo. Nós passávamos e dávamos uma olhada, se por acaso tinha um paquera, que naquele tempo era flêrte, a gente ficava, dançava um pouquinho. Se não tivesse ninguém, nós subíamos e íamos pro Concórdia, na rua Moraes Salles, lá em cima. Geralmente estavam ali. Podíamos andar completamente sozinhas, das 9 à meia-noite. Era o sarau. Éramos todas amigas, uma morava perto da outra. Depois meu irmão ia buscar e deixava cada uma em sua casa, tudo a pé. O Tênis Clube só fazia dois bailes durante o ano, o baile Tropical e o baile da Primavera, onde era coroada a rainha. No Carnaval eles faziam 3 noites, depois quando foi reformado, passaram a fazer 4 bailes. Eu ia muito ao teatro, ao cinema. Nosso teatro era maravilhoso. No teatro recebiam também psicólogos, que iam fazer palestras, a psicologia estava florescendo, ou então médicos, havia também exposições de pintura no saguão do teatro, a gente também ia sempre.

Eu comprava ou emprestava os livros que lia, ia também à Biblioteca, porque no Teatro Municipal, na parte de cima, tinha a Biblioteca Municipal. Você ficava sócia, tinha o seu cartão e muitos livros eu tirei de lá, outros eu comprei, ou emprestei das amigas. No intervalo do curso Normal, de uma aula pra outra, eu ia à Biblioteca da Escola, e lá eu lia também. Lá não podia emprestar livros, lá tinha o salão de leitura e você lia lá mesmo. Eu li muito Machado de Assis, de adolescente pra adulta. Quando criança, só líamos o livro de leitura com muitas histórias, cada ano era um. Não tinha tantos livros como tem hoje, eu tenho aí várias coleções que eu comprei para os meus filhos e netos, mas no meu tempo não tinha não. Eu não me lembro.

Minha primeira professora foi irmã Evangelista. Ela era pequenininha, baixinha, moreninha e gordinha. Ela era um encanto, maravilhosa. Eu gostava demais dela. Eu lembro dela, lembro também da minha do 2º ano primário e a do quarto ano. Como irmã Evangelista sabia lidar com as crianças pequenas! Eu já aprendia as primeiras letras, a gente não fazia o pré. Do Jardim de Infância já passava pra 1ª série. A irmã do 4º ano, D. Benvenida, foi a de quem mais gostei. Eu a achava linda de morrer! Era alta, morena, tinha os traços muito bonitos! Quando ela ficou mais idosa ela foi pra casa de repouso Betânia, que era uma casa de repouso para as Irmãs Franciscanas quando ficavam idosas. Um dia conversei com ela, depois de muitos anos, mas já faz uns 10 que ela faleceu.

As aulas de leitura eram assim: cada aluna lia um trecho do texto. Você tinha que saber exatamente onde a outra parou, pra continuar dali, se não, perdia um ponto. E a professora ia corrigindo a leitura, a pontuação, a pronúncia. Depois nós fazíamos composição e descrição. Na descrição você descrevia um objeto, um lugar, uma paisagem e na composição, você compunha. Tinha uma gravura, quadros grandes num cavalete, cada aula de Linguagem, ela colocava a gravura quando era pra descrever e quando era composição a professora dava um tema que a gente desenvolvia.

Na minha época no Colégio Ave Maria não tinha biblioteca, hoje deve ter, porque é muito importante uma biblioteca numa escola. Na minha época não tinha o hábito de consultar livros, não tinha pesquisa. As professoras escreviam na lousa o ponto, a gente copiava; conforme elas iam escrevendo, elas iam explicando.

Fiquei no Ave Maria de 6 até 10 anos. Com 11 anos eu prestei admissão e entrei no Colégio Cesário Mota, que era no Cambuí, onde hoje é o Centro de Convivência, naquela praça. Um colégio grande. Fiz o ginásio ali. Depois prestei um exame para ingressar na Escola Normal. No ginásio, no Cesário Mota também não tinha biblioteca. Lembro do Seu Zico, que era professor de desenho, lembro do seu Adauto, professor de Matemática, lembro da D. Otília, professora de ginástica. As aulas de leitura eram iguais às do primário. Os professores adotavam livros, nos textos a gente fazia análise sintática, lia alguns trechos, fazia alguma reprodução, ou uma composição.

Quando comecei a ler M. Dely não parei mais de ler. Eu perguntei pra minha mãe o que ela estava lendo e eu perguntei:

- Mamãe, eu posso ler?

Ela disse: “pode”. Então todo livro dela eu lia. Li a coleção dela todinha. Às vezes eu não quero sair, quero ficar na minha casa, então quando eu penso em pegar um livro, eu sento numa cadeira aí, coloco um encosto, é uma coisa maravilhosa, ela, a leitura, me satisfaz, eu gosto muito. É um prazer. Começou vendo a mamãe sentadinha lendo na sala, nas poltronas, com um banquinho pra pôr os pés.

Lembro do Seu Marques, professor de Geografia no Carlos Gomes. Lembro do professor Norberto de Sousa Pinto, de Psicologia. Lembro muito bem de muitos professores, mas já esqueci alguns nomes. Lembro da D. Edith, professora de trabalhos manuais, que eu não gostava (não gosto até hoje). Quando chegava no exame eu chorava, ela ficava com pena e mandava alguém me ensinar. Lembro também da professora de orfeon, não era coral, D. Maria Judice Cavalcanti. Ela era uma lenda, como pianista. Famosíssima.

Nesta época eu já lia tudo, em casa, na Biblioteca Municipal, que eu era sócia, na escola. Eu li de tudo, sempre por conta própria. Meu gosto pela leitura permanece até hoje. Desta época são o Cronin, Machado de Assis...

A minha filha lê e meu filho caçula. Tenho 3 filhos. A minha filha é arquiteta, a Desirée. Este nome é por causa da Desirée, do Napoleão, aquele livro amarelo, de capa dura. Foi minha paixão. Também depois eu assisti ao filme. Lendo o livro eu fiz a imagem dela, como é descrita no livro, mignon, moreninha, e quando eu assisti, quando eu a vi no filme, meu deus! Como era parecida, foi a Jean Simons (?), a artista que fez, impressionante, ela era direitinho como falava o livro. Aquele nome, achei-a uma coisa muito linda, muito bonita, associei. E eu disse:

- Quando tiver uma filha vou pôr o nome de Desirée.

Acho que eu tinha uns 15 ou 16 anos, quando li, guardei o nome e coloquei na minha filha.

Meu filho mais velho lê muito pouco, mais livros técnicos, ele é biólogo. E o mais novo prestou vestibular pra Direito, não entrou e nunca mais estudou, abandonou tudo, é inteligente e tudo. Ele lê bastante, entende de tudo, é curioso, se interessa por tudo, menos pelo estudo. Não tem vontade.

Eu lia muito pra eles quando eram pequenos. Lia as coleções. Eu lia e eles foram pegando o gosto. Antes de dormir, ou eu ia pro quarto deles, ou eu ia pro meu quarto e eles ficavam em volta. Eles gostavam. Monteiro Lobato li muito pra eles. Já tinha vencido a proibição da Igreja Católica.

Minhas irmãs também lêem bastante e tenho certeza que foi a força da imagem da mamãe lendo que influenciou as outras duas. Na época da mamãe, quando eu era adolescente, não existiam bibliotecas. Minha mãe comprava livros, ou emprestava das amigas. Também ganhava de presente.

Tinha umas livrarias no centro que a minha mãe frequentava: a Livraria Livro Azul, e tinha uma na rua Dr. Quirino com Gal Osório, que pouco tempo mudou de ramo, a Nossa Casa, tinha também a Livraria Amêndola; em frente ao fórum também fechou uma de que não me lembro o nome. Tinha também a casa Genu. Era sempre por indicação, alguém falava, tal livro é bom, ela ia lá e comprava.

Quando criança não me lembro de livros de contos de fada, alguém contava estas histórias, mas não me lembro de nada. Não tenho lembrança nenhuma. Ficava muito curiosa com Monteiro Lobato, porque a gente queria saber como é que os animais falavam. As irmãs diziam que Monteiro Lobato queria igualar os animais com os homens.

Campinas era bem provinciana, não sei como era em São Paulo, Rio de Janeiro...

Em M. Dely a mocinha era toda delicada, a pele era de porcelana e isto era muito bom, a gente sonhava e é tão bom sonhar... Era muito bom mesmo. A gente tinha tanta coisa!

Atualmente eu leio muito, mas tenho lido muito sobre esoterismo. Todos estes livros esotéricos eu leio, porque agora sou esotérica. Mas quando chegam as férias, são livros muito profundos, você tem que meditar bem pra entender. Eu leio de tudo. Compro, empresto, ganho, ganhei dois do Dalai-Lama, mas não li ainda, não deu tempo.

Eu tenho um grupo de estudos aqui em casa sobre esoterismo. A gente lê, discute bastante. Minha casa à tarde é um sossego, tenho este tempo pra mim, é claro que me preocupo com meus filhos e meus netos, mas não é como se eles estivessem aqui. É bom pra exercitar a memória, o raciocínio, é bom estudar. Eu era católica fervorosa, aí comecei a fazer perguntas, estudei muito a religião católica, comecei a fazer perguntas, mas não tinha resposta, principalmente sobre outras vidas. Acho que uma vida só pra se redimir é muito pouco. Comecei a fazer curso de energia, o que era proibidíssimo pela Igreja Católica. Fiz o curso do Pe Haroldo, e perdi algumas minhas amigas. Pe Haroldo é condenado pela igreja porque ensina energia. Ele é uma pessoa maravilhosa, mas não é aceito por uma facção da Igreja Católica. Minha irmã faleceu, os filhos ficaram comigo, os dois. Aquilo me abalou tremendamente. Eu queria muito conversar com minha irmã falecida, e foi por isso que me voltei para o esoterismo.

Esta parte pra frente eu não gostaria que gravasse, vamos só conversar....

D. Lúcia – 27/09/2001

Meu nome é Lúcia. Meu pai e minha mãe são naturais de Limeira, mas sempre viveram em Campinas. Meu pai foi um autodidata porque eu calculo que ele tenha feito só o grupo escolar e se tornou agrônomo. A parte da Agronomia de que ele gostava era Botânica. Minha mãe fez também só o curso primário. A maior parte do trabalho do meu pai eram pesquisas e experiências. Quando ele saiu do Instituto Agrônomo começou a se corresponder com os EUA e a fazer cruzamentos de plantas, solicitava sementes. Fez um trabalho grande sobre o trigo, apostando que ele poderia ser cultivado no Brasil. Ele trabalhou também com o bicho-da-seda.

O grupo escolar naquela época dava uma base muito grande. A gente escrevia muita, fazia requerimentos, cartas. Ela tinha uma curiosidade muito grande. Meu pai conversava muito com ela. A minha mãe falava muito da minha avó e da minha bisavó. A minha avó contava que a minha mãe arrumava a casa segurando a vassoura e um livro aberto na outra mão. Ia empurrando a vassoura e lendo. Eu tenho a impressão de que na minha casa, a leitura era uma herança genética. Eu lembro de que eu lia escondida no banheiro. Eu lembro de ler Momentos de Pequim com dez, onze anos, escondida no banheiro. Era um desespero para ler.

Eu nasci na fazenda, durante muito tempo minha mãe também viveu na fazenda Santa Angélica, que pertencia ao município de Americana. Meu pai foi prefeito de Americana. Minha mãe lia romances, só em Português. Eu lembro que ela falava de uma parente que ia em casa e levava livros. Lembro de um livro chamado Capitão de Castela. Sabe o que ela lia também? Ela lia em espanhol. Aquela revista Para Ti, em espanhol. Ela aprendeu a ler em espanhol sozinha. Ela ia procurando as palavras no dicionário e ia lendo.

Meu pai era o maior colecionador de livros que eu já vi na minha vida. Ele adorava sebos. Ele frequentava sebos. Tinha estantes e estantes de livros na minha casa. Ele lia em inglês e em francês. Livros técnicos eram todos em inglês. Minha mãe só lia romances. Ele era uma pessoa interessada em tudo.

Eu gostava mais de ficção. Eu tinha uma irmã, a Pia, que aprendeu a ler sozinha. De desespero de ler, foi aprendendo. Lendo jornais e juntando as letrinhas, ela aprendeu a ler. Nós éramos em cinco. Todos liam, mas com esta ânsia só eu e a Pia.

Quando eu comecei a ler tinha poucos autores. Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Jorge Amado, José de Alencar, Viriato Corrêa. E estrangeiros havia Júlio Verne, Eça de Queirós, Guy de Maupassant. Eu li a coleção inteirinha de Guy de Maupassant. Victor Hugo, Emile Zola. Minha mãe deixava eu ler o que quisesse. Meu pai tinha o espírito muito aberto, deixava eu ler tudo. Minha mãe só não gostava que eu lesse demais. Ela dizia que eu vivia filosofando. Eu lia escondido mesmo. Eles achavam que eu não podia ler muito e eu me trancava no banheiro. Não era pra saber nada especial, era uma ânsia por ler. Eu lembro que eu e a minha irmã gostávamos de receber livros de presente. Normalmente as crianças não gostam de ganhar livros e era o que nós mais gostávamos de ganhar. Naquela época tinha o Almanaque Tico-tico, que era grande. A gente comprava gibis também nas bancas. O Mandrake. Os gibis eram também uma fascinação. Esses gibis a gente esperava ansiosamente quando chegavam nas banquinhas. Tinha fotonovelas também, mas não me despertavam grande interesse. Teve mais influência na infância estes almanaques, os livros clássicos e aqueles que eu tirava na biblioteca da escola, o Grupo Escolar. Lá na biblioteca tinha que ler lá mesmo. Mas eu não aproveitei muito os livros desta biblioteca eu lia mais eram os livros que tinha na minha casa mesmo. Nas estantes do meu pai. Ele tinha um escritório. Eu morava numa casa grande entre a General Osório e Álvares Machado. Foi demolida e construíram o Tribunal. Era ali que eu morava e ia para o Grupo na Escola Normal. Minhas amigas não liam muito. Eu não tinha muita amizade fora de casa. Eu brincava com a minha irmã no quintal da minha

casa. Era um casarão imenso, e a gente brincava muito no porão, com primos e parentes. Que eu me lembre, sempre eu li. Teve uma época da minha vida que eu diminuí um pouco, mas sempre li.

Eu fiz faculdade de Letras Anglo Germânicas. Meu pai tem uma escrivaninha lá em cima comprada na Casa Genoud. Lembro de meu pai falar da Casa Genoud, meu pai tinha livros com carimbos da desta Casa. Todos os livros da casa da minha avó, era uma sala cheia, se perderam, alguns parentes ficaram com alguns, mas a grande maioria se perdeu.

Eu só freqüentei livrarias depois de casada. Aí eu passei a comprar livros mesmo. Em solteira eu só lia os livros que tinha em casa, ou trazidos por parentes. Eu gosto muito de livros e filmes. Alguns filmes são melhores que os livros, mas é muito raro acontecer, normalmente os livros são melhores.

A Biblioteca das Moças eu li muito, acho que li tudo o que tinha desta coleção. Li também e gostava muito de Cronin, Maria José Dupré. As revistas de que eu me lembro eram O Cruzeiro, Eu Sei Tudo. Nós tínhamos uma coleção de revistas também, Seleções. Eu tinha uma revista bem grande, de que não lembro o nome.

O ginásio e o científico eu fiz no Cesário Motta. Na Escola eu quase não lia nada. Pra prestar exame de admissão a gente tinha que saber só o autor e as obras, não tinha que saber nada sobre eles, só o autor e as obras.

Não havia uma variedade muito grande de autores como hoje. José de Alencar eu li tudo, mas hoje eu não agüento mais esta linguagem. De Machado de Assis do que eu mais gostei foi Memorial de Aires. Gostei muito de Jorge Amado, no começo. Na minha época tinha também Liu Tang que é este Momentos de Pequim, que eu adorei, li também livros de capa espada. Aqueles de aventuras, tipo Júlio Verne. Mas o que eu lembro que eu adorava ler eram esses livros de capa espada. Eu jogava o livro pelo vidro, escondida no banheiro, pra minha mãe não ver que eu estava lendo. Era um desespero!

As bibliotecas não foram importantes na minha vida, embora eu tenha ficado sócia daquela biblioteca que tinha no teatro municipal. Li muitos livros de lá, tinha os cartõezinhos, eu levava pra casa. Hoje eu alugo livros. Sou freqüentadora da locadora, às vezes leio 5 livros num fim de semana.

A biblioteca do teatro municipal era uma sala ampla, tinha livros infantis, romances. A bibliotecária ficava olhando o que a gente ia retirar pra ver se era próprio pra idade. Mas essa biblioteca não me marcou muito, como a biblioteca do meu pai.

Campinas era uma cidade de famílias importantes. Ser filho de fulano ou fulana era importante. Eu era aceita em determinados lugares por ter parentes influentes.

Eu leio e releio os livros. A minha mãe falava assim: a bíblia da Lúcia agora é esse livro, tanto que eu lia e relia aquilo de que eu gostava. Desde que eu me lembro por gente eu me vejo lendo. As primas se juntavam e perguntavam qual é seu hobby e eu dizia: é ler. Acho que ninguém lia como eu. A gente trocava muitas experiências de leitura. Comentávamos os trechos mais interessantes, trocávamos livros também.

O livro pra mim é sagrado. Eu não deixava meus filhos escreverem no livro, dobrar o livro. Não deixava estraga-los. Antes eu nem emprestava meus livros, com medo de que estragassem ou perdessem. Eu comprei muitos livros bons, mas também algumas coisas ruins. Agora eu só conservo os bons. Os outros eu dou. Romances de que eu gosto eu guardo pra reler. Saramago é muito denso. É uma leitura demorada. Estou lendo Todos os nomes. Do que eu gostei mais foi a Caverna, baseado num mito de Platão.

Quando o livro é muito bom eu varo a noite, até terminar. Quando o livro é mais denso, eu leio mais devagar. Todos perguntam se eu fiz leitura dinâmica. Mas não fiz. Um best-seller eu leio rapidinho. Em três quatro horas eu leio um livro. Sempre eu li ansiosamente.

A minha avó não tinha muito sono. Quando ela acordava de madrugada, ela pegava um livro e ficava lendo, ou jogando paciência.

Nada eu troco pelo livro, nem as minhas palavras cruzadas, de que eu gosto muito, nem a televisão, nada.

Tem época que eu leio mais, tem época que eu leio menos. O excesso de informação hoje prejudica a leitura, faz com que você leia um pouco de tudo e não leia nada em profundidade. Por exemplo, a minha filha assina Época e Veja, o Correio e a Folha. É muita coisa. Ela acaba lendo um pouquinho aqui, outro pouquinho ali e não se aprofunda em nada. É melhor ler uma coisa só, em profundidade, do que ficar lendo um monte de coisas e não conseguir dar conta de tudo. Antes eu pegava uma revista e lia minuciosamente, artigo por artigo. Hoje eu fico pulando, pego uma, leio um pouquinho, passo pra outra. O excesso de informações prejudica. Não leio nenhuma bem lido, como deveria ser. Antigamente eu talvez lesse só aqueles determinados autores, mas ficava saboreando os trechos, as nuances de uma passagem. Hoje é aquele monte de autores. Tem fim de semana que eu retiro na locadora 5 livros e leio tudo num fim de semana, se forem bons. É leitura leve. O assassinato de Tutancamon é muito bom, o autor acredita que ele foi assassinado. Foi um livro de que eu gostei muito e em que aprendi muita coisa. Ramsés eu não gostei, não consegui ler. Tem também Os portões de fogo, muito bom. Leio também biografias. James Paterson escreve livros policiais, eu gosto muito, li todos dele. Adoro livros policiais.

Eu lembro muito das minhas revistas. Cinelândia eu não emprestava pra ninguém. Meu sonho era ficar presa dentro de uma biblioteca, com uma lanchonete do lado. Eu comprava a revista, lia e depois guardava embrulhada num papel com a data. Tinha ciúmes dos meus livros e revistas. Não gostava de emprestar para que não estragassem.

A livraria mais antiga de que eu me lembro é a do João Amêndola. Ele tinha uma livraria linda. O pé direito era altíssimo, tinha estantes altas, com uma escada alta, que corria. Eu comprava muitos livros em inglês. Tipo pocket books. Eu encomendava e ele trazia. Hoje não existe mais. Era do lado do Magazine Luiza. Ali era um Hotel chamado Hotel Términus, embaixo tinha uma doceria chamada doceria Términus, que era um lugar chic e do lado tinha a livraria. Era estreitinha, mas muito linda.

Já ouvi falar da Casa Mascote, mas não me lembro como era.

Eu me lembro de que no porão da minha casa eu li a primeira edição do Tarzan. O começo da história do Tarzan, quando a família morre e ele foi criado na selva. A primeira história. Eu achei fabuloso. Eleanor Gleen, da Biblioteca das Moças, também era famoso. Fazia o maior sucesso. Não existia esta variedade de títulos. Mas eu me lembro da minha prima, que chegava em casa com um livro novo pra dar pra minha mãe. Minha mãe também dava livros pra ela. As duas ficavam comentando trechos do livro e rindo. Eu me lembro da minha mãe falando: tal trecho, como é interessante! E uma lia pra outra. Minha mãe lia trechos de livros pro meu pai e comentavam. Abriam livros na página e liam e comentavam e davam risada... Eu me lembro bem disto.

Não se compravam livros em livrarias como hoje. Os livros eram comprados por coleções. Eu me lembro de um homem que ia em casa vender livros. Ele chegava com os catálogos, abria no meio da

sala e ficava comentando. Eram os vendedores ambulantes de livros e enciclopédias. As enciclopédias, principalmente, só eram vendidas assim. Não tinha nas livrarias. Monteiro Lobato era vendido assim. A coleção inteira. Trazia um exemplar pra você ver como era a encadernação. Eu me lembro que meu pai olhava e a minha falava, esse é bom comprar, esse não. Humberto de Campos foi comprado assim.

Se eu tornar a ler Guy de Maupassant hoje, eu não vou gostar tanto como eu gostei naquela época. Alexandre Dumas, Emile Zola, a mesma coisa. O Conde de Monte Cristo foi uma coisa que marcou a minha vida, ele preso naquela prisão foi demais. Alexandre Dumas era capa espada. Os Miseráveis eu adorei. Quo Vadis, já leu? Como eu gostei!

A minha mãe deitava todo dia, depois do almoço e lia, pelo menos uns quinze minutos ela lia. Eu me lembro de ela ler Monteiro Lobato pra gente assim, depois do almoço. Era uma época diferente, eram outros tempos! Os meus filhos todos gostam de ler, mas não como eu.

As mudanças maiores ocorreram depois dos anos 60, tudo mudou muito rápido. Hoje são muitas informações. Quem não sabe mexer com computador é analfabeto. Eu preciso aprender, fazer um curso, eu não sei nada. É outro tipo de linguagem, que tem seu lado bom e seu lado ruim. Tem perdas e danos. No computador tudo é abreviado, começa a haver erros de ortografia. Pra escrever bem precisa ler muito. As construções dos bons autores, sem querer, vêm à sua cabeça. Mas por outro lado, sem dúvida, o computador facilita muita a vida e daqui a alguns anos, quem não souber mexer com ele, realmente, vais ser como um analfabeto.

D. Margarida (em 24/03/2003)

Entrevista com D. Margarida Mendes Anderson, neta de A.B. Castro Mendes. Com a presença de Sérgio Leite (neto de A.B. Castro Mendes, filho de Totó) e Norma.

A entrevista foi espontânea, tendo como temas a CASA LIVRO AZUL e a família CASTRO MENDES.

D. Margarida: A CASA LIVRO AZUL vendia todos os pianos que eram comercializados em Campinas, que vinham da Alemanha e eram importados por meu avô. Todos os filhos ganharam um piano. Eu tinha um, que era da minha irmã e meu. Depois ela quis vender e eu fiquei sem. Cleso Castro Mendes era meu tio, mamãe era irmã de Cleso. Cleso era o único homem, mais cinco mulheres. Mamãe era a Joselina. Eu pus na minha filha o nome da minha mãe, porque eu tinha paixão por ela.

Sérgio: Totó, meu pai, era neto de A.B. Castro Mendes, irmão da tia Margarida.

D. Margarida: Totó era meu irmão mais velho. Vocês sabem que minhas filhas tinham loucura por ele. Até hoje elas falam dele. Totó tinha um gênio alegre, brincalhão, só que mandava muito em mim. Quando eu era pequena, fui mandada por 6 homens, seis irmãos. Quando eu estava esperando filho eu pensava: não quero filho homem, eu não agüento mais homem. Aí eu tive duas meninas. Nossa mãe! Era muito homem pra mandar na gente!

Norma: Esta pesquisa teve início com entrevistas com mulheres que viveram no início do século passado, moravam perto do Cambuí e tinham estudado na Escola Normal, além de terem tido algum contato com leitura. Nestas entrevistas várias destas pessoas se referiram à CASA LIVRO AZUL, como um local que elas freqüentavam e compravam livros. A partir daí, e tendo como base o fato de nunca termos ouvido falar sobre esta tal CASA, e também pelo fato de na literatura não haver nenhuma pesquisa sobre ela, mudamos o enfoque de nosso trabalho e resolvemos investigar a CASA LIVRO AZUL.

D. Margarida: eu posso falar, ele era meu avô, mas a CASA era freqüentada pelos grandes artistas da época: Coelho Neto, Rui Barbosa, grandes cantores, era só gente ligada à arte. Meu avô era trabalhador, ele trabalhava, era um homem de pulso mesmo, mas era um amante das artes. Gostava muito. Até estudou música, mas parou. Estudou até para dentista. Ao fazer uma dentadura, ela caiu no chão e quebrou. Foi fazer outra que também caiu e quebrou. Aí ele disse: “não sou mais dentista!”. E virou comerciante. Ele fundou a CASA LIVRO AZUL, no início só tipografia, depois ele abriu a loja de artigos finos. Havia lá as primeiras bonecas que andaram, todas importadas. Ele gostava de coisas da Europa. Ele era um homem muito fino. A CASA LIVRO AZUL se tornou muito conhecida. Todo mundo a conhecia pela arte. Ele dava os saraus com todos os grandes artistas da época. Eu era menina ainda e achava uma maravilha aquela turma. Guiomar Novaes. Vovô fazia toda semana esta reunião de arte, lá no LIVRO AZUL. E quando podia na casa dele. Vovó era muito quieta, muito fechada, nunca vi vovó sorrir. Quieta, não falava muito. Então ele gostava de fazer suas reuniões lá no LIVRO AZUL. Fazia também no casarão onde ele morava. Aquilo era casa! Lá onde é hoje a sinagoga dos judeus, na Rua Barreto Leme. A casa era imensa, dava até pra outra rua. Nós fomos todos criados lá. Sérgio, seu pai, Totó, foi criado por vovô. Vovô levou o pai dele e minha irmã mais velha pra criar, não sei por que isso. Então os dois foram criados por vovô. Totó e Maria. Nós morávamos em frente, os dez nasceram naquela casa lá, em frente à mansão dele. Eu sou a última, a décima. A caçula. Eu estou numa idade feliz. Minha filha mais

velha fez 50 anos, 52 e não gosta de falar em aniversário, acha uma coisa horrorosa! Eu adoro comemorar meu aniversário, dou almoço, faço lanche, faço jantar. Eu vivi 78 anos! Não é uma maravilha você viver? Os moços não querem ficar velhos, não querem saber disso, e acha que velho já é ultrapassado; mas não é não. Eu pelo menos acompanho tudo.

Norma: O Castro Mendes foi proprietário da CASA LIVRO AZUL. Ele tinha outros comércios também, ou a CASA era a única? Além de fazendeiro ele era comerciante de um modo geral? Tinha outras atividades?

D. Margarida: A LIVRO AZUL foi o negócio principal. O que ele tinha eram imóveis. Onde hoje é a Casas Bahia, ali era tudo do meu avô. No tempo da revolução de 32, tinha um aviãozinho, vermelhinho. Vovô tinha uma casa imensa, com um porão enorme. Eu nem posso ouvir as sirenes da guerra EUA X Iraque, que eu lembro de 32. Quando ouviam a sirene, vermelhinho já vem, a família inteirinha ia pra casa de vovô, se esconder no porão, todo mundo ia pra lá. A família toda era muito chegada em vovô. Ele organizava tudo, mandava em tudo. Ele gostava. O pessoal das artes, os artistas, iam pra lá a convite dele. Vovô valorizava muito os artistas. Naquela época Stelinha era uma mocinha ainda. Guiomar Novaes era novinha. Este amor à arte era uma coisa inata.

Sérgio: A senhora tem alguma idéia de onde veio este amor às artes? Como eram os pais dele?

Norma: A gente sabe que ele viajava muito pra Europa, tanto é que ele trouxe o cinema de lá. Ele foi educado na Europa?

D. Margarida: Não, foi aqui só. Não fez faculdade, acho que foi só o estudo elementar, a base. Ele mexia com fazenda, tinha a chácara. Ele abriu a Casa porque ele gostava de trabalhar, tudo era muito organizado, os empregados gostavam muito dele. A família de barão Geraldo de Rezende era íntima de vovô, a família toda. D. Maria Amélia, freqüentava a casa de vovô. E eu era muito amiga de Totó. As irmãs, filhas de Barão Geraldo, freqüentaram muito a nossa casa. Eu escrevia para esta família, depois que eles se mudaram para o Rio de Janeiro a pedido de Totó, porque ele teve um derrame que paralisou o braço e não podia mais escrever. Durante 4 anos eu escrevi a correspondência entre Totó e uma destas irmãs, a Maria Cecília.

Norma: a CASA LIVRO AZUL foi fundada antes da proclamação da República. A senhora se lembra de alguma ligação entre Castro Mendes e os republicanos? Politicamente ele era envolvido em algum partido?

D. Margarida: eu acho que ele era sim, ele gostava disto também. A filha de Cleso, Vick, deve ter tudo de vovô também, ela é neta de vovô, como eu. Vitória Maria. Ela deve ter muita coisa, porque ela não gosta de jogar nada fora. Vovô era ligado em política também.

Norma: que lembrança a senhora tem desta CASA?

D. Margarida: eu me lembro de tudo. A gente tinha acesso a tudo lá. Mas tinha que ter muito cuidado. Vovô era muito certinho, muito rigoroso. Não dava muita liberdade pra neto correr lá não. Mas eu ia muito lá. Tinha o escritório dele que era uma beleza, você não podia mexer em nada que ele sabia onde estava tudo. Os netos respeitavam muito ele. Tinham medo de vovô.

Sérgio: eu me lembro daquele escritório todo cheio de coisinhas.

D. Margarida: Ele tinha quadros de grandes pintores. Ele morreu e deixou a casa toda, com aquela riqueza para o filho, o Cleso, pai da Vick. Numa ocasião o Cleso foi viajar e deixou o Totó, pai do Sérgio, tomando conta. Foi o ano que a Casa deu mais dinheiro, foi o ano que mais teve movimento.

Sérgio: A fase final da LIVRO AZUL foi assim uma época de confronto entre meu pai e Cleso. Meu pai e Arnaldo, que não queriam fechar e Cleso que queria. Só que meu pai não tinha como comprar.

Norma: uma das perguntas que nós fizemos ao Bráulio, quando da sua entrevista, foi por que fechou a CASA LIVRO AZUL? Foi porque abriram outras livrarias?

D. Margarida: Não, isto foi uma coisa de família. O Cleso herdou tudo do pai, meu avô, nunca trabalhou, ficou rico. Único filho homem entre cinco mulheres. Ele estava bem de vida, sua mulher Sara, também. Ele quis fechar. Arnaldo e Totó se opuseram, mas não podiam comprar. O Arnaldo era um dos mais velhos aí.

Sérgio: Tudo isto coincidiu com a perda da Mogiana como cliente. A Mogiana era o forte. O fato era que Cleso não era preparado para dirigir aquela casa. E Totó sempre trabalhou lá, a paixão dele era aquilo. Meu pai, Totó, tinha toda a condição de tocar a CASA.

D. Margarida: a Mogiana foi muito importante para a CASA LIVRO AZUL, assim como para Campinas. Meu pai era pagador da Mogiana. Ele ia até Minas pagar os empregados. Depois a Mogiana foi perdendo, perdendo, até acabar. A gente era menina e ficava encantada com a LIVRO AZUL. Por aqueles objetos de arte. Coisas mais lindas!. Quando apareceu a boneca que andava na Europa, a primeira boneca que andava, meu avô trouxe. Lá na loja tinha. Eu comprei pra minha filha até.

Sérgio: O LIVRO AZUL tinha frente na Barão de Jaguará, mas ia até a Francisco Glicério. Só na parte da frente era a loja, em cima eram os escritórios e mais em cima ainda era alugado. A parte das gráficas, ficava nos fundos. Lá, no fim da loja e antes das oficinas, tinha uma fonte, com jardim, uma área ajardinada. Quando saía da loja, como se fosse um pátio, dava para um jardim interno.

D. Margarida: Castro Mendes era fino. Ele oferecia festas só para os artistas lá. Os parentes não. O povo também não. Era só gente que dava valor àquilo tudo. Foi a primeira livraria de Campinas, depois veio a Genoud.

Sérgio: aqui, na Bernardino de Campos, era a saída do depósito. Aqui era o setor que se fazia encadernação.

D. Margarida: hoje tamparam o nome da loja e a data da inauguração. Lá funciona atualmente o Bingo.

Sérgio: A barão de Jaguara, eu me lembro, era o centro de Campinas, tudo acontecia aqui. Eu me lembro que no carnaval a gente ia pra LIVRO AZUL, ficava lá em cima na sacada, pra ver os desfiles.

D. Margarida: todo este patrimônio agora foi tombado e o prédio ainda pertence à família. Mas a casa de vovô, que era um assombro. Uma sala dele, era maior do que a minha casa inteira. Naquela época a família toda se reunia lá. A casa era uma beleza! Tinha quatro ou cinco empregados. Os empregados da casa eram pra toda a vida. Todos gostavam muito dele, embora ele fosse enérgico. A

família era muito grande. Ele tinha um pomar, um quintal com fontes, parreiras, flores. Mamãe contava tudo do passado pra mim, porque eu sempre gostei de ouvir estas histórias. Ele era enérgico nas coisas dele. Totó teve muita influência dele. Seu pai, Totó, e Maria, tinham o mesmo gênio dele. Vovó nunca desrespeitou vovô, sabe como ela o chamava? Seu Mendes! Era um respeito... Brasilina, o nome de vovó. Ele não era de brigar, nem de meias palavras, ele era de palavra inteira. Todo mundo o respeitava muito. Ele agia, não falava.

Sérgio: como se explica esse amor dele pelas artes? Ele era meio mecenas.

D. Margarida: ele ia pra Alemanha, trazia pianos e objetos de arte. Ele nunca levou vovó. Ele ia sozinho, mais de uma vez por ano.

Sérgio: o meu piano era inglês.

D. Margarida: mamãe era pianista. Duas coisas eu me arrependo na vida : ter parado de estudar piano. Mamãe tocava muito bem, eu sempre a admirei. Eu acho que a música tem muito a ver com a pessoa. Vovô tinha este dom.

D. Margarida: ele vivia pras duas coisas: trabalho e arte.

Sérgio: ele tocava órgão. Ele tinha um órgão também.

D.Margarida: depois vocês vão ver um quadro que eu tenho ali na sala. O retrato dele com mamãe, a coisa mais linda. Ele sentado, ouvindo música e mamãe tocando. A única filha que herdou dele o dom pela música foi mamãe. Ela tocava piano para ele ouvir. Neste retrato, ela tinha 18 anos, parecia uma senhora, com aquelas roupas sérias, e ele ouvindo. Coisa mais linda a sala de música da casa dele: tinha dois pianos e um órgão, as paredes cheias de quadros... todos meus netos fizeram cópias deste quadro. Eu tenho o original. Cleso também tinha amor à arte. Também tocava piano, fazia festas, a casa dele foi tombada, na rua Conceição, pegada á farmácia São Paulo. Também dava reuniões, recebia artistas. Foi uma coisa da época. Cleso continuou amante das artes e da música.

Sérgio: O Clube Semanal foi fundado, também por Castro Mendes, em frente à LIVRO AZUL, na Barão de Jaguará. Quando ele trouxe a luz, ele puxou a luz também para o Clube Semanal, porque ia haver um concerto lá. Foi um grande sucesso.

D. Margarida: Ele financiava os artistas para virem pra cá. Eu acho que vovô sabia francês, inglês ele não gostava. Eu fui educada no Colégio Coração de Jesus e falava sempre em francês. Agora não sei mais nada.

Sérgio: vejam esta foto: sentados da esquerda para a direita: José de Queirós, José Lopes, Joaquim Davi e Castro Mendes, Leopoldo Amaral, Julio Mesquita, quer dizer, você vê que ele é um cara que já nasceu na elite da época. Elite intelectual, elite política, elite artística. Os fazendeiros e comerciantes importantes.

D. Margarida: minha avó era mineira. Eu era apaixonada por minha mãe, mas sou papai escrita. Gosto de plantas, de bichos, assim como papai, mesa farta, festas. Eu não era tão agarrada com meu pai, mas saí a ele. Vovô tinha o dom da arte. Dos pais dele eu não sei nada. O irmão dele foi sócio dele também. Castro Mendes só saiu da CASA LIVRO AZUL quando morreu. O irmão dele era uma simpatia. Vovô não era muito de igreja não. Vovô tinha lá em Sousas, na sua chácara, o castelinho. Este é o quadro do castelinho. É um marco de Sousas. Toda a margem do regatas, do outro lado, era de vovô. Lá ficava o castelinho. Lá a gente conversava, lá a gente namorava, era

uma delícia. Este castelinho era um m arco de Sousas. Foi ele que mandou construir também. Todo mundo ia ver, visitar. Naquela época vovô era tido como o homem mais rico de Campinas. Eu acho que ele era mesmo. Nós éramos em oito ele deu um piano e uma casa de herança pra todos. Ele não era de reza, de ir à missa, mas respeitava os padres, a Igreja. Ajudava sempre a Igreja e mandava as filhas pra colégio de freiras. Eu lembro de tantas passagens, de tanta coisa de meu avô! Uma das maiores delícias da vida é ser e ter avô. No final de ano ele fazia exposições de Natal, lindas!, Não havia quem não gostasse, não havia outra casa igual.

Sérgio: Eu me lembro de um boneco que ficava na porta, preto, que mexia. Era um encanto. Eu era fascinado também por uma máquina enorme, do tipo da caixinha de música, só que era um caixão, enorme, tocava um disco cheio de dentes, que rodava e as teclas iam batendo. Nunca me esqueci. Quando o Cleso fechou o negócio, toda a venda das máquinas foi para pagar os funcionários. Meu pai e o Arnaldo trabalharam lá a vida toda. O fato dele ter que sair, quando vendeu, foi pra ele a morte.

D. Margarida: só minha mãe herdou o dom pela música. Só ela tocava piano. O Zeca Castro Mendes era meu primo. Ele era um artista mesmo, desenhava muito bem. Ele tem nome aqui em Campinas. O Teatro tem o nome dele, todo mundo pensa que o nome do teatro é do meu avô, mas não, era dele, o Zeca. A história de Campinas ele sabia toda. O meu avô e sua loja tinham que ser respeitados, ele era muito exigente, era bravo, enérgico. Ele tinha uma biblioteca pessoal enorme, um colosso, uma beleza. Mas ninguém mexia, ninguém punha a mão, de medo. Ele tinha uma biblioteca, era uma sala, só biblioteca. Eu tenho tanto álbum, devo ter uma foto desta casa dele. A casa dele era bem acolhedora. Gostava de receber a família. Ele tinha uma capelinha na chácara de Sousas, todo domingo tinha missa lá. O padre de Sousas ia rezar missa lá, precisa ver que amor era a capelinha. Vovô era em frente ao Regatas, tudo em frente era de vovô. Ele tinha criações, vaca, garapa, um pouco de porcos, um pouco de cada coisa. Não foi produtor de café. Os empregados dele eram pra vida inteira. Eu e Iolanda, minha prima, gostávamos tanto de lá! Campinas era muito importante, tinha fama! Em Curitiba, todo mundo queria casar com campineiro. Mário meu marido, ia passar o carnaval lá em Curitiba, e todas queriam dançar com ele. Vovô tinha também um piano de cauda, este que mamãe estava tocando no retrato. Quando ele morreu, doaram o órgão pra matriz do Carmo. Mas sumiu o órgão, nunca mais vi. Festas de carnaval vovô também dava lá na chácara, festa junina também. Ele era muito apegado às tradições, ele gostava de preservar as datas em família. Ele aproveitava todos os momentos: Natal, carnaval, festas juninas. Ele era diabético. Vovô tomava insulina, enchia o bolso de bala e chupava no serviço. Ele levou um tombo, quebrou o fêmur e logo em seguida morreu. Eu adoro tapetes, mas tirei tudo, pra não tropeçar. Vovô quebrou a bacia ou o fêmur tropeçando num tapete. Ele morreu dia 18 de novembro, me lembro também, ele já tinha quase 90 anos. Depois que vovó morreu ele se entregou um pouco, já estava bastante abatido, por causa da morte dela. Naquela casa enorme dele tinha uma sala de jantar, acho que ia desta sala até lá no fim do meu quintal. Que maravilha! Era linda! Como eu sempre me interessei por assuntos de família eu sempre queria saber tudo, mas com o tempo a gente vai esquecendo algumas coisas. O fim do negócio da Mogiana foi o começo do fim.

Nasci em Joaquim Egídio, numa fazenda, em 1915. Meu pai e minha família toda são de Sousas e Joaquim Egídio, eram todos fazendeiros. Nós tínhamos muitas fazendas lá, até a crise do café, em 1929, quando ele perdeu tudo, tudo. Antes disso nós viemos morar numa chácara bem grande, em frente à fábrica de seda, na Vila Industrial. Era uma chácara enorme, tinha pomar, tinha jabuticabeiras. Nesta época eu tinha 7 anos, e comecei a estudar na Escola Normal. Fiz todos os meus estudos lá, o curso primário, o complementar e o normal. Eu ia para a escola com 2 irmãs mais velhas, nós pegávamos o bonde lá em cima, no trilho. Hoje só tenho uma irmã viva, mais velha do que eu dois anos, que mora no Rio de Janeiro.

Meu pai era dono de cartório e minha mãe dona de casa. Era professora também, mas não lecionava. Ela sabia muito bem francês, lia muito em francês e me ensinou. Eu sabia ler bem em francês, lia muitos romances e entendia um pouco, só não sabia falar. Minha mãe sempre me ajudava nas lições, ela me ensinava muita coisa, só eu gostava de estudar com ela. Eu sou muito boa, não reclamo de nada, nunca reclamei de nada. Tudo sempre está bom pra mim.

Este é meu álbum de formatura na Escola Normal, sou da turma de 1935, este é o diretor da escola Carlos Gomes, professor Geraldo Alves Corrêa. Ele tinha um domínio sobre a escola, todos tinham um respeito por ele, uma diferença de hoje em dia! Aluno hoje não respeita ninguém, aquela bagunça. Quando ele passava naquela passarela que tinha ligando um bloco no outro, a escola ficava inteirinha em silêncio, todo mundo até parava, esperava ele passar. Quando batia o sinal pra entrar, cada um procurava formar sua fila, tudo certinho, nenhuma voz você ouvia. Aí todos subiam, todos uniformizados, igualzinho, e tinha o escudo, na blusa, ele não permitia entrar nem sem o escudo. Todos subiam e era aquele silêncio, você podia passar nos corredores, todos quietos, você só ouvia a voz do professor.

Tinha a professora Marília Vilela, ela foi minha professora no curso primário todo. Tinha o professor Pompeu de Camargo, tinha a Anália Costa Couto, professora do 4º ano primário, mas eu não fui aluna dela. Muito boa professora D. Marília Vilela, ela usava aquela cartilha vá,vé, vi,vó,vu, vovó, vovô. Não me lembro do nome da cartilha. E os alunos eram muito aplicados, o ensino era muito mais eficiente, todos os alunos estudavam, levavam seus deveres, cumpriam suas obrigações, acho que um pouco era por causa das mães. Hoje as mães todas trabalham, saem de manhã, voltam de noite, cansadas, e as crianças já estão com sono. Hoje as mães não acompanham as lições dos filhos. Tudo era diferente.

Tinha uma biblioteca muito boa, mas a gente não tinha muito acesso à biblioteca não, nunca vi aluno lá, a biblioteca era mais para os professores. Eu mesma nunca fui em biblioteca. Não tinha muita leitura, mas lia livro de história, sempre gostei de ler, romance eu lia aqueles da M. Delly, Henri Hardel, era um romancista. Hoje não tenho mais nenhum destes livros. Lia mais romance, eu comprava os livros aos poucos, até formar a coleção. Eu tinha a coleção inteirinha daquele detetive... (não lembrou o nome). Eu sempre adivinhava quem eram os assassinos.

Minha mãe estudou na Caetano de Campos, em São Paulo, se formou professora também. Ela lia em francês, aprendeu na Caetano. Quando me formei já comecei a trabalhar. Quando eu comecei a lecionar tomava quatro conduções. Eu saía daqui da minha casa às 6 e meia da manhã, ia pra fazenda Betel, perto da refinaria de Paulínia. Eu dava aula pro curso primário. Meu pai não queria de jeito nenhum, no fim, tanto insisti que ele deixou. Minha mãe nunca trabalhou fora.

Todos os meus tios eram de Sousas, Fazenda Santa Cândida, Fazenda Santana, Fazenda Palmeiras, Fazenda Barreiro, a do meu pai era Fazenda São João, a família do meu pai era de gente rica, de modo que a parentada era toda de fazendeiros. Joaquim Egídio era meu tio, ele tinha uma fazenda muito bonita, tinha uma escadaria grande, a fazenda ficava em cima, à volta toda era de gerânios e o chão forrado de pedregulho branco. A Fazenda Santana era tão linda, vinham decoradores de São Paulo. Outra fazenda dele era de leite, outra de café. Era quase tudo parente que morava lá. Sousas também era parente. Era tudo nosso lá.

Minha mãe teve 11 filhos, e dois no mesmo ano, um em janeiro e outro em dezembro e a diferença era tudo 1 ano, 1 ano e meio de diferença. Na Fazenda a gente brincava muito, juntávamos nós, mais os colonos da fazenda e a gente brincava o dia inteiro, tinha saco, a gente punha no morro e descia escorregando, pegava os patinhos e os pintinhos, púnhamos na água, mexíamos com a vacas, elas corriam atrás e a gente saía correndo: Abre a porta, abre a porta! Era bom ter bastante irmão, dava pra se distrair e tinha muito colono também. Tinha uma irmã mais velha um ano e meio que eu, ela que mandava em todos, até nos colonos ela mandava e todo mundo obedecia. Toda reinação era ela que fazia. Minha mãe não gostava que a gente fosse no riacho, mas a gente ia, e depois entrávamos pela janela, pingando água, escondido da minha mãe. Às vezes ela nem percebia o que tinha acontecido. Tinha um pomar bem grande, e no fim da casa tinha um lugar bem grande, pra fazer doce, três fogões à lenha, vinham as empregadas fazer doce, até maisena minha mãe fazia em casa, tinha goiabada, tinha pessegada, ela tinha prateleiras só de latas de doce. Quando ia algum parente ela dava doce.

A D. Marília Vilela me queria tão bem...Ela sempre me chamava na mesa dela, pra ir lá conversar, ela pegava meus cadernos, me explicava, me ajudava. Isto no curso primário, quando chegava no ginásio, nenhum professor dava bola pra você, não conversavam com os alunos, davam aula e saíam, nem a gente conversava um com o outro. Era bem diferente. Na Escola Normal tinha seu Nicolau Marquini, Seu Cândido Ferreira, D. Olga Schneider, Chiquinha Pompeo de Camargo, professora de trabalhos manuais, tinha prof. Luís Arruda de Português, não era muito bom pra ensinar não. D. Olga pegava um livro e não saía daquele, Prof. Luís Arruda era muito seco, ele entrava e saía da sala de aula e não dava um palpite, não conversava com ninguém. Mário Natividade, professor de Matemática, Marcelino, professor de desenho, Maria Cavalcanti, professora de música, João Reginato, professor de História Natural.

Aconteceu uma coisa engraçada, não me lembro com que professor, acho que foi com o de Ciências. Um dia foi uma visita na aula dele, um professor estrangeiro, era aula de História Natural. Sempre antes de começar a aula ele pedia pra uma aluna dar a lição anterior e eu sempre sabia, porque anotava tudo, sempre ele me chamava. Quando foi a visita ele me chamou pra dar a aula, e eu fiquei nervosa, mas falei tudo de cor e salteado, cheguei no fim e pulei alguma coisa, mas a visita disse:

- Pode ficar sossegada porque eu sei que a senhora sabe a lição.

Eu sempre fui muito estudiosa, eu punha o despertador pra tocar às 5 e meia da manhã e ficava estudando, na cama, estudava. A minha irmã acordava e era obrigada a estudar também, ela era mais velha do que eu, e só estudava pra não ficar pra trás, pra não repetir de ano e eu alcançá-la.

Na 5ª série do ginásio eu dava aula pras minhas próprias colegas. Eu tinha 5 colegas que eu ensinava, eu dava aula de português e minha mãe também ajudava, dava aula de Matemática e Francês, que também eu ajudava. Eu e minha mãe dávamos aula, num dia todo, uma vez por semana, cada dia vinha duas. Sempre gostei muito de estudar.

- O Solon, o Solon você conhece?

O Solon e o João Toledo estudavam comigo. Ele sempre pegava meus cadernos pra estudar, porque eu copiava todas as lições, fazia desenhos. Tudo era feito no maior capricho. Eu saía da escola e emprestava os cadernos pra ele. Às oito e meia da noite ele devolvia os meus cadernos pra eu estudar, ele levava na minha casa. Nesta época eu morava na Dr. Quirino, entre Ferreira Penteado e Aquidabã. Eu tinha aulas do meio dia às 5 da tarde.

Eu não me lembro onde eu comprava os livros e os cadernos. A casa Genoud ficava na rua Barão, esquina com César Bierrenbach, era uma livraria e papelaria. Muito boa. A melhor de Campinas, compramos muitos livros ali. Depois que eu já era professora eu comprava ali na Casa Mousinho (?), era na rua Dr. Quirino com Gal. Osório. A Casa do Livro Azul era uma livraria também. Tinha uma doceria também famosa, na esquina da rua

Gal Osório, com a Barão de Jaguará, era a Cazuzu, era a melhor doceria de Campinas, a gente saía da escola e ia ali tomar sorvete. Ia a pé pra escola, uma turma. Quando chovia, a gente ia com os pés na água da enxurrada.

Eu era quieta, mas acompanhava a bagunça, me levavam. Sempre eu ia junto. Quando eu era pequena, na fazenda, tinha no pomar uma fileira de jabuticabeiras, eu não sabia subir nas árvores, mas meus irmãos me puxavam pra cima e quando minha mãe chamava pra almoçar, ela tocava a campainha e todo mundo saía correndo e me deixavam lá em cima. Quando eu conseguia descer, minha mãe já estava na porta da escada esperando com a vara de marmelo. Mas ela não batia forte, era só pra assustar e pôr medo. Em todos que passavam ela dava uma batidinha. Na hora H ninguém se lembrava de mim.

Viajei pelo Brasil com meus irmãos, ia pro Rio, pro Norte, pro Sul. Eu casei com um homem já de idade, ele não ia, mas deixava eu ir. Ia muito pro Rio passar o Carnaval lá.

Eu ia às vezes ao cinema Carlos Gomes, na rua César Bierrenbach. Meu pai era muito severo e não deixava a gente sair muito não. Quando eu ia, ia com meus irmãos. Eles eram muito camaradas, perguntavam qual era o filme, em que cinema, e depois largavam a gente na esquina. A gente ia pra um lado, eles iam pro outro. Quando acabava a fita eles iam buscar, e depois voltavam e ficavam jogando baralho no Clube Campineiro ou no Clube da Ponte Preta. Nenhum gostava de baile. Quando eles levavam a gente no baile, na hora de ir buscar, se a gente estava com namorado e queria ficar mais um pouco, eles encostavam num canto e dormiam, a gente acordava eles na hora de ir embora.

A Biblioteca da Escola Normal não era grande. Tinha bibliotecária, mas eu não lembro como chamava. A gente não ia muito lá. Naquele tempo os livros eram mais baratos, cada um tinha o seu, a gente não emprestava muito.

Quando eu me formei comecei a dar aula, meu pai não deixava ir pra longe, mas o delegado de ensino arrumou no orfanato. Lá eu podia ficar o tempo que eu quisesse. O orfanato era de meninos, como era de crianças, meu pai deixou. Ficava numa fazenda. Era o Orfanato Betel. Meu pai foi conhecer, viu que tinha outras mulheres e deixou. Eu ficava lá, lá tinha frestas no chão, tinha baratas, à noite não tinha luz, na frente da porta tinha um lampião. Tinha outra professora que morava lá comigo. Eu só voltava domingo pra casa. O banheiro era fora, tinha que ir no escuro. Quando eu ia a outra professora ia também, a gente não ia sozinha. A minha mãe sempre mandava eu levar doces. Acho que era por isso que tinha baratas. Era divertido...

Depois passei no concurso em 13º lugar. Fui lecionar na fazenda Quilombo, era do Julio Mesquita, queria ser professora de trabalhos manuais, e ele me dava todo o material que eu precisava. Voltei pra Escola Normal pra fazer um curso pra dar aula de trabalhos manuais. Eu cortava cabelo dos alunos, fazia curativos. Nesta época eu tomava 4 conduções, ia voltava todo dia, 6 e meia da manhã eu tomava o ônibus aqui na minha casa, descia na cidade, tomava o bonde 11, ia até a estação, da estação pegava o trem até Louveira, de Louveira pra lá demorava 40 minutos de charrete. Ia e voltava, já era casada. Meu marido não ligava, toda a vida eu trabalhei. Sempre tive boas empregadas. Esta aqui está há 30 anos comigo. Mora aqui com o filho, quando ela chegou ele era bebê, tinha dois meses. Agora cuida do jardim e sai comigo, eu preciso andar porque tenho artrose. É muito ruim ser velho. Não queira ficar velha, hoje dói aqui, amanhã dói ali.

Nesta fazenda, do Julio de Mesquita, eu tinha direito à farmácia, pra comprar curativos pras crianças, tinha papelaria onde eu podia comprar o livro que eu quisesse, material para os alunos que não tinham. Na fazenda tinha loja, eu podia comprar fazenda pra fazer paninho de prato, coisas que eu fazia com as meninas. Eu tinha carta branca em tudo, adorava lecionar lá. Ele dava fantasias pras crianças, pra comemorar São João, dava dinheiro pra comprar enfeites, pra iluminar. Era escola rural, Fazenda Quilombo, era 1ª, 2ª, 3ª, série, tudo junto, filhos de colonos.

Depois fui professora de escola noturna. Trabalhei em muitas escolas. A vida inteira, sempre alfabetizando. Meus alunos, em junho, já estavam alfabetizados, eu ensinava as letras, usava a cartilha Caminho Suave. Conversava muito com eles, ensinava o endereço, o nome do pai, a rua, o número, tudo certinho. Eles não sabiam. Ensinava a pegar o lápis. Eu conversava muito com eles.

Eu moro aqui desde 1950, nós mesmos construímos esta casa. É uma casa muito boa, agora só estamos eu e o vizinho aqui do lado, todo mundo mudou, só tem comércio. Rua Gal Osório.

Lembro de quando eu morava na fazenda, minha mãe à noite deitava na rede, forrava um alcochoado no chão, punha todos os filhos deitados em roda e contava histórias. Eu lembro de uma porção de histórias contadas pela minha mãe: São Francisco deu o sinal, Ali Babá e os quarenta ladrões, A galinha dos ovos de ouro, minha mãe contava todas estas histórias: a Branca de Neve, os Lobinhos, e depois eu contava estas histórias para os meus alunos. Para os meus filhos, nunca contei muitas histórias porque eu estava sempre lecionando, ficava muito tempo fora. Desde que eu me casei, casei já lecionando. Não me lembro de contar histórias pros meus filhos.

Eu morei com 3 pessoas diferentes. Como eu era muito boa, todo mundo queria me adotar, mas minha mãe não deixava. Lembro que eu morei em São Paulo, com o Dr. Egídio de Sousa Aranha, ele ficou comigo 3 anos, depois minha mãe foi me buscar.

A beleza das andorinhas de Campinas, cobriam o céu! Tinha aquele mercado em frente à Escola Normal, elas ficavam lá. Toda a tarde era aquela beleza. O céu ficava inteirinho azul, só de andorinhas. Vinha gente de fora pra ver as andorinhas, tem até poesias sobre elas. Depois tiraram o mercado e elas foram embora. Este mercado ficava bem em frente à escola, onde é hoje uma praça.

Naquele tempo tudo era diferente, a gente podia andar à vontade pela cidade, não tinha assalto, não tinha violência, as crianças brincavam na rua...

Sr. Bráulio Mendes Nogueira – entrevista realizada em 1/11/01
Jornalista, neto do sr. Antonio Benedito de Castro Mendes, nascido em 1914

Sou neto do Benedito Castro Mendes, minha mãe era irmã do Cleso Castro Mendes, que foi quem herdou a Casa do Livro Azul. O Benedito teve um filho só (o Cleso) e várias filhas, minha mãe é a Julia.

O senhor chegou a trabalhar na Casa do Livro Azul? Não trabalhei não, vários primos trabalharam. Eu sempre tive mais contato com o jornalismo. Este livro aqui fui eu que escrevi. O escritório de meu tio era um foco de agitação política, e eu trabalhava lá como um menino de serviços gerais, varria, dava recados... Eu ouvia aquelas conversas sobre política, prestava atenção naquilo tudo e fui escrevendo, isto ficou sendo um documentário político. Aqui, por exemplo, tem uma reportagem sobre João Pessoa, o governador da Paraíba que foi assassinado. Os textos, as festas da família, casamentos, fofocas de família. Depois de circular por todos os parentes, meu avô dava um dinheirinho pra mim. Os tios liam, meu primeiro terno de calças compridas foi ele que deu. Ele ficou emocionado pelo que escrevi dele. Aqui tem uma reportagem sobre a Casa do Livro Azul. Ele gostou e me deu uma gorjeta e o terno. Este jornal é A Bomba. Eu mesmo datilografava e fazia as ilustrações. Eu tinha uns 17, 18 anos quando escrevi isto tudo. Este aqui, o Totó, trabalhou na Casa Livro Azul muito tempo, é meu primo. Aqui é um manifesto por São Paulo independente, antes da Revolução de 32.

Este livro eram folhas soltas, minha mãe encadernou mais tarde. Veja o Getúlio, Oswaldo Cruz, José Bonifácio, a Catedral nova, fofocas dos primos... Minha mãe guardou estes números. Eu sempre procurava ressaltar meu avô porque ele me dava um dinheirinho... Eu escrevia também no jornalzinho da Faculdade de Farmácia, onde eu estudava.

Aqui é a chácara do meu avô em Sousas. Era uma chacinha onde a gente ia fazer bagunça. Meu avô foi um homem paciente, tinha 20 netos, 20 demônios acabando com as plantas. Este escritório que eu trabalhava era do meu tio, advogado Pupo Nogueira.

Eu reproduzia as charges, não são minhas não. Este livro ficou sendo um documentário.

Os outros primos quase não escreviam, se dedicavam mais à música. Só eu me destacava no jornalismo. Tenho um primo mais velho, que foi professor da PUC, um grande professor. Este livro foi escrito por volta de 1930.

Minha mãe participou da Pastoral do Coelho Neto, foi uma participação importante. O pessoal se reunia na Casa do Livro Azul, a sociedade da época. Inclusive aconteceu um fato interessante, porque naquele tempo não existia luz elétrica e tinha um tio-avô que era um homem cheio de imaginação e ele conseguiu, por um processo que ele criou, iluminar o Teatro. Pela primeira vez Campinas viu luz elétrica, no dia da apresentação da peça. Esta Pastoral, marcou então, a primeira exibição com luz elétrica. Meio tímida ainda, mas ele era um homem progressista. Ele trouxe também o cinema pra Campinas. Em 1900 houve uma grande exposição em Paris, ele foi lá e trouxe uma máquina e vários filmes, dentre os quais um chamado Os Sete Pecados Capitais, e exibia para os amigos. E o bispo da época D. Nery pediu pra ver o filme, e todo mundo ficou incomodado, como levar o bispo pra ver o filme, que tinha umas mulheres dançando... E o meu avô foi disfarçando, mas D. Nery insistia, ele era um homem arejado. Ele foi amador de teatro, teve uma atuação intelectual muito forte, foi o primeiro bispo de Campinas. Deixou uma lembrança muito grande, doava dinheiro para os pobres. Deixou os cofres da igreja vazios. O bispo seguinte, D. Barreto, foi o contrário, era um grande financista e recuperou o dinheiro da igreja, mas não tinha simpatia popular. Na revolta de 1930, o povo ficou alucinado, a cidade ficou sem policiamento e

povo destruiu a Gazeta de Campinas, que era o jornal mais importante que tinha aqui. Eu assisti à destruição. Destruíu as casas do Partido Republicano. E depois quiseram destruir o Palácio do Bispo, aquela alucinação. O Dr. Quirino e o bispo se retiraram, o povo invadiu o palácio. Foi uma coisa horrível. Era a Revolução, o povo estava alucinado. Meu amigo que invadiu o Palácio começou a perder tudo, a vida dele começou a dar pra trás e ele ficou preocupado, pensando que era por ter apedrejado o Palácio do Bispo e quis ir lá pedir perdão. Meu amigo conseguiu que ele fosse lá no palácio pedir perdão para o bispo e foram lá e D. Barreto, muito superior, não deixou nem tocar no assunto. No fim deu pra ele uma medalhinha. O que houve foi o seguinte: um bispo que era amigo da população, dos pobres, que foi D. Nery e outro financista D. Barreto, um homem de idéias e cultura, mas que não tinha simpatia popular. D. Barreto tinha muito prestígio, a tal ponto que vieram do Rio de Janeiro umas senhoras que trouxeram rendas pra ele, roupas pra recuperar o Palácio que tinha sido destruído.

Esta fotografia está na Unicamp, em ponto grande, este que aparece aqui é o meu avô, o Rui Barbosa, a minha família toda. O pessoal da Unicamp colocou como se fosse o Barão Geraldo de Rezende. A minha família era muito unida ao Barão. Ele era dono da fazenda Santa Genebra. Antes do Instituto Agrônomo, quando vinha uma pessoa importante, o prefeito pedia para o Barão hospedar, porque a fazenda dele era muito bonita, um casarão enorme. Era um requinte mesmo, na hora do jantar tinha que vestir terno. Eu tenho um livro escrito pela filha Maria Amélia, um livro enorme, onde ela descreve toda aquela vida na fazenda, o tratamento dos escravos, a preocupação com os escravos, descreve inclusive a personalidade dos escravos. A gente vê ali que Campinas não justifica ter a fama de ser uma cidade perversa com os escravos. Quando na época da abolição, todos os escravos foram embora, mas depois voltaram arrependidos, porque lá tinham comida e emprego.

Meu avô tinha uma fazenda, mas não tinha escravos, foi depois da abolição.

O livro da M. Amélia foi publicado, conta a vida da sociedade e da época. O Barão tinha métodos de agricultura avançados e teve um escravo famoso, que pediu pra ser sepultado ao lado dele, e lá no cemitério, ele está lá, o túmulo dele ao lado do Barão. Era o escravo Toninho. O barão tinha fazendas enormes, lá onde hoje é Barão Geraldo. É triste o fim dele, ele morreu sozinho, dizem até que ele se suicidou, por causa da decadência da Fazenda Santa Genebra. Ele não se conformava com a decadência da fazenda, ele tinha métodos modernos de agricultura, era uma fazenda modelo. Ele estava percorrendo a fazenda a cavalo quando morreu, e os próprios escravos o trouxeram.

A Casa Genoud ficava na R. Barão de Jaguara esquina com César Bierrenbach. Era muito boa também, era concorrente da Livro Azul.

O Cleso era um artista, tocava piano muito bem. Esta máquina, primeira tipografia da Casa Livro Azul está lá na Associação de Imprensa Campineira. O Cleso, quando fechou a Casa Livro Azul já estava bem velho.

A Casa de meu avô concentrava toda a atividade artística de Campinas. Tinha o Clube Livro Azul, mas a minha casa também era freqüentada por muitos intelectuais. Meu avô gostava muito de música clássica. À tarde, quando ele chegava ele deitava no sofá e pedia para os netos irem trocando os discos. E eles gostavam, porque ganhavam sempre um dinheirinho. Este Clube Livro Azul funcionava no mesmo lugar, à noite se reuniam os intelectuais, as pessoas famosas da época.

ANEXO 2: QUADRO DAS PUBLICAÇÕES DA CASA
LIVRO AZUL

PUBLICAÇÃO DE LIVROS

LIVROS PUBLICADOS PELA CASA LIVRO AZUL ENCONTRADOS NO CENTRO DE MEMÓRIA
DA UNICAMP

ANO	QUANT.	OBSERVAÇÕES
1888	3	Data de publicação mais antiga
1890	1	
1893	4	
1896	1	
1899	1	
1900	1	
1901	2	
1902	2	
1903	3	
1904	3	
1905	3	
1906	2	
1907	2	
1908	5	Ano em que mais livros foram publicados
1909	2	
1910	1	
1911	2	
1912	1	
1914	1	
1915	1	
1916	1	
1917	2	
1918	2	
1919	2	
1920	2	
1922	1	
1923	1	
1924	2	
1926	2	
1928	1	
1930	3	
1931	1	
1936	1	
1939	2	
1940	1	
1941	2	
1942	1	
1943	1	
1944	1	
1945	1	
1946	2	
1947	2	
1949	1	
1951	1	
1954	1	Última data de publicação
TOTAL	78	Total de livros encontrados

PUBLICAÇÃO DE LIVROS POR ÁREAS DE INTERESSE

ÁREAS DE INTERESSE	TÍTULOS PUBLICADOS	QTDE
DESCRIÇÕES DE VIAGENS	Observações críticas e descrições de viagens (1888)	1
IGREJA / RELIGIÃO	Apocalypse por S.João (1903) / Carta pastoral despedindo-se da Diocese do Espírito Santo seguida de algumas noticias sobre a mesma diocese (1901) / Visões e ressonancias: alguns aspectos sociais do catholicismo no Brasil (1917) / Falsidades do protestantismo (1904) / Conferencia pronunciada no Congresso Eucharistico de SP, na noite de 3/06/1915 (1915)	5
MEMORIAIS	Polyanthea commemorativa do 8º anniversario do Grupo Escolar Dr. Quirino dos Santos (1908) / Memmorial commemorativo do 50º anniversario de sua fundação, Casa Livro Azul (1926) / Memmorial Commemorativo do 70º anniversario da Casa LivroAzul ... (1946) / Polyanthea, homenagem a memoria do Exmo. Revmo D. Joaquim José Vieira (1917) / Memmorial commemorativo do 60º anniversario da Casa Livro Azul... (1936) / Memmorial commemorativo do 75º anniversario da Casa Livro Azul (1951)	6
HISTÓRIA DE CAMPINAS	Campinas antiga (1905) / Núcleo colonial Barão Geraldo de Rezende (1908) / Monographia de Campinas (1903) / Álbum Propaganda de Campinas (1930)	3
EDUCAÇÃO	Pensamentos pedagógicos (1907) / Palestras sobre ensino (1900)	2
CLUBES	Rotary Clube de Campinas (1939)	1
LEIS TRABALHISTAS	Transformação do trabalho (1888) / Condições adaptadas nos contratos de colonos para a cultura de café, vinha e canna de assucar (1888)	2
TRANSPORTES	Da resistência dos trens e suas applicações (1930) / These sobre a viação férrea geral e a navegação fluvial no Brazil (1902) / Descrição das officinas de Campinas da Cia Mogyana (1908)	3

PUBLICAÇÕES OFICIAIS	Contracto entre o governo federal e a Companhia Mogyana (1893) / Contracto entre a Camara Municipal de Campinas e a Companhia Campineira de Tracção, Luz e Força (1911) / Memorial da Câmara Municipal de Campinas sobre suas divisas administrativas e judiciárias com o município de Santa Bárbara e com a Comarca de Piracicaba (1900) / Comarca de Campinas: minuta desaggravo, questão relativa ao entupimento de poços, debatida perante o juízo da 1ª vara (1893) / Relatório apresentado a Câmara Municipal de Campinas sobre os serviços sanitários e instrucção publica (1893) / Relatório dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Campinas em 1938 (1940) / Relatório dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Campinas em 1939 (1941) / Relatório dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Campinas em 1940 (1942) / Decretos-Leis e decretos promulgados no exercício de 1940 (1941) / Decretos-Leis e decretos promulgados no exercício de 1942 (1943) / Leis, resoluções e mais actos promulgados em 1896 (1896) / Leis, resoluções e provimentos promulgados durante o ano de 1905 (1906) / Decretos-leis e atos promulgados no exercício de 1939 (1939) / Relatório dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Campinas durante o exercicio de 1923 (1924) / Decretos-leis e decretos promulgados no exercício de 1944 (1945) / Decretos-leis e decretos promulgados no exercicio de 1946 (1946) / Leis,. Decretos e resoluções promulgadas no exercicio de 1948 (1949) / Leis, decretos e resoluções promulgados no exercício de 1953 (1954)	18
GEOMETRIA	Compendio de Geometria (1918)	1
GRAMÁTICA	Lições de Portuguez (1916) / A subjectividade do pronome se (1919) / Ensaio de glottologia (1919) / A função subjetiva do pronome se (1906)	4
BIOGRAFIAS	Prof. Luiz Fellipe Rosa (1931) / Auto-biografia de Francisco de Assis Vieira Bueno (1899) / O Dr. Heitor Penteado em Campinas (1947)	3
ARTES / CULTURA / MÚSICA	Um artista campineiro (1912) / Historia da musica (1918) / Curiosidades musicais (1920)	3

CIÊNCIAS / PLANTAS	Index floraes campinensis (1904)	1
MEDICINA	Tratamento racional do trachoma (1920)	1
ROMANCES / POESIAS / LITERATURA	Oásis (1914) / Ilha da Esperança (1944) / Ananke (1906) / Melancolia (1928) / A primeira culpa (1890) / Páginas contemporâneas (1901) / Alice (1903) / Feituras e feições (1905) / Nha Branca (1930) / O poeta crisfal (1909) / Apólogos (1904) / Coroa de Lyrios (1906) / Rimas Baldias (1908) / Estrellas errantes (1905)	14
COMÉRCIO	Exposição de motivos para o augement do campital ... (1923) / A questão entre a Mogyana e a societe financiere (1911) / Cálculos commerciais e tabellas de câmbios (1907)	3
HISTÓRIA	A monarchia portuguesa (1910) / Discurso em homenagem ao exmo. Sr. Presidente da república, proferido no R.J. (1922)	2
NÃO IDENTIFICADOS	Fascículos de decisões (1908) / Decisões de substituto nas comarcas de Pinhal, Itapira, Araraquara, Jahu e São José do Rio Pardo, 1922 a 1923 (1924) / Cartoes Postaes (1909)	3

OBSERVAÇÃO:
INVENTÁRIO DAS PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO CENTRO DE MEMÓRIA
DA UNICAMP